

DÉBORA CIAMPI ELLER

Autora de "Grama de Vidro"



O BLOQUEIO

perfeito

DÉBORA CIAMPI ELLER

Copyright © 2024 Débora Ciampi Eller

Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional pela autora.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrônico ou não, sem autorização expressa e por escrito da autora.

Capa: Laryssa Ribeiro

Diagramação: Débora Ciampi Eller

Revisão textual: Débora Ciampi Eller e Fabiane Ciampi Colenghi

A todos que já tiveram seus sonhos despedaçados.

CONTENTS

[Copyright](#)

[Dedication](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[EPÍLOGO](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[About The Author](#)

[Books By This Author](#)

PRÓLOGO

Poucas experiências se comparam a realizar um sonho.

Estar aqui, em um estádio olímpico, com a torcida ainda eufórica após a vitória que garantiu o ouro para o Brasil, era surreal. Era a realização de um sonho de um jeito que eu nunca havia imaginado.

Fechei os olhos, aproveitando o som da vitória.

Os cantos de guerra persistiam, as vuvuzelas ainda soavam, crianças soltavam gritos eufóricos erguidas nos ombros dos pais. A música alta estourava as caixas de som do estádio, acrescentando ainda mais alegria a toda a festa.

Abri os olhos, em busca de uma pessoa bastante específica.

Quando nossos olhares se cruzaram, sorrimos ao mesmo tempo.

Essa era uma das maiores surpresas desse sonho — tão novo e ao mesmo tempo tão antigo. Compartilhar esse sonho com alguém era a grande surpresa — não a maior, mas enorme.

Jamais imaginei quanta alegria poderia haver em um sonho compartilhado.

Afinal, esse sonho não era mais apenas algo meu. Era um sonho nosso.

CAPÍTULO 1

— **M**eu maior sonho? — Repousei uma mão no peito enquanto fingia não olhar para as câmeras nem me incomodar com os muitos flashes. — Com certeza ser uma atleta olímpica da Seleção Brasileira de Vôlei.

— *E como foi para você finalmente conquistar esse sonho?* — Engrossei a voz, fingindo ser um repórter.

Endireitei a postura encarando meu reflexo no espelho enquanto segurava meu creme de cabelo como se fosse um microfone.

— Ah, é muito gratificante. — Treinei um sorriso que equilibrasse humildade e empolgação. — Ver algo pelo qual trabalhei e literalmente suei por tantos *anos* enfim se tornando realidade não tem preço!

— *Você treina desde criança, não é mesmo?* — Incorporei o repórter mais uma vez.

— Ah, sim. Desde os 8 anos, para ser exata. Se alguém quer ser campeão mundial, precisa começar cedo.

— *Conte mais sobre como foi para...*

— Cáti, você me dá uma carona para o hipódromo? — Pérside arregaçou a porta do meu quarto, acabando com minha entrevista imaginária.

— Se você batesse na porta, talvez.

— Vai sair que horas?

Minha irmã mais nova nem se deu ao trabalho de responder à minha provocação. Devolvi ao meu creme de

cabelo sua função original e voltei a finalizar meus cachos escuros.

— Em *cinco* minutos. Nem um segundo a mais.

— Você ainda nem terminou de se arrumar.

— Só falta meu cabelo, ou!

— Sei. — Pér resmungou antes de sumir pela porta, que ela deixou aberta, é claro.

Por que os irmãos são incapazes de entrar no nosso quarto e fechar a porta ao sair? Não é tão difícil assim, convenhamos.

Observei meu reflexo no espelho para confirmar se estava tudo certo. Meu cabelo preto volumoso já se encontrava finalizado e definido, minha pele negra levava o mínimo de maquiagem — não via sentido em gastar meus produtos sabendo que vou suar durante as aulas —, e a mochila com tudo que precisaria ao longo do dia foi devidamente pendurada no meu ombro.

Dando-me por satisfeita, fui até o carro, chegando antes da minha irmã, como eu já esperava.

— Se você não aparecer em trinta segundos, vou sem você mesmo! — gritei na direção da casa.

— Estou chegando! — A voz de Pér me alcançou logo antes de ela aparecer esbaforida.

Ela abriu a porta de trás, onde depositou seu meio mundo de bolsas e sacolas.

— Para que tudo isso? — Ergui uma sobrancelha enquanto ela se sentava no carona e afivelava o cinto.

— Para eu poder tomar banho depois, você sabe. — Revirou os olhos castanhos. — Odeio sair de lá toda suada.

— O que aconteceu com seu carro? — perguntei enquanto manobrava o meu para sairmos do estacionamento de casa.

— Está no conserto.

— Bateu de novo?

— Não! — Ela pressionou os lábios carnudos, desviando o olhar para a janela. Segurei uma risada,

esperando que ela completasse a explicação: — Só arranhei a lateral na parede lá do hipódromo.

Minha risada finalmente escapou.

Pér era ótima na direção de um cavalo, mas não poderíamos dizer o mesmo sobre carros.

— Bom dia, Cláudia! — Cumprimentei a secretária do clube conforme cruzava as portas de vidro.

— Bom dia, Cátí! — Ela acenou com um sorriso.

Eu passava tanto tempo no Alcântara Clube^[1] que mais parecia que eu morava lá. E isso desde criança.

Eu treinava nesse mesmo clube desde pequena, porque ele era um dos melhores de Campinas. Passava aqui todas as minhas tardes. Chegava um pouco antes do treino e ficava até bem depois de ele já ter acabado, aproveitando para treinar ainda mais.

Quando eu fiz 16 anos, minha treinadora me convidou para ajudá-la nas aulas de uma de suas turmas. Aos 18, fui oficialmente contratada pelo Alcântara como professora e, desde então, eu passava mais tempo aqui do que em casa.

— E aí, qual vai ser o vídeo de hoje? — Rê, minha colega de time, que cresceu comigo aqui no clube, perguntou ao se aproximar de mim.

— Vídeos, você quer dizer, né? — Sorri para ela. — Eu nunca gravo só um.

— Tão precavida...

Dei de ombros, com um sorrisinho de canto.

— Mas você não me respondeu — ela insistiu.

Voltei minha atenção para o *ring light* que eu estava montando de frente para a parede de uma quadra que eu sabia que não seria utilizada naquele horário.

— Ah, nada de mais... — falei. — Alguns vídeos de alongamento, algumas dicas de como melhorar o saque, alguns treinos para fortalecer o punho, essas coisas.

— Show, por onde começamos?

— Pelos alongamentos, vamos fazer como se a gente estivesse treinando mesmo, fica até melhor para a gente.

Eu tinha um perfil no Instagram, o @cati.belmonte, voltado para esse universo do vôlei. Eu falava de tudo um pouco do que tinha para ser dito sobre o assunto: comentava os jogos, dava dicas de alongamento e aquecimento, passava alguns treinos simples para fazer em casa, e outras coisas do tipo.

Comecei durante a pandemia, para me ocupar um pouco e não enlouquecer, já que não sair de casa, para alguém ativa como eu, era quase o mesmo que a morte. Há pouco mais de dois anos, meu perfil começou a crescer “do nada” — entre aspas, porque não acredito que nada aconteça por acaso. Acredito que muito esforço precisa ser despendido antes que algo aconteça “do nada”. Além de que, é claro, quem tem o controle de tudo nas mãos é o Senhor, e eu creio que Ele usa nossos esforços para que, “do nada”, as coisas vão para frente.

Enfim, nesses últimos dois anos, meu perfil foi ganhando mais e mais visibilidade, a ponto de hoje eu fazer até algumas publis, que me rendem um dinheiro bom. Além de que eu também acabei conquistando muito respeito no meio esportivo e, nos últimos tempos, passei a receber diversos convites para comentar sobre os jogos — tanto na TV (só uma vez, para ser exata) quanto em podcasts, lives e outras mídias sociais, que eram onde eu vinha recebendo mais destaque.

— Certo — falei ao finalizar com a luz e a câmera. — Vamos começar, então.

Rê, que, além de minha amiga de infância, era também atleta oficial da Seleção Brasileira de Vôlei, posicionou-se na frente da câmera e começamos a gravar o primeiro vídeo.

De vez em quando, eu convidava alguns dos meus amigos profissionais para participarem dos posts no meu Insta, assim eu não precisava fazer tudo e, ao mesmo

tempo, trazia mais visibilidade tanto para mim quanto para eles.

Pela próxima hora, eu e Rê nos revezamos para gravar os vídeos que eu havia me programado para produzir naquele dia.

Quando nosso horário livre terminou, cada uma se dirigiu para sua respectiva quadra. Rê, para um dos últimos treinos com o time oficial do clube antes de um jogo importante na quinta; e eu, para a aula que daria para a minha turma de sub-17.

— Vamos lá, meninas! — Após quase duas horas de treino, elas estavam exaustas. — Só mais três séries e encerramos por hoje, tudo bem?

Elas assentiram, ofegantes, mas focadas.

Dei um tempo para que enxugassem os rostos e tomassem um gole de água antes de terminar o treino, que, eu reconhecia, havia sido puxado; mas as finais estavam se aproximando, afinal.

— Bora, bora! Para finalizar, meninas! — Bati palmas, convocando todas para a quadra mais uma vez.

Quando elas se posicionaram, apitei e logo elas deram início a mais uma sequência das cortadas que estávamos praticando naquela tarde.

A concentração recém-adquirida delas, porém, mal durou um minuto, porque logo elas fixaram seus olhos brilhantes em algo bem atrás de mim.

Virei, seguindo a direção que elas encaravam, e me deparei com ninguém mais, ninguém menos que...

— Edu!

— Carva!

Várias delas exclamaram ao mesmo tempo e eu revirei os olhos.

Sim, o jogador estrelinha do clube — e da cidade, e talvez até do *Brasil* — era conhecido tanto como Edu quanto como Carva, porque ele se chamava Eduardo Carvalho, e as

peessoas pareciam ter preguiça de pronunciar seu nome inteiro.

Minha expressão de tédio denunciou minha alegria ao vê-lo conforme Carva se aproximava da quadra. Ele vinha andando a passos tranquilos, sem pressa. Sempre me impressionava o fato de que uma pessoa de 2 metros e pouco de altura e mais de 90 quilos pudesse ter um andar tão leve, mas ele tinha.

Seu sorriso, um adereço sempre presente em seu rosto, parecia reluzir, destacado por sua pele parda. O cabelo castanho-escuro, ondulado e curto estava penteado para trás, como sempre, e seus olhos, também castanhos, demonstravam empolgação.

— E aí, meninas! — Carva cumprimentou todo mundo como se fosse, sei lá, o Peter Harrison da Grass of Glass^[2], que de fato é mundialmente famoso, e não apenas um jogadorzinho qualquer de uma cidade quase do interior de São Paulo. — Estão mandando ver, hein!

Tudo bem, talvez eu não estivesse sendo completamente justa. Fazia tempo que Edu deixara de ser “um jogadorzinho qualquer de uma cidade quase do interior de São Paulo”... Ele fazia parte da Seleção Brasileira de Volêi, afinal.

De qualquer forma, revirei os olhos mais uma vez. Não consegui evitar.

Estar na presença de Edu era sinônimo de transformar meus globos oculares em relógios de ponteiro numa versão acelerada e interminável.

Era muita pompa para uma pessoa só, fala sério.

— Vem jogar com a gente, Eduzinho! — Jé, uma das minhas alunas, convidou, para a minha indignação ficar completa.

Quase todas as meninas tinham um *crush* enorme e nada discreto nele — mas nunca dava em nada pelo fato de

que Edu era cristão e, por isso, obviamente não pegava ninguém.

— Aí depende da treinadora de vocês... — Edu sorriu.

Bufoi.

Claro, passando a bola para mim, por que não?

— Você está brincando, né? — Tatá arregalou os olhos.

— É lógico que a Cátia vai deixar! Vai ser uma *honra* jogar com você!

E meus olhos — vocês já sabem, né? — se reviraram mais uma vez.

— E aí, treinadora? — Edu brilhou seu sorriso tão famoso para mim.

— Você sabe muito bem que se eu dissesse “não” eu seria crucificada, Eduardo. — Cruzei os braços, cansada desse teatrinho.

Estava *óbvio* que toda essa cautela era só para manter sua aparência de bom garoto educado, o auge da gentileza, o último espécime existente do cavalheirismo.

De qualquer forma, não é como se eu tivesse outra escolha. Se eu dissesse “não”, meu treino estaria arruinado. As meninas reclamariam sem parar e a concentração delas iria para o ralo. A melhor solução, nesse caso, seria trazer a distração delas para perto e torná-la produtiva de alguma forma.

— Só entra logo na porcaria de um time e compartilha com as meninas um pouco da sua infinita sabedoria sobre o vôlei — resmunguei.

— Boa tarde para você também, Catarina. — Eduardo sorriu para mim com uma pitada de ironia que só eu parecia capaz de identificar, uma vez que todos os outros seres humanos da face da terra pareciam achar que ele era a pessoa mais gente boa que já pisou neste planeta.

Forcei um sorriso tão falso quanto o dele e disse:

— Boa tarde. Agora anda, você está atrapalhando meu treino.

— Você me pede com tanto jeitinho que nem tenho como dizer “não”.

Balancei a cabeça.

— Tudo bem... — Bati palmas mais uma vez após Carva se posicionar, tentando reconquistar a atenção das minhas alunas, mas era um caso perdido.

Ou talvez nem tanto — se eu conseguisse colocar meu plano recém-traçado em prática.

— Eduardo — chamei —, por que você não demonstra para elas como faz a cortada cravada?

— Agora.

Ele se colocou diante da rede e ficou a postos. Pedi que uma das meninas passasse a bola para ele como vínhamos treinando, e ele a jogou do outro lado da rede, bem na zona de ataque, sem a menor dificuldade — ainda que eu tenha percebido que ele não colocou toda a força que poderia no golpe.

Tatá, no time adversário, conseguiu recepcionar a bola, evitando que seu time levasse um ponto, caso estivéssemos jogando de fato.

Seguimos treinando, ora com Carva demonstrando o passe, ora com ele levantando a bola para as meninas, e, odeio dizer, a presença dele parecia ter feito com que o treino ficasse mais eficiente. Todas se esforçavam ao máximo para mostrar suas habilidades para Edu, na esperança óbvia de conquistar o mínimo de sua atenção.

Quando nosso horário terminou, finalizei o treino, dei alguns *feedbacks* e instruções finais, e dispensei a turma.

— Que treino, hein, meninas! Estão arrasando! — Rê gritou do lado de fora da quadra.

As meninas se entreolharam, satisfeitas, e agradeceram a ela todas alegres. Não era sempre que se recebia o elogio de uma atleta olímpica — e aquele já era o segundo do dia!

— E aí, Rê, nem te vi chegando! — falei.

— Estou aqui há pouco tempo, e não falei nada, porque não queria atrapalhar sua aula.

Encarei o Carva, mas falei para Rê:

— Certas pessoas podiam aprender com seu exemplo. Carva revirou os olhos.

— Eu perguntei se eu podia participar — ele disse. — Se você não queria minha presença, era só ter falado “não”.
Aí eu revirei os olhos.

— Ok, Carva, não vamos entrar nessa questão de novo.

Ao invés de gastar energia discutindo com ele, fui recolher as bolas espalhadas pela quadra. Edu, é claro, logo começou a fazer o mesmo.

— Não precisa. — Forcei um sorriso para ele, afinal, ele estava tentando ajudar. — Mas obrigada.

— É de boa.

— Não, sério. Você já me ajudou demais hoje.

— Então não seria problema nenhum se eu te ajudasse mais um pouco.

Revirei os olhos. Sempre tão solícito...

Recolhemos as bolas em silêncio e, também sem trocarmos uma palavra, ele me ajudou a retirar a rede da quadra.

— Pode deixar que eu levo lá no depósito para você. — Edu se ofereceu.

— Não precisa, eu realmente sou capaz de exercer minhas próprias funções. — Sorri no final, tentando quebrar a acidez involuntária da minha frase.

Ele ergueu as sobrancelhas e disse:

— Foi mal, não queria ofender.

— Claro que não.

Ele ignorou meu resmungo. Ao invés disso, perguntou:

— Nos vemos amanhã, então?

— Não que eu tenha muita escolha.

— Você é sempre gentil assim, Chatarina?

Já estava acostumada a esse apelidinho infame que ele me deu quando a gente tinha uns 15 anos, então nem me abalei:

— Pelo menos sou a mesma com todas as pessoas.

— Não entendi. — Ele ergueu as sobrancelhas para mim.

Balancei a cabeça.

— Nada, nada... só acho engraçado você bancar o gente boaça na frente de todo mundo, mas vir cheio das piadinhas sem graça para cima de mim.

— Isso não justifica ser mal-educada.

Ah, se eu pudesse dar um tapa nele...

— Não sou mal-educada.

— Não? Então é o quê? — Ele cruzou os braços na minha frente. — E nem vem me dizer que você só tem gênio forte ou qualquer palhaçada do tipo, porque a gente é cristão e nós dois sabemos muito bem que nossa personalidade pecaminosa não é justificativa para permanecermos no pecado.

Revirei os olhos.

— Ah, por favor, Eduardo, não me venha com mais uma das suas palestrinhas agora.

— Não é palestrinha, só um lembrete de um irmão.

— Sei, sei, porque é função de um crente exortar o outro, certo?

— Exatamente.

— Mas tenho certeza de que não é desse jeito.

— E como é, então?

— Não sei, Eduardo, por que você não estuda um pouco sobre o assunto e depois vem me ensinar?

Peguei a alça da bolsa com as bolas e a pendurei no ombro.

— Até mais — falei antes que ele dissesse mais qualquer coisa.

Saí bufando da quadra e fui até onde Rê me esperava.

Ela ergueu as sobrancelhas para mim. Apesar de não ter escutado o que eu e Carva falávamos, estava bem claro que era mais uma de nossas briguinhas.

— Refresque minha memória... — Rê disse enquanto nos dirigíamos à sala em que guardávamos os equipamentos. — Por que mesmo você odeia o Carva?

— Eu não *odeio* o Carva, só não vou com a cara dele.

— E por que mesmo?

— Porque ele se mete na vida de todo mundo, além de que se acha demais.

Rê ergueu as sobrancelhas.

— Se você diz...

Franzi o cenho.

— Ai, Rê, não me venha defender o Carva também, não. Preciso de pelo menos uma pessoa do meu lado!

Minha amiga ergueu as mãos.

— Ok, ok, não está mais aqui quem falou!

CAPÍTULO 2

— **B**om dia, time! — Cumprimentei a galera que ia chegando na live. — Como vocês estão nesta bela manhã de sol? — Ergui o rosto para o céu azul-claro e límpido que se erguia diante de mim.

Era um pouco mais de seis da manhã e eu me encontrava na parte de trás da minha casa. Como já era minha rotina, eu havia posicionado meu celular em um tripé e iniciado minha live matinal de alongamento.

— Dormiram bem? — continuei puxando assunto para a galera ir respondendo nos comentários enquanto eu dava meus minutinhos de tolerância para os atrasados chegarem.

Por incrível que pareça, minhas lives de alongamento às 6h da manhã estavam sempre lotadas. Aparentemente eu não era a única doida o suficiente para iniciar o dia já com uma atividade física.

— Pronto, acho que já podemos começar, então. — Sorri para a câmera, vendo que já havíamos atingido um número de pessoas assistindo próximo ao habitual. — Aproveitando que hoje é sábado e que estou lendo Êxodo na minha devocional, queria refletir um pouco com vocês sobre descanso.

Eu nem lembrava mais direito como tinha começado, mas já era tradição nas minhas lives eu trazer um pequeno estudo bíblico, de no máximo 5 ou 10 minutos, antes de iniciarmos os alongamentos.

— Em Êxodo 20, a partir do versículo 8, diz... — Peguei a Bíblia que eu havia deixado na mesa ao lado do tripé e li: — “Lembre-se de guardar o sábado, fazendo dele um dia santo. Você tem seis dias na semana para fazer os

trabalhos habituais, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, seu Deus. Nesse dia, ninguém em sua casa fará trabalho algum..." e o texto continua, mas queria pensar até aqui.^[3]

Deixei a Bíblia de volta na mesa e continuei:

— Não quero trazer um estudo sobre as discussões teológicas sobre qual é o Dia do Senhor e como devemos guardá-lo, porque não é esse o objetivo aqui das lives. — Abri um pequeno sorriso. — Eu só queria refletir com vocês sobre a importância do descanso, e como isso tem tudo a ver com nosso rendimento no vôlei. Para início de conversa, o descanso é uma ordem de Deus. A gente vê isso desde Gênesis, quando Deus descansou depois de criar o mundo em seis dias, e fica ainda mais claro aqui em Êxodo, quando Ele manda, com todas as letras, que a gente descanse.

Peguei minha garrafinha, que estava na mesa também, e bebi um gole de água.

— Se você é teimoso como eu, tenho certeza de que tem muita dificuldade em obedecer a esse mandamento em específico. Como assim descansar? Eu tenho tanta coisa para fazer! E preciso me esforçar se eu quiser ser o melhor! — Ajeitei atrás da orelha um cacho que havia se soltado do rabo de cavalo. — Eu era exatamente assim. Passei a adolescência inteira tão focada em ser a melhor jogadora de vôlei que eu simplesmente ignorava todas as puxadas de orelha da minha treinadora me mandando descansar e treinava, e treinava, e treinava. Aos poucos, meu ombro direito começou a doer, mas pensei: não vou parar por causa disso. Deve ser só o músculo se fortalecendo ou qualquer coisa assim, a solução para essa dor passar é treinar *mais*.

Balancei a cabeça.

— Maluca, eu sei. Mas, como se não bastasse, eu decidi não ir investigar essa dor. Na minha cabeça, não era nada. E continuei treinando, mesmo com meu ombro gritando a cada movimento. É como dizem, né? Sem dor,

sem ganho. Sabem que horas eu fui dar atenção ao meu ombro?

Pausei, esperando o chat se pronunciar, então prossegui:

— Quando eu caí em um jogo megaimportante de um campeonato e quebrei meu braço. Iam fazer o raio-X apenas do meu cotovelo para baixo, mas perceberam meu incômodo toda vez que tocavam no meu ombro e resolveram investigar também. Minha cartilagem estava desgastada, por isso eu sentia tanta dor.

Respirei fundo, para manter tudo que eu sentia em relação a isso bem guardado lá no fundo do meu inconsciente. Não queria reviver um dos piores momentos da minha vida.

— Conclusão: eu estava tão focada em querer ser a melhor no vôlei e treinar até dizer chega que ignorei a ordem de Deus para descansar e as instruções da minha treinadora. A consequência? Nunca mais vou conseguir participar de um time oficial, porque, além do ombro lesionado, também consegui um pino no cotovelo após minha queda. Então, time, descensem!

Olhei bem para a câmera nessa hora.

— Sei que estou sempre falando para vocês darem o melhor de si, terem disciplina e se dedicarem ao máximo, mas o descanso também é uma parte essencial nesse processo. Ok?

Um monte de “ok” e joinhas começaram a subir no chat.

— Vamos finalizar com uma oração, então, e já começamos nosso alongamento.



— E aí, Catarina — Edu se apoiou na bancada atrás de si. —, animada para as Olimpíadas?

Márcia, a responsável pelas mídias sociais do Alcântara, estava ocupada conversando com os fotógrafos espalhados pela sala em que tiraríamos algumas fotos de propaganda do clube, deixando eu e Edu sem ter mais ninguém com quem conversar — o que para mim seria algo ok, mas Carva aparentemente não conseguia se manter em silêncio, na dele, e por isso resolveu vir puxar assunto comigo.

De qualquer forma, ele não poderia ter escolhido um tópico pior. Mas não sei por que fiquei surpresa com isso. Na verdade, não duvidava nada de que ele tivesse entrado nesse assunto justamente para me provocar, para se achar um pouco, como gostava tanto de fazer.

Minha única resposta foi lançar um olhar tão cortante que deve ter arranhado sua pele. Edu ergueu as sobrancelhas.

— O quê? — Ele parecia genuinamente confuso, mas não me enganava.

Já estavam claras as suas intenções. Ele queria só exibir um pouco mais o fato de que ele iria para as Olimpíadas como *atleta* da porcaria do time *titular* da *Seleção Brasileira de Vôlei!*

— Ha, ha. Engraçadinho. — Foi o que decidi dizer.

Ele ergueu ainda mais as sobrancelhas.

— Que foi? Eu achei que você ia.

— E vou.

Apenas para *assistir*, e ele sabia muito bem disso.

— Então. Para que o drama?

— Drama? Você que se acha demais.

— Credo, só fiz uma pergunta.

— Claro, sempre muito inocente.

— Nossa, não sabia que você era tão dodozinha.

— Esse seu lado você não mostra, né? — Olhei para ele sentindo meu sangue ferver.

— Que lado?

— Grosso, irritante e controlador, mas você jura que é todo engraçadinho. Fica nisso de me chamar de Chatarina e Cháti, achando que é a melhor sacada do século, mas para os outros paga de garoto educado e bom partido.

— Já parou para pensar que eu sou legal com as outras pessoas porque elas são legais também?

Arfei, recuando um passo.

— Como é?

— Você me ouviu. — Ele avançou o passo que eu dei para trás. — Se você fosse mais legal comigo, eu também seria mais legal com você.

— Se você não fosse tão intrometido, eu seria mais legal com você.

— Não sou intrometido.

— Não? — Ergui uma sobrancelha. — Então como você chama uma pessoa que dá pitaco na vida de todo mundo?

— Não dou pitaco, dou conselho.

— Um conselho, quando não pedido, se torna pitaco.

Ele abriu e fechou a boca uma vez, em seguida sua expressão endureceu.

— Isso não justifica sua chatice.

— E minha chatice não justifica a sua. — Cruzei os braços. — Você vive querendo pagar de supercrente, mas tem que fazer o serviço direito. Se você quer ser como Jesus, você tem que amar sem medidas, sem seletividade, inclusive os chatos como eu.

— Eu estou tentando, Catarina! — Ele ergueu as mãos. — Acredite você ou não, eu estou tentando, mas é que você dificulta *muito* o processo, sabe?

Ergui as sobrancelhas.

— Bom, então talvez você deva orar mais.

— E você também, para ver se para de ser arrogante assim.

— Olha o sujo falando do mal-lavado.

— Não nego. Mas eu pelo menos reconheço meu pecado e tenho lutado contra ele, e você?

Meu sangue borbulhou.

— Para de ser hipócrita, Eduardo! Você fica me chamando de chata, mas você é insuportável!

Ele balançou a cabeça.

Eu estava literalmente bufando, mas então um dos versículos da Bíblia mais difíceis de serem obedecidos, na minha opinião, retumbou na minha mente:

“Irai-vos e não pequeis”.^[4]

Me perdoa, Senhor, porque já pequei. Por favor, me ajude a não pecar ainda mais.

Cruzei os braços e olhei ao redor da sala, tentando me conter.

— Quem falta ainda? — resmunguei num tom mais controlado, sem olhar para Edu, ainda irritada demais para isso, mas tentando agir com mansidão, amor, domínio próprio e todo o resto do fruto do Espírito.

— Só a Rê — ele disse, em um tom igualmente comedido.

— Vamos ser só nós três?

— É, as maiores estrelas do clube.

Um som engraçado escapou por minha boca, uma mistura de bufo com risada.

“As maiores estrelas do clube”, sei. Edu e Rê, que estão na Seleção Brasileira, ok. Mas e eu? Eu sou uma mera blogueira que deu sorte de ficar famosa. Isso me transforma em uma das maiores estrelas do clube? Não, acho que não. Com certeza não.

Na verdade, isso apenas realça meu fracasso.

Nunca consegui ascender ao Olimpo, então eu deveria me contentar a viver na plateia, com os outros reles mortais. Incapazes de conquistar algo tão grande quanto as Olimpíadas.

Fracasso. Eu poderia me definir assim. Um grande e completo fracasso.

Tentava não pensar muito nisso, mas eram os fatos. Meus pais investiram em mim por tanto tempo e para quê? Para eu não conseguir ser mais que uma atleta local.

Sim, por muitos anos fiz parte do time da cidade e já ganhamos alguns campeonatos, mas nunca me destaquei como o Carva.

Nunca recebi a atenção de nenhum investidor nem me tornei pupila de um dos maiores treinadores do País, muito menos fui convidada para fazer parte da seleção oficial do Brasil aos 16 anos.

E, considerando que eu entrei no clube antes do Edu, que só começou aos 10 anos, e que tínhamos basicamente a mesma rotina de treino e as mesmas oportunidades, minha única conclusão era: ele realmente tinha talento para o vôlei; e eu não. Se eu tivesse, eu teria sido convidada antes de tudo o que aconteceu comigo, antes de esse convite se tornar algo completamente inalcançável.

Mas, então, por que continuo tão fissurada? Por que o vôlei continua aquecendo meu coração? Por que continuo tão empenhada e treinando com tanta disciplina?

Por que me permito continuar sonhando em um dia participar das Olimpíadas?

Sejamos realistas. Já estou com 24 anos. Ainda sou jovem, mas, com meu braço debilitado, fiquei completamente fora do radar dos técnicos.

Então, para que continuar sonhando?

— Ótimo, a Renata chegou também! — Márcia comemorou batendo palmas.

Recompus a expressão no meu rosto.

Não podia ter esse tipo de crise existencial assim, em público. Para ser sincera, o ideal era que eu não tivesse nem em particular.

— Oi, amiga! — Rê me abraçou, interrompendo mais uma vez meu fluxo de pensamentos.

— Oi. — Tentei sorrir, mas saiu um tanto forçado. Felizmente, Rê não percebeu, porque já estava cumprimentando Edu.

— Grande Carva! — Ela o abraçou. — E aí, animado?

Ela não precisava nem completar a frase, todos sabíamos que ela se referia aos Jogos Olímpicos. O único assunto possível, considerando que estávamos a um mês do maior evento esportivo do mundo.

— Nossa, demais! — Carva brilhou seu sorriso empolgado para a minha amiga. — Estou nervoso como se fosse minha primeira vez.

Rê deu uma risada.

— Sei como é. Me pergunto se vai ser assim sempre.

Engoli em seco e me esforcei para manter uma expressão indiferente no meu rosto. Como se ouvir duas pessoas próximas de mim comentando sobre como é realizar o sonho da minha vida, um que eu provavelmente nunca vou viver, não me machucasse nem um pouco.

— Bom, vamos começar, então? — Márcia se aproximou, alheia à conversa que se desenrolava entre os dois atletas de ouro do clube.

Fomos colocados em diversas poses diferentes e fiz meu melhor para manter minha cabeça vazia ao longo de toda a sessão. Já não bastava eu ser uma fracassada, eu não precisava exalar a aura de uma nas fotos também. Tudo bem que isso já seria um tanto inevitável. Fala sério, que credibilidade tem uma mera blogueira esportiva no meio de dois atletas olímpicos? É tipo chamar um burro para tirar foto com dois cavalos de raça só porque todos são equinos.

A minha sensação era a de que eu havia sido convidada para essa sessão de fotos apenas como uma forma de caridade. “A Cáti está aqui todo dia o dia todo, tadinha, vamos dar pelo menos um pouquinho de reconhecimento para ela”.

Eu odiava essa linha de raciocínio. Odiava como ela me fazia parecer uma chata autodepreciativa em um

momento insuportável de autocomiseração, mas, bem... era a verdade, não?

Eu vinha lutando contra esses sentimentos há alguns meses. Há *vários* meses, para ser sincera. Mas agora, com os Jogos Olímpicos tão iminentes e tão em alta, tudo ficava mais difícil, mais sofrido, quase impossível de suportar.

A sessão de fotos enfim acabou e me despedi de todos o mais depressa possível, doida para voltar para casa e poder esquecer um pouco de tudo isso. Poder desfrutar um pouco da paz de não ter que ficar ouvindo sobre Olimpíadas nem ser lembrada a cada segundo dos meus sonhos despedaçados.



Ledo engano.

Se achei que, em casa, eu poderia ter um tempo para me curar das feridas que ganhei na sessão de fotos, foi um ledo engano.

Assim que abri a porta, dei de cara com minha família reunida na sala de estar perto da entrada em uma chamada de vídeo com Yumi, minha irmã adotiva, que morava em Aracaju.

— E como estão os treinos, querida? — mamãe perguntou, ainda sem reparar que eu havia chegado.

Larguei minhas bolsas de qualquer jeito perto da porta, onde deixei também meus sapatos, e me dirigi até a sala. Apesar de tudo, estava com saudades da caçulinha e, por mais que doesse, queria me atualizar sobre a vida dela.

— Bem puxados agora, na reta final — Yumi respondeu. — Estou toda dolorida.

— Nossa, nem fala! — Pér suspirou. — Mal estou conseguindo sentar. A sela está acabando com as minhas

coxas.

— Oi, querida! — Meu pai foi o primeiro a reparar na minha presença, mais para o canto, apenas observando a interação da minha família enquanto criava coragem para me juntar a eles.

— E chegou a terceira das irmãs Belmonte! — Yumi exclamou, vendo-me por meio da câmera que minha mãe fez questão de virar em minha direção.

— A terceira, não; a primeira. Me respeita, que sou a mais velha. — Abri um sorrisinho de canto, para deixar claro que estava brincando, e me joguei em uma das poltronas vagas. — Também senti sua falta, irmãzinha.

— Sentiu nada! Do jeito que você mal para em casa, não deve nem ter percebido que eu já voltei das férias.

Mostrei a língua para ela, como a pessoa madura que eu era. Yumi apenas deu risada.

— Mas, por favor, não interrompa seu relatório por mim. Quero saber como estão os treinos — falei, e estava sendo sincera.

Essa é a coisa engraçada de um sonho despedaçado. Ele nos faz lamentar toda vez que vemos alguém realizá-lo, mas, quando é alguém que amamos, o sentimento vem misturado também com alegria genuína.

Ambas as minhas irmãs mais novas estão indo para as Olimpíadas. E não apenas para assistir, como eu. Não. Elas estão indo como atletas olímpicas.

Pérside é uma das representantes do Brasil no hipismo e Yumi, na ginástica.

Quando recebi essas notícias, me senti a pior pessoa do mundo. Não porque eu tenha ficado triste. Não, muito pelo contrário. Fiquei muito, muito feliz por elas. Esse era um dos sonhos que compartilhávamos desde crianças. Vê-las realizando-o era extremamente gratificante e satisfatório.

Mas, infelizmente, somos capazes de ter sentimentos bons e ruins ao mesmo tempo. Santos e pecaminosos.

Contaminando essa minha alegria, vinha mesclada a inveja.

“Cáti, você não vai acreditar!” A voz da Pér ainda ecoava na minha memória. “Fui convidada oficialmente para as Olimpíadas!”

“Que incrível, Pér!” Gritei, com honestidade, espremendo-a em um dos abraços mais apertados que já lembro de ter dado nela.

Mas, ao mesmo tempo, eu me sentia um monstro, porque, bem lá no fundo — talvez não tão fundo quanto eu gostaria —, algo dentro de mim se corroía. *Por que ela e não eu? Por que ela conseguiu, mas eu não? Por que, Deus, o Senhor dá o que tanto desejo a todos a minha volta, menos para mim?*

Era difícil, extremamente difícil, ter que conviver todos os dias com pessoas realizando meu sonho sem eu viver isso junto.

Era excruciante ter que lidar com o fato de que minhas irmãs mais novas, minha melhor amiga e o cara que eu não suportava estavam todos alcançando o que sempre me dediquei tanto para conquistar. E eu não.

Yumi continuou compartilhando sobre sua rotina puxada de ensaios, Pérside também comentava sobre como vinham sendo seus treinos insanos nessa reta final pré-olimpíada, mas eu mal escutei.

Desde a sessão de fotos, o sentimento de fracasso vinha se apoderando de mim.

Não sou de desistir. Não sou de me abalar.

Sou de ver um obstáculo e me empolgar para ultrapassá-lo. Mas que perspectiva eu tinha de ultrapassar meu obstáculo se ele era tão intransponível?

E, se ele era tão intransponível, por que continuar tentando?

Qual era o sentido de persistir em algo que eu obviamente nunca alcançaria?

Por que eu ainda me desgastava com essa causa perdida?

E o fato de ser um sonho impossível não deveria já ter deixado claro para mim que essa não era a vontade de Deus? Afinal, se eu fracassei no que eu mais queria, foi porque Deus não permitiu que eu realizasse meus sonhos, o que só poderia significar que não estava de acordo com Sua vontade.

E foi isso que me fez finalmente entender.

Havia chegado a hora. Não, já havia passado e muito da hora, eu que não queria ver. Eu que não queria aceitar.

Mas agora estava claro como cristal.

Era hora de desistir.

CAPÍTULO 3

É um tanto estranha a sensação de acordar após a morte de um sonho. É um sentimento de vazio, um peso de desânimo, um desejo de deixar de existir.

Mas, ainda assim, me levantei.

Desliguei o despertador, pronta para começar mais um dia de rotina normal, mas então me lembrei: eu havia desistido.

Então, não havia mais sentido em correr todo dia às 5h da manhã, havia?

Também não havia mais sentido em fazer minhas lives matutinas diárias de alongamento no meu perfil.

Mas e os patrocínios? A parte sensata de mim me perguntou. E os contratos que firmamos? E as obrigações que ainda temos para cumprir?

Suspirei e calcei os tênis, pela força do hábito.

Eu teria que dar um jeito nisso tudo. Cumpriria tudo que havia me comprometido a fazer, mas seria apenas isso. Depois, seria o fim. O fim do meu Instagram esportivo, o fim das minhas aulas de vôlei, o fim de qualquer tipo de contato que eu pudesse ter com esse ou com qualquer outro esporte.

Eu precisaria encontrar um novo sonho. Descobrir, afinal, o que Deus queria para mim.

Cozinhar, por exemplo... eu amava cozinhar. Ou talvez tentar fazer algum curso na área de publicidade, já que eu gostava de administrar minhas contas nas redes sociais.

Talvez eu pudesse me tornar uma *social media* e cuidar do perfil de outras pessoas.

Sim, parecia um bom caminho. E era hora de começar a colocá-lo em prática.

O primeiro passo seria me desvencilhar do que eu já podia. Eu tinha alguns contratos a cumprir em relação ao meu Instagram — ainda precisava fazer a propaganda de alguns produtos e deveria fazer um *vlog* para o clube, acompanhando tanto a Rê quanto o Edu antes, durante e depois das Olimpíadas. Falando no clube, eu também não poderia me desligar dele agora, uma vez que meu contrato iria até o final do ano, então precisaria continuar dando aula para as minhas turmas pelo menos por mais alguns meses; mas tudo bem. Por um lado, era até bom para eu me preparar — financeiramente inclusive — para começar minha nova vida.

Mas, então, vamos ao primeiro passo.

Peguei meu celular, abri no meu perfil e comecei a preparar um *story*. Bem simples, prático e básico, sem ficar pensando muito em como fazer. Apenas usei um fundo preto e escrevi um texto em cima, explicando que estaria diminuindo o ritmo da conta aos poucos.

Eu ainda não podia afirmar de forma categórica que em breve eu excluiria aquele perfil, considerando os contratos e tudo o mais, mas nada me impedia de ir preparando o terreno, certo?

Como assim "um tempo off"?

A notificação de um número desconhecido apareceu na parte superior do meu celular. Franzi o cenho.

Quem é essa pessoa?

Cliquei na notificação e abri a conversa, mas não havia foto nenhuma no contato. Apenas a mensagem com um *print* do *story* que eu havia acabado de postar.

Quem é?

N tem meu contato salvo Chatarina?

Revirei os olhos. Era só o que me faltava mesmo.

Como você conseguiu meu número?

Mas Eduardo, sendo Eduardo, ignorou minha pergunta, é claro. Ao invés disso, apenas respondeu com um ponto final à primeira mensagem que havia me enviado, reforçando a pergunta.

Meu sangue ferveu. *Que cara chato!*

Mas também sei jogar esse jogo. Então também apenas respondi com um ponto final à minha mensagem perguntando como ele tinha conseguido meu contato.

**Se vc n qr me falar pq resolveu
fugir do nada td bem
Só fiquei preocupado**

Ainda bem que não tenho uma força sobrehumana, senão teria amassado meu celular.

“Ficou preocupado”, sei. E eu sou um búfalo cor de rosa.

**Pra início de conversa,
eu não fugi coisa nenhuma**

Enquanto eu ainda digitava minha próxima mensagem, ele mandou:

Então pq n fez a live de alongamento hj?

**E pra fim de conversa, vc nao tem
nada a ver com isso**

**Não fiz a live de alongamento,
mas no lugar compartilhei um vídeo
desse tipo nos stories**

Meu celular começou a tocar.

Com um suspiro, atendi:

— É sério?

— Bom dia para você também, Chatarina.

— Para que que você me ligou se a gente já tava conversando por mensagem?

— É ruim brigar por texto, por telefone fica melhor.

Massageei minha testa.

— Como você conseguiu meu número? — perguntei pelo que parecia ser a milésima vez.

Ouvi um suspiro do outro lado da linha que me deu uma vontade súbita de dar um soco nele.

— Cháti, Cháti... Você realmente acha que é difícil assim conseguir seu contato?

Se eu já odiava Chatarina, Cháti — sua paródia idiota do meu apelido — conseguia me tirar ainda mais do sério. Engoli a raiva e respondi:

— Eu tinha esperanças de que fosse, na verdade.

— Mas não é. Principalmente considerando que temos vários grupos em comum no Whatsapp, conhecemos basicamente as mesmas pessoas e trabalhamos no mesmo lugar. Existem tantos jeitos de eu conseguir seu número que me impressiona que você tenha perguntado.

Fechei os olhos e contei até três.

— O que você quer?

— Nada. Como disse, só fiquei preocupado.

— Me poupe, Eduardo.

— O quê?! Eu estou falando sério! Primeiro você muda sua rotina, e, em todos esses anos, nunca te vi deixando de seguir um segundo sequer do que você se programou para fazer, depois você posta esse *story* falando que vai ficar um tempo *off*. O que está acontecendo?

Respirei fundo.

— Mesmo que estivesse acontecendo alguma coisa, você realmente acha que eu falaria com você?

— Como você é doce.

— Tchau, Eduardo.

— Não, mas é sério. Se você precisar conversar, estou aqui.

Eu não saberia dizer se ele era assim com sinceridade ou se ele só era sem noção mesmo. Ele realmente se achava o salvador da pátria? O indispensável ajudador dos necessitados?

Sinceramente.

— Tá bom, Eduardo. Tchau.

E desliguei antes que ele falasse mais alguma asneira que me fizesse explodir de fato.

Não devo ter tido nem meia hora de paz, contudo, porque logo meu celular começou a tocar de novo. O mesmo número desconhecido de mais cedo.

— O que foi agora? — perguntei, e juro que estava tentando ser educada.

— Estou aqui na frente.

Eduardo foi tão completamente aleatório que me vi sem reação por alguns segundos.

Como assim “aqui na frente”?

— Quê?

— Estou na frente da sua casa.

— Da *minha* casa?

— É.

Nunca tinha gostado do fato de que Edu morava no mesmo condomínio que eu, mas, como nunca esbarrávamos um no outro, esse não era um problema. Pelo menos não até aquele momento.

— E fazendo o que exatamente? — perguntei num tom comedido.

— Te esperando, é claro.

— Para *quê*?

— Para gente gravar o alongamento do dia.

Suspirei e apertei a ponte do nariz.

— Olha, Eduardo, eu não...

— É sério, Catarina, eu estou aqui na frente e só vou embora depois que a gente fizer sua live tradicional de alongamento.

— Eduardo, eu não vou...

— Eu vou tocar a campainha.

Considerando que ainda não eram nem seis da manhã e que meus pais ainda estavam dormindo, essa era uma péssima ideia.

— Estou indo, não faça nenhuma loucura.

Enrolei o máximo possível para me dirigir até a porta, na esperança de que ele desistisse e fosse embora. Mas com quem eu pensava que estava lidando? Era Eduardo Carvalho, afinal, uma das poucas pessoas que eu conhecia que eram tão ou mais teimosas que eu.

— Para que essa insistência? — perguntei ao abrir a porta, encarando-o de braços cruzados.

Ele deu de ombros.

— Tem muita gente que só se alonga por causa das suas lives.

— E, depois de todos esses anos, e sendo um atleta profissional, você ainda não sabe se alongar sozinho?

Ele ergueu as sobrancelhas, um sorriso divertido parecendo brincar em seus lábios, mas não caiu na minha provocação. Ele estava decidido mesmo a me convencer, ao que tudo indicava.

— Não estava falando de mim.

— Não? Então você não assiste às minhas lives?

— Muito raramente e quase nunca porque quero.

Ergui uma sobrancelha, cética, mas Edu apenas ignorou.

— Agora, anda. — Ele indicou a rua atrás de si com a cabeça. — Temos uma live para fazer antes que seja tarde demais.

— Tarde demais para quê?

— Para as pessoas que te acompanham assistirem à live de hoje.

— Você sabe que elas podem muito bem assistir a outras, né?

— Sim, mas você é a única que eu conheço que faz uma devocional antes.

Franzi o cenho, sem entender direito o que isso tinha a ver, mas cansei de discutir. E, se eu fosse ser sincera, talvez alguma parte de mim, não tão pequena, ansiasse por fazer isso.

Ah, quem eu queria enganar? Eu amava fazer essas lives. Amava ver tanta gente participando ao vivo. Amava receber os *feedbacks* das pessoas me agradecendo e dizendo o quanto foram ajudadas. E amava mais ainda quando falavam que foram edificadas por alguma das minhas breves devocionais.

Mas tudo isso perdeu o sentido. Se eu não tinha sucesso no que eu tanto me empenhava, para mim ficava um tanto óbvio que não era essa a vontade de Deus para mim.

Mas talvez eu pudesse fazer só mais uma live. Só mais uma naquele dia. E, então, a partir de amanhã, eu pararia. Deixaria as lives para lá. Abandonaria aos poucos o vôlei e tudo que tinha relação com ele. E, então, me dedicaria a um novo sonho.

— Tudo bem, Eduardo, mas só hoje.



Mais tarde naquele mesmo dia, quando eu estava no meio da aula com a minha turma de 5 a 7 anos, meu celular começou a vibrar e não parou mais.

Assim que tive uma brecha, espiei a tela do aparelho, com medo de que alguém tivesse morrido ou estivesse em estado grave na UTI. Mas não. Eram apenas minhas irmãs enchendo nosso grupo de mensagens. Isso depois de mais de dez chamadas em grupo perdidas, é claro.

Suspirei e guardei o celular de volta no bolso. Depois eu me atualizava do que quer que estivesse acontecendo.

Provavelmente era só a Pér reclamando do Timóteo, outro cavaleiro que iria representar o Brasil nas Olimpíadas e que treinava no mesmo hipódromo que ela. Ou então era a Yumi compartilhando vídeos dos treinos dela e de

movimentos que ela estava pensando em fazer na sua primeira apresentação.

Depois que todas as minhas alunas foram embora, finalmente abri a conversa e parecia que havia acontecido o apocalipse.

Após quatro chamadas não atendidas, Yumi enviou:

Yumi: ATENDE CATARINAAAAAA

Pér: o q tá acontecendo???

Mais duas ligações perdidas.

**Pér: dá pra parar com isso
yumi???**
**tem gente tentando treinar
por aqui**

Mas a caçula simplesmente ignorou a mensagem da nossa irmã do meio.

**Yumi: COMO ASSIM VC VAI
FICAR UM TEMPO OFF DO SEU
INSTA DONA CATARINA???**

Pér: Um tempo off???
O q eu perdi???

Yumi mandou, então, um *print* do famigerado *story* que eu havia postado hoje de manhã e do qual eu já estava quase me arrependendo.

Pér: O QUÊ???
O que aconteceu, Cáti???

Yumi: sim cáti o q
rolou????
@Catarina Belmonte faça o
favor de aparecer e se
explicar

Pér: e às vésperas das
Olímpiadas ainda
Isso nao ta fazendo sentido
Vc foi hackeada @Catarina
Belmonte????

Com um suspiro, respondi:

Bom dia pra vcs tbm
amadas irmãzinhas
Está tudo bem, nao
precisa desse drama todo

**Foi só um pequeno surto
matinal, ok?
Ja to apagando o story**

E realmente apaguei o dito cujo. Ele já estava repercutindo muito além do que eu imaginava. E talvez, só talvez, eu tenha agido na base do impulso.

Considerando o rebuliço que esse *story* causou, valeria no mínimo eu parar e repensar se era isso mesmo que eu queria fazer. Organizar melhor a execução desse plano.

Assunto encerrado.

Ou, pelo menos, era o que eu queria, mas minhas irmãs não iam deixar passar assim tão fácil.

**Pér: fico muito feliz que
vc tenha recobrado a razão
e tudo, mas agora dá pra
explicar o q aconteceu?**

**Yumi: sim????
vc aparece dá uma
explicação mais ou menos e
some
e acha q a gente vai
aceitar???**

**Não aconteceu nada, gente
Tá tudo bem**

**Pér: claramente nao ta tudo
bem
vc nao é disso**

**Yumi: conta pra gente o q
aconteceu sis <3**

Qual a chance de eu compartilhar com elas o que de fato me incomodava?

Como eu poderia abrir meu coração e dizer o quanto me doía ver todo mundo próximo de mim e mais meio mundo de gente que eu conheci ao longo de todos esses anos no meio esportivo indo para as Olimpíadas e eu não?

Não quero que elas pensem que não estou feliz por elas, porque estou, e muito! Também não quero que elas deixem de compartilhar comigo suas rotinas de treino e as expectativas para o maior evento esportivo do mundo. Esse era um dos momentos mais especiais da carreira delas, da *vida* delas, e eu não queria deixar de viver isso junto das pessoas que eu mais amo apenas porque estava me machucando.

Doía ver os outros realizando um sonho que eu provavelmente nunca alcançaria? Para caramba. Mas doeria ainda mais abrir mão de viver isso com elas apenas por causa da minha dor.

Então, não. Não podia falar sobre essas coisas com elas. Também não queria desabafar com meus pais, porque não queria estragar a alegria deles. E, assim, seguia desabafando apenas com Deus.

Por isso, minha única resposta para elas foi:

**Tá tudo bem, sério
Acho q deve ter sido
cansaço acumulado, sabe?**

E não era mentira. Eu estava mesmo cansada; de tudo. Mas não era a verdade completa também.

Muito obrigada por se preocuparem, mas podem ficar tranquilas pq já ta tudo certo, ok?

Elas ainda relutaram um pouco, mas, quando viram que não adiantaria insistir, deixaram para lá.

Soltei um suspiro, fechando os olhos por um instante.

Eu precisava me recompor.

Os planos de encontrar um novo sonho permaneciam, mas eu não precisava anunciar para o mundo ainda.



Na manhã seguinte, eu achava que o surto do dia anterior já teria caído no esquecimento.

Mas aparentemente não, considerando que, no exato horário em que eu costumo sair para correr, Eduardo me ligou.

— A gente tinha combinado que era só ontem — falei, já sabendo o motivo da ligação.

— Não, você falou que era só ontem, eu não disse nada.

Suspirei, apertando a ponte do nariz.

— Por que você se importa tanto, hein?

— Porque você faz devocional, já disse, e esse é um ótimo meio de evangelismo.

— Existem outros atletas que usam suas redes sociais para evangelizar.

— De forma tão ativa e direta quanto você, são muito poucos.

— Mas existem.

— Mas minha irmã não acompanha nenhum deles e não sei se começaria agora.

— Ah. — Foi tudo que consegui dizer.

A família do Edu não era cristã. Ele mesmo havia se convertido quando a gente tinha uns 15 anos, lembrava disso até hoje. Foi um grande choque para todos e, confesso, eu achei que era apenas fogo de palha, que ele logo voltaria à sua vida de antes, mas não. Quase dez anos se passaram e ele permaneceu firme, graças a Deus.

Apesar de não sermos próximos, nos conhecemos há tempo o suficiente para eu saber muitos detalhes da vida de Edu, como o fato de que ele vem tentando evangelizar sua irmã mais velha desde que se converteu — e que isso já foi até motivo de briga entre os dois (o que não me surpreende, se considerarmos o jeito insistente do Edu) e, desde então, ele vem pegando mais leve, sondando o terreno, compartilhando sua fé com mais cuidado.

— Sua irmã me acompanha? — perguntei, ainda tentando organizar meus pensamentos.

— Todos os dias.

— Sério?

— Sério. Desde que você começou a dar aula para a Mari.

Mariana era a sobrinha de 5 anos do Edu, que fazia parte da minha turminha infantil.

— Ah. Eu não sabia.

— Pois é. Você é meio que o único contato que minha irmã tem com o evangelho, então, no que depender de mim, vou insistir o máximo que eu puder para você não parar.

Mordi os lábios, reflexiva.

Tudo bem, eu poderia continuar com as lives por mais um tempo. Até eu me estabelecer no meu novo nicho — seja lá qual ele vá ser — e poder começar uma nova rotina de devocional dentro da minha nova realidade.

Jesus era um bom motivo para eu continuar com, pelo menos, as minhas lives.

— Tudo bem, então — disse, por fim.

— Sério? — Ouvi Edu suspirar.

— Sério.

— Obrigado mesmo. De verdade.

— Imagina.

Não que eu estivesse fazendo mais do que minha obrigação como cristã, de qualquer forma.

Depois de desligarmos, terminei de me arrumar para minha corrida matinal, que fazia sempre antes da live de alongamento, com os ânimos renovados.

Mas meu estado de espírito mudou completamente ao abrir a porta.

CAPÍTULO 4

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, ainda segurando a maçaneta, enquanto encarava Edu, parado na porta da frente da minha casa.

— Ué, vim garantir que você fizesse a live, como acabei de te falar pelo telefone.

— Mas eu disse que eu ia fazer, você não precisava ter ficado.

— Eu sei, mas eu já estava aqui mesmo, então resolvi te ajudar.

Estreitei os olhos.

— Me ajudar ou ficar de olho para garantir que eu cumpriria com a minha palavra?

— Te ajudar — ele respondeu na hora e, em seguida, mudou descaradamente de assunto. — Você corre antes das lives, não corre?

Estreitei os olhos.

— E daí?

— Como estou aqui mesmo, pensei em correr com você.

— Não preciso de babá, Eduardo. Você já conseguiu o que queria, agora já pode ir embora.

— Não disse que ia ser sua babá, disse só que ia correr com você.

— Você veio porque quis e sua casa não deve ficar nem a dez minutos da minha.

— Exatamente, o que significa que eu correria por aqui de qualquer maneira.

Revirei os olhos.

De fato, não era raro eu ver Eduardo correndo mais ou menos no mesmo horário que eu.

— Tanto faz. — Coloquei meus *airpods* e selecionei minha playlist de corrida, deixando o volume no talo, disposta a fingir que Eduardo não estava ali, já que ele insistia em ficar.

“If No One”, uma das antigas da Grass of Glass^[5], estourou pelos fones. Eu não poderia ter escolhido uma música melhor. E Edu não poderia ter contribuído para deixar tudo ainda mais perfeito ao perguntar:

— É sério isso? Você vai mesmo me ignorar?

O que eu só consegui entender porque fiz leitura labial, considerando o volume do som.

Com um sorriso presunçoso, me juntei ao Peter, um dos integrantes da banda e vocalista principal dessa música em questão, quando ele cantou o refrão:

If no one likes you, why should I?

Se ninguém gosta de você, por que eu deveria?

If no one cares, do you think I would?

Se ninguém se importa, você acha que eu vou?

If no one loves you, then guess what?

Se ninguém te ama, então adivinha?

Neither I do!

Eu também não!

Carva apenas ergueu as sobrancelhas, sem se abalar nem um pouco.

— Uau... — ele comentou. — Que cristã, essa letra.

— Eles ainda não eram crentes quando escreveram — falei, provavelmente alto demais, considerando que perdi por completo a noção de altura com o som estourando desse jeito, e dei início à minha corrida.

Mas, é claro, ele se juntou a mim.

Comecei minha volta habitual pelo condomínio e Edu me acompanhou. Em determinado momento, ele colocou seus próprios fones de ouvido, então corremos em silêncio.

Depois que meu sangue esfriou, dei-me conta de que ele havia esquentado sem motivo algum. Edu se deu ao trabalho de aparecer na minha casa apenas para me incentivar a continuar pregando o evangelho. E, bom, esse era um ótimo motivo para mim. Não é como se ele estivesse me pedindo algo absurdo. Mas sei lá. Acho que meu problema era com o jeito dele, sempre tão mandão, intrometido e controlador. Se eu tinha falado que eu faria a live, eu cumpriria minha palavra, e ele sabia disso. Nós nos conhecíamos há tempo suficiente para isso.

De qualquer forma, enquanto corríamos e a adrenalina circulava pelas minhas veias, percebi como eu havia sido grossa sem necessidade. Tudo bem eu ter me incomodado com o modo como ele agiu, mas eu poderia ter respondido de outra forma. Com amor, por exemplo, que é o que Cristo nos manda fazer; que era algo que Deus vinha me incomodando nos últimos dias, mostrando que eu deveria mudar.

Nos metros finais da corrida, dediquei-me a orar.

Senhor, por favor me perdoe por meu temperamento. Me perdoe por ser estourada e impaciente, por querer que as coisas sejam do meu jeito e me incomodar quando não são, a ponto de eu agir sem amor. Por favor, me perdoe também pelo meu orgulho, que me faz não querer pedir desculpas. Sei que devo pedir perdão ao Edu, porque pequei contra ele ao ser grossa, e Sua Palavra diz que devemos pedir perdão a quem ofendemos. Então, por favor, me enche de Teu Espírito e me dê humildade para que eu consiga pedir perdão.

Segui em oração até pararmos mais uma vez na frente da minha casa.

Pela forma como seguiu correndo na direção de sua própria casa, Carva nem pretendia falar comigo para se despedir ou o que quer que fosse — e como eu poderia julgá-lo por isso, considerando a forma como eu tinha agido?

Antes que ele fosse embora e eu perdesse de vez a coragem, respirei fundo e falei:

— Perdão.

Ele parou no meio de um passo e, bem devagar, virou para mim.

— O quê?

— Perdão — repeti, porque ele parecia mesmo não ter acreditado no que ouviu. — Pelo modo como agi mais cedo.

Carva assentiu, levando alguns segundos para processar minhas palavras.

— Tudo bem. Está perdoada.

— Obrigada.

Ele assentiu mais uma vez, então acenou e voltou a se dirigir para sua casa.

— E obrigada também por ter me incentivado com o negócio da live — acrescentei. — Eu não fazia ideia de que minhas devocionais eram importantes assim.

— Pregar o evangelho é sempre muito importante. — Ele sorriu de lado, mas então ficou sério novamente. — O que te fez querer desistir?

— Não desisti de nada — rebati de pronto, mas então percebi que era mentira. Lembrei de duas noites atrás e que eu havia, sim, desistido do maior sonho da minha vida. Suspirei e me corrigi: — Sei lá, eu só percebi que já tinha passado da hora.

— De quê?

— De desistir.

— Do Instagram?

— Não só. De tudo.

— Tudo o quê? — Ele arregalou os olhos.

Percebendo qual rumo seus pensamentos deveriam ter tomado, apressei-me em esclarecer:

— Não da vida! Não cheguei nesse ponto, graças a Deus.

— Então desistiu do quê?

— Do que não valia mais a pena. — Tarde demais, me toquei que já havia aberto muito a boca, então, no intuito de encerrar o assunto e fingir que estava tudo bem, tratei logo de dar um sorriso, mas acabou saindo um tanto triste. — Enfim, obrigada mais uma vez pelo empurrãozinho e me desculpa pela grosseria de mais cedo.

— Fica em paz, Catarina.

Assenti para ele, dando um passo em direção à minha casa.

— Até mais.

— Até.



A semana se passou de forma relativamente tranquila.

Conseguí apaziguar as poucas pessoas — em relação à minha quantidade de seguidores — que tinham visto meu *story* e, desde então, ninguém mais havia tocado no assunto, então concluí que estava tudo bem. Havíamos todos superado esse pequeno surto.

Hoje eu percebia como eu havia me precipitado. Não que eu tenha desistido da ideia de desistir. Não. Eu realmente pensava que era isso que eu deveria fazer, que Deus não queria o vôlei para mim, então eu precisaria descobrir qual era a Sua vontade para a minha vida, afinal.

Eu só não precisava ter anunciado isso aos quatro ventos ainda.

Por isso, decidi pensar melhor no que pretendo fazer. Decidir para qual nicho irei migrar, organizar minhas novas linhas editoriais do Instagram e, aos poucos, fazer essa transição.

Mas isso era uma preocupação para depois das Olimpíadas. No momento, todos os meus esforços se voltavam para o maior evento do ano. Já estava me organizando para a viagem para a França, planejando os posts que faria, fazendo alguns roteiros para os *vlogs* — tanto o meu pessoal quanto os dos outros, promovendo a Rê e o Edu — e acompanhando os sites de notícias e especialistas em vôlei, para ir atualizando meus seguidores.

Já estava quase me esquecendo do famigerado *story* de uma semana atrás. Quase.

Se Edu deixasse.

— E aí, Cáti! — ele me cumprimentou quando me viu no clube.

Isso por si só não seria de todo estranho, ainda que fosse um tanto inusitado — não costumávamos nos cumprimentar à toa. Não, o que me fez ficar instantaneamente alerta foi o tom exageradamente simpático de Edu.

Ele era sempre educado comigo, óbvio. Mas era igualmente óbvio que Edu me tratava bem só porque era o que um cristão deveria fazer, e ele se empenhava muito para cumprir o que a Bíblia esperava dos salvos em Cristo Jesus. Isso era ótimo, claro, e, precisava confessar, era até um pouco inspirador, mas mesmo assim não podia negar o fato de que ele era educado comigo apenas porque precisava, por mera obrigação, não porque ele *queria* de verdade.

Mas hoje, não. Hoje ele parecia especialmente focado em parecer simpático.

— E aí... — respondi em um tom desconfiado.

— Como você está? — O sorriso alegre e luminoso permanecia em seu rosto.

Sorriso esse que encantava toda a população feminina do recinto em que ele estivesse. Os dentes claros contrastavam com sua pele escura dando um efeito reluzente a seu sorriso, já naturalmente estonteante. Não que eu achasse bonito, claro, era só algo que todo mundo sempre comentava e eu era obrigada a ouvir de forma incansável... “Ah, que o Carva tem um sorriso lindo”, “E o sorriso dele isso, o sorriso dele aquilo...”, “Amo quando ele sorri, fico até tonta” e toda baboseira do tipo.

— Bem — respondi, ainda um tanto cautelosa. — E você?

— Estou ótimo!

— Que bom. — Forcei um sorriso simpático no rosto, para amenizar a frase, que saiu grossa, mesmo sem ter sido minha intenção.

Permanecemos uns dois segundos em silêncio, olhando um para a cara do outro. Não faço ideia do que se passou na cabeça do Edu durante esse tempo, mas só um pensamento ocupava minha mente: *o que ele quer?!*

— Mas e aí, como estão as lives?

Ah. Já deveria ter imaginado.

— Tudo certo. Sua irmã não está mais assistindo?

— Não, não, ela continua acompanhando, não perde uma.

Assenti, com um pequeno sorriso.

— Que bom, fico feliz.

— Eu também. E como estão os preparativos para as Olimpíadas?

Só ouvir essa palavra machucava, mas segui como se estivesse bem:

— Uma correria.

Não tanto quanto sua rotina de treinos especialmente reforçados, pensei em acrescentar, mas no fim preferi não falar nada, para não soar tão amargurada quanto me sentia.

— Imagino. Estou quase sem tempo para nada também.

— Imagino.

Onde ele quer chegar? Por que veio puxar assunto? Se era sobre as lives, então por que a conversa ainda não terminou?

— E como você está? — Carva perguntou. De novo.

Estreitei os olhos.

— Bem... — repeti.

— Não, de verdade. Você já superou a crise que te fez querer desistir de tudo?

Ah.

É claro que ele não deixaria isso passar. Não o Grande Carva Ajudador dos Aflitos.

Eu sabia que tinha sido um erro abrir tanto da minha vida para ele naquele dia, mas, quando eu vi, já tinha saído.

Suspirei.

— Claro, foi só um pequeno surto, mas obrigada pela preocupação. — Dei um sorriso pequeno e fiz menção de seguir meu caminho, mas, percebendo, Carva se adiantou e disse:

— Fico feliz que esteja bem. Se precisar conversar, pode falar comigo.

Assenti, engolindo todas as respostas atrevidas que se passaram pela minha mente. Além de serem inúteis, não eram muito cristãs da minha parte.

— Claro, muito obrigada. — Sorri de novo e dei outro passo para frente.

Para minha grande alegria, ele me deixou ir dessa vez.

Era só o que me faltava. Às vésperas das Olimpíadas ter que lidar com um Edu Carva querendo bancar o herói para cima de mim.



As próximas semanas foram tão corridas que mal tive tempo para pensar. O que achei ótimo, na verdade. Minha mente, nos últimos tempos, não vinha sendo meu lugar preferido.

Assim, abracei o momento agri-doce em que deveria me dedicar completamente para as Olimpíadas, mas não do jeito como sempre sonhei.

Minha vida passou a girar em torno dos Jogos Olímpicos. Tudo que eu fazia tinha relação com a grande viagem que se aproximava.

Decidi que daria meu melhor nessa minha reta final antes de me aposentar definitivamente dos esportes.

Faria as melhores lives de alongamento, compartilharia os melhores vídeos de dicas de treino em casa e gravaria os melhores *vlogs* acompanhando a Rê e o Edu nas Olimpíadas.

E, então, depois, eu poderia abandonar tudo isso sem nenhum peso na consciência.

E, assim, consumi por completo o meu tempo. Trabalhava o dia inteiro — produzindo material para a internet, dando aula no clube, preparando as coisas para as Olimpíadas —, de tal modo que só parava na hora de dormir, tarde da noite, em que eu mal encostava a cabeça no travesseiro e já estava roncando.

Nesse ritmo insano pré-Olimpíadas, nem percebi o tão esperado — e temido — dia da viagem aproximando-se.

Infelizmente eu não iria no mesmo voo que as minhas irmãs. Elas viajariam com suas respectivas equipes.

Também não estava indo com a Seleção Brasileira de Vôlei Feminino, porque, né?, eu não estava escalada; mas tentava não pensar muito nisso. Esse estilo

autocomplacente não combinava muito comigo e já estava me irritando.

E, assim, ao chegar no aeroporto, ao invés de estar exultante, como sempre sonhei, eu me encontrava desolada.

Despedi-me dos meus pais e, no caminho até o portão de embarque, derramei algumas lágrimas.

Tudo bem, foram mais do que algumas.

Toda a angústia que eu vinha acumulando nos últimos meses parecia ter chegado a seu limite, transbordando por meus olhos.

Para com isso, Catarina. Não seja ridícula. Não tem por que você estar chorando. Você está onde muitas pessoas gostariam, tem uma posição de destaque no meio esportivo, está indo a trabalho para as Olimpíadas, está indo para a França...!

Mas não é do jeito que eu queria. A outra parte de mim respondeu. Não tenho destaque no meio esportivo como atleta olímpica, apenas como alguém que sabe muito do assunto. Não estou indo a trabalho para as Olimpíadas como membro da Seleção Brasileira, apenas como uma mera influencer. Esse aqui pode ser o sonho de outras pessoas, mas com certeza não é o meu.

Chega, para com isso. Você precisa ser grata.

Enxuguei as lágrimas que continuavam caindo, determinada a interromper seu fluxo. Mas meu corpo parecia ter se rebelado contra mim hoje. Ele simplesmente não me obedecia. E as lágrimas seguiam caindo.

— Catarina?

Graças aos céus, a essa altura, eu já havia parado de chorar há tempo o suficiente para meu rosto não estar todo inchado e avermelhado.

Virei para trás com certa relutância, tendo reconhecido a voz que me chamara, mas sem muita

vontade de falar com o dono dela.

— Oi, Eduardo.

— Você viaja hoje também?

— Aham. — Sorri com educação.

— Da hora. Eu também.

Assenti, ainda com o mesmo sorriso.

Edu olhou por cima do ombro, conferindo se sua equipe ainda estava por perto. Vendo que não havia ficado para trás, voltou sua atenção para mim, agora com uma expressão mais séria.

— E como você está?

— Bem. — Fiz o sorriso em meu rosto aumentar.

Será que ele continuava pensando que eu precisava de ajuda e, mais especificamente, que eu precisava da ajuda *dele*? No que dependesse de mim, arrancaria essa ideia de sua cabeça o quanto antes.

— De verdade?

— Claro, por que não estaria?

Ele mordeu os lábios por um instante, dando de ombros.

— Não sei. Mas que bom que está bem.

Assenti.

Por um momento ficamos assim, um olhando para o outro sem falar nada. Então, para quebrar o silêncio desconfortável, perguntei:

— E você, como está?

Ele abriu um daqueles seus sorrisos estonteantes, mas dessa vez parecia sincero.

— Bem. — Colocou as mãos nos bolsos do moletom que vestia. — Nervoso. Empolgado. Ansioso. Tudo ao mesmo tempo.

Meu sorriso fraquejou por um instante, mas me forcei a permanecer firme.

— Imagino. Deve ser muita emoção mesmo, participar das Olimpíadas.

A expressão de Edu desmoronou por um segundo e me preocupei no mesmo instante.

Ai, ai, ai. Será que ele vai ficar achando que é por isso que estou mal?

Ele não estaria errado, claro, mas não quero ele me enchendo o saco com isso.

Mas, para meu grande alívio, ele apenas sorriu e disse:

— É mesmo. — Olhou mais uma vez para trás de si, onde seu time já começava a sumir de vista após uma curva. — Bom, tenho que ir. Mas, então, nos vemos lá, né?

Revirei os olhos, mas de brincadeira.

— Não tenho muita escolha, tenho? Vou ser sua *cameraman*. Ou melhor, *cameragirl*.

Ele riu.

— Vai ser legal. — Espiou mais uma vez a direção por onde seus colegas de time sumiam e deu um passo para trás. — Bom, então eu vou mesmo. Até mais.

— Até. Boa viagem.

— Para você também. Que Deus te acompanhe em todo o percurso.

— Amém, a vocês também.

E, com um aceno, ele se foi.

Continuei encarando suas costas conforme Carva se afastava.

Ok, isso foi um tanto estranho.

Tivemos uma interação pacífica e tudo acabou bem. Não que a gente nunca se desse bem um com o outro, mas é que esses momentos tranquilos eram tão raros que, sempre que aconteciam, me deixavam embasbacada.

— Atenção, passageiros do voo 4506 com destino a Paris — Uma voz feminina ecoou pelos alto-falantes. —, o embarque foi autorizado e terá início em poucos minutos. Por favor, dirijam-se ao portão 14 com seus cartões de embarque em mãos.

Levantei, coloquei minha mochila nos ombros e
segurei o puxador da mala de mão.

Respirei fundo.

Havia chegado a hora.

Olimpíadas de Paris, aqui vou eu.

CAPÍTULO 5

C heguei em Paris no fim da noite completamente exausta, então fui direto para o meu hotel.

Na manhã seguinte, contudo, fiz questão de acordar bem cedo — como de praxe —, para explorar um pouco da cidade. Tudo bem que eu já tinha vindo aqui algumas vezes antes com a minha família, mas sempre gostei de aproveitar ao máximo cada lugar que eu visitava.

As ruas estavam lotadas, repletas de decorações das Olimpíadas que, sempre que eu avistava, geravam uma fígada doída no meu peito. Mas eu ignorava.

Eu estava na França! Eu assistiria às Olimpíadas ao vivo! Era a isso que eu deveria me apegar.

Era a isso que eu me apegaria.

Meu celular vibrou no bolso. Olhei o visor, onde brilhava uma notificação avisando que o grupo “Irmãs Belmonte” havia iniciado uma chamada de vídeo.

Sorri ao atender.

— Bom dia, minhas parisienses preferidas! — Yumi exclamou, seus olhos já naturalmente angulados ficando ainda menores devido ao enorme sorriso estampado em seu rosto.

— Bom dia! — Pér cantarolou.

— Bom dia, irmãzinhas!

— Olha só quem já está explorando as ruas de Paris!
— Pér brincou ao observar a paisagem ao meu redor.

— Querida, você achou mesmo que eu ia perder meu tempo ficando no quarto?

— Jamais! — Pér disse e todas rimos.

— E aí, conseguiram descansar? Já se recuperaram do *jet lag*? — Yumi quis saber.

— Não exatamente, mas vou deixar para ficar cansada quando voltar para casa — falei.

— Ótima estratégia. — Pér riu. — Já decidiu que roupa vai usar na abertura, Cáti?

A pergunta foi só para mim, claro, considerando que essa não era uma dúvida para elas, que vestiriam o uniforme oficial da Seleção Brasileira.

Meu peito se comprimiu. Por mais que o uniforme do Brasil não fosse o mais bonito do mundo, tudo o que eu queria era vesti-lo — porque isso significaria que eu também havia sido convocada.

Mas deixei isso de lado e estampeei um sorriso no rosto antes de responder:

— Ainda não. Vou ver se dou uma olhada nisso agora, aproveitando que já saí mesmo.

Seguimos conversando por alguns minutos, até Yumi precisar ir para o treino.

Dediquei o resto da manhã a explorar os arredores do hotel. Eu precisava aproveitar o máximo que eu pudesse, já que eu não sabia quão corrida seria minha rotina nos próximos dias. Tudo dependeria do desempenho dos times de vôlei feminino e masculino.

Também queria aproveitar aquele dia para preparar meu coração para os Jogos, que começariam em uma semana. Mas não estava sendo fácil.

Conforme andava pelas ruas de Paris e era assaltada por sentimentos cada vez mais recorrentes de dor — a cada cartaz que eu avistava, a cada decoração especial que eu via —, eu orava.

Meu coração estava tomado por um misto de “Deus, por que não eu?” e “Senhor, tem misericórdia de mim”.

Aproveitei que estava sozinha para chorar.

Decidi que aquele era o momento para colocar para fora todas as minhas dores. Que as lágrimas lavassem minhas feridas e levassem minhas mágoas, porque, pelos próximos dias, eu pretendia estar renovada, inteira, intacta.

Mas eu não estava.

Sete dias se passaram, os primeiros jogos aconteceram anteontem e hoje seria a cerimônia de abertura, mas meu peito seguia apertado.

Um coração partido não se curava de um dia para o outro. Nem de uma semana para a outra, pelo visto.

Coração partido... Era engraçado pensar nesse conceito sem aplicá-lo a uma desilusão amorosa, mas, sim, nosso coração pode ser partido por diversos motivos diferentes.

Um amor que se acaba, uma amizade que se rompe, um ente querido que parte, um sonho que se despedaça... Tudo isso é capaz de partir nosso coração. E a dor de um tipo de coração partido não é maior do que a do outro; ou, pelo menos, uma não anula a outra. A dor é igualmente aguda. O aperto no peito é igualmente sufocante.

— Credencial, por favor. — O guarda na entrada pediu em francês. Mas, como não entendi, ele repetiu em inglês, e tirei o meu crachá de debaixo do casaco que vestia.

Ele verificou o documento, então liberou a passagem para mim.

Adentrei o espaço restrito, nos arredores do Rio Sena, reservado apenas para os atletas, suas equipes e repórteres autorizados. Como eu estava aqui em nome do Alcântara Clube, tinha a entrada liberada também.

Pela primeira vez na história, a cerimônia de abertura não seria realizada em um estádio, mas sim no rio que corta a capital francesa.

Ainda que os jogos já tivessem começado há dois dias, a magia em volta da abertura oficial permanecia

intacta. Isso era visível na expectativa latente no local, quase palpável conforme eu avançava pelo ambiente em que as equipes aguardavam o início da cerimônia.

Passei por grupos de atletas, todos se preparando para o grande evento de algumas horas. Cada um em um grau diferente de nervosismo e êxtase. Meu peito se partiu mais uma vez ao vê-los. Estar no meio de tanta gente realizando o sonho ao qual Deus me disse “não” de forma tão categórica era sufocante.

Engoli em seco e me mantive firme. Eu não choraria. Havia combinado isso comigo mesma há uma semana.

— Catarina! — Márcia, a responsável pelas redes sociais do Alcântara, chamou ao me avistar.

Segui a direção de sua voz e a vi sentada em umas cadeiras mais para o canto.

Sorri para ela.

— Boa noite, Márcia. — Nós nos cumprimentamos com um beijinho de bochecha com bochecha.

— E aí, animada? — Seus olhos brilhavam ao perguntar.

Engasguei com a resposta.

Se eu estava animada?

Estar nas Olimpíadas era uma mistura de céu e inferno.

Por um lado, estava realizando um dos meus sonhos de criança. Sempre era surreal demais poder assistir às Olimpíadas ao vivo!

Mas, por outro lado, era literalmente ter aquilo que eu sempre quis sendo esfregado na minha cara.

Meus sonhos se encontravam a um palmo de mim, a um centímetro; e, ainda assim, eu não podia tocá-los.

Mas tudo bem, disse a mim mesma. Nós já desistimos desse sonho, então não precisamos mais sofrer por ele. Vôlei não era o que Deus queria para mim. Agora vou descobrir qual é a Sua vontade e encontrar um novo sonho. Está tudo bem. Está tudo bem.

Continuei repetindo esse mantra de forma incansável na tentativa de formular alguma resposta aceitável para Márcia. Na tentativa de não chorar. Porque eu sabia que, se uma mísera lágrima escorresse por meu rosto, as comportas se abririam e eu não pararia mais. E isso não era uma opção. Simplesmente não era. Porque estava tudo bem. *Eu* estava bem.

Estava tudo bem.

Abri um sorriso, ignorando a ardência nos meus olhos.

— Claro! — Foi tudo que minha garganta embolada me permitiu dizer.

— Eu também! Nem acredito que estamos aqui, cobrindo as Olimpíadas! Ainda mais em uma cerimônia de abertura histórica como esta! Mal posso esperar para ver as delegações desfilando de barco pelo Rio Sena! E você sabia que...

Ela seguiu falando, mas eu não ouvia mais nada.

Minha concentração estava em manter um sorriso animado no rosto e as lágrimas trancadas em seu devido lugar.

Quando ela parou de falar, eu não fazia ideia do que responder, uma vez que não fazia ideia do que ela havia dito, então falei apenas:

— Bom, tenho certeza de que vai ser lindo, mas depois você me conta como foi. — Sorri. — Vou estar ocupada filmando a Rê e o Edu, então mal vou conseguir assistir alguma coisa, de fato.

— Ah, é mesmo! Que pena. — Ela fez um biquinho. — Bom, qualquer coisa você pode assistir depois pela internet.

— Verdade. — Sorri, sem ter a menor intenção de fazer isso.

Por mais controverso que fosse, eu estava aliviada por não precisar assistir à abertura na íntegra. Acho que só me machucaria mais. Só reforçaria para mim o que eu estava perdendo, do que eu não fazia parte.

— Bom — falei —, vou lá, então, começar a me preparar para trabalhar.

— Está certo, vai lá.

Pelas próximas horas, me dediquei em organizar meus equipamentos, me certificar de que eu estava com bateria e ir atrás da Rê e do Edu, com quem já fiz algumas entrevistas, querendo saber como eles estavam, quais eram suas expectativas e essas perguntas genéricas que costumam fazer por não saberem mais o que perguntar.

E, assim, focada no trabalho, sobrevivi ao terceiro dia. Que venham os outros quinze.



— E aí! — Edu me cumprimentou ao chegar na cafeteria.

Havia combinado de me encontrar com ele e com Rê ali, a fim de dar início ao meu trabalho de registrar a experiência dos dois nos Jogos de Paris.

— Olá. — Sorri com educação em cumprimento.

Eu decidira ser o mais profissional possível com Edu. Havia me preparado psicologicamente antes para não me estressar com seu jeito intrometido. Não dava para ficar discutindo com ele.

— Somos só nós dois por enquanto? — ele perguntou enquanto puxava a cadeira do outro lado da mesa e se sentava.

— Pois é, a Rê ainda não chegou.

O que não era do feitio da minha amiga, que era sempre pontual.

— E quais são os planos para hoje? — Edu quis saber, referindo-se às gravações.

— Ah, nada muito inovador, eu acho. Só vou perguntar as expectativas de vocês para os primeiros jogos, também vou querer saber um pouco sobre como foi a experiência da cerimônia de abertura no Sena, sobre a hospedagem de vocês na Vila Olímpica, um pouco dos bastidores, sabe?

— Para aproximar a gente do público?

— Isso. — Peguei um guardanapo e comecei a brincar com ele. — Esse tipo de conteúdo costuma engajar bastante.

— Já ouvi falar mesmo disso, as pessoas gostam de...

— *Bonne nuit, tout le monde!*^[6] — Rê falou com um sorriso enorme enquanto se sentava na cadeira vaga ao meu lado.

— *Oh lá lá!* — Provoquei com um sorrisinho brincalhão. — Olha só quem está gastando tudo que aprendeu com o Duolingo nesses últimos quinze dias!

Minha amiga revirou os olhos, mas Edu soltou uma risadinha.

— Me deixa bancar a francesa, por favor, obrigada.

Foi minha vez de rir.

— Pode até bancar a francesa — falei —, contanto que não se atrase de novo.

— Ué! — Ela cruzou os braços. — “De novo” por que se eu nunca me atraso?

— Ah, é? — Ergui uma sobrancelha. — E no dia das fotos de propaganda lá pro clube? Eu e o Edu ficamos te esperando uns bons vinte minutos até você aparecer.

— E você acha mesmo que eu seria boba de chegar cedo e ter que ficar no meio de vocês dois?

— Como assim? — Edu se manifestou pela primeira vez.

Rê revirou os olhos.

— Ah, fala sério. — Ela apoiou os cotovelos na mesa. — Vocês dois no mesmo ambiente é sinônimo de treta.

Eu e Edu nos entreolhamos por um segundo. Infelizmente eu não poderia nem discordar da minha amiga, mas essa verdade não deixava de ser, no mínimo, constrangedora. E Edu parecia partilhar do mesmo sentimento.

— Mas e aí — Rê virou-se para mim, alheia ao clima que ela havia instaurado na mesa. —, o que temos para hoje?

— Imagino que vocês estejam com fome — falei —, então podemos começar pedindo algo para comer, depois a gente parte para o trabalho de fato.

Edu ergueu as sobrancelhas.

— Olha só, então nós viemos aqui realmente para comer!

Franzi o cenho e me controlei para não dar uma resposta grossa — principalmente depois do que Rê havia falado. Ao invés disso, indaguei no tom mais ameno possível:

— Por que mais a gente teria vindo aqui?

Ele deu de ombros.

— Sei lá, achei que era só porque a decoração é bonita, aí ficaria bom nos vídeos e tal.

Assenti, ainda concentrada em manter um tom educado.

— Sim, esse foi mesmo um dos motivos que me fizeram escolher essa *boulangerie*, mas não só. — Apontei para o cardápio. — Olha esse tanto de opção boa de comida. Estamos na França, afinal, não podemos perder a oportunidade de aproveitar a gastronomia deles!

Edu e Rê se entreolharam por meio segundo antes de Rê dizer:

— Bom, acho que eu e Edu podemos dividir algo que não saia tanto da nossa dieta. — Então, voltando-se para Edu, acrescentou: — O que você acha?

— Por mim, excelente. — Ele assentiu.

Ah, é. Tinha esquecido completamente da dieta insana em períodos de jogos. Por esse lado, era até bom eu não estar escalada para o time oficial, assim poderia desfrutar das delícias francesas, tão conhecidas ao redor do globo.

Como se eu não fosse trocar na hora a oportunidade de comer o que quisesse para poder estar na Seleção Brasileira. Um lado meu pensou, mas o outro logo rebateu:

Cala a boca.

— Bom, então peçamos nossa comida. — Sorri, afastando minha mente do caminho da lamentação que estava ameaçando seguir.

Após lancharmos — leia-se: eu me esbaldar enquanto Edu e Rê mal tamparam o buraco do dente —, posicionei os dois de forma que ficassem em um bom enquadramento e, então, dei início à entrevista.

Tudo fluiu muito melhor e mais rápido do que eu imaginava e, em questão de duas horas, já estávamos nos despedindo e voltando cada um para sua respectiva hospedagem.



— Boa noite — falei em inglês com o recepcionista ao atender o telefone do meu quarto de hotel.

— Boa noite, senhorita — ele respondeu. — Um cavalheiro chamado Eduardo está aqui na recepção. Ele disse que havia combinado de se encontrar com a senhorita.

— Ah, sim. O senhor pode pedir para ele me encontrar na sala de reunião?

— Claro.

— Muito obrigada.

Como já estava pronta, assim que desliguei, saí do quarto e me dirigi até o local em questão.

O hotel possuía um espaço próprio para reuniões, disponível para qualquer hóspede que solicitasse usá-lo. Como eu precisava entrevistar o Carva, reservei a sala.

Eu já havia pegado a chave mais cedo, então só precisei destrancar a porta e entrar. A sala era de tamanho mediano, ocupada quase por completo por uma grande mesa de madeira, cercada por cadeiras do mesmo material, mas de estofado azul.

As paredes para o lado de fora eram de vidro, dando uma visão panorâmica da cidade logo abaixo.

Aproximei-me para observar o movimento das ruas, os carros passando, as pessoas dirigindo-se para seu próximo compromisso, os casais passeando...

Enquanto ainda estava de frente para a janela, ouvi passos aproximando-se e me virei na direção do som.

— Boa noite. — Cumprimentei Edu com um sorriso educado.

— Boa noite. — Ele me deu um abraço e um beijo de bochecha com bochecha. — Como foi seu dia?

— Tranquilo, e o seu? — Sorri mais uma vez, determinada a ter uma conversa pacífica com ele.

Nós conseguimos isso no aeroporto, não? Então podemos conseguir de novo.

E, preciso confessar, as palavras de Rê ainda estavam entaladas na minha garganta — mesmo depois de alguns dias.

O que dizia sobre nós o fato de eu e Carva, dois cristãos, sermos conhecidos por tumultuar o ambiente quando estávamos juntos? E, pior: o que dizia sobre o Cristo a quem servíamos?

Essas questões vinham me assombrando nas últimas noites, e temia enfrentar suas respostas.

— Tranquilo também — Edu respondeu.

— Teve dificuldade de chegar aqui no meu hotel?

— Teria tido mais se não fosse por um brasileiro gente boa que encontrei no metrô. — Edu riu. — Segui as orientações dele e cheguei aqui sem problemas.

— Maravilha. — Sorri, e caímos em um silêncio desconfortável. Para quebrá-lo, perguntei: — E o que está achando da Vila Olímpica?

Edu, assim como minhas irmãs, estava hospedado no local preparado exclusivamente para os atletas olímpicos. Mais uma experiência que eu nunca teria, mas não queria entrar nessa crise agora.

— Você ficou sabendo que lá não tinha ar-condicionado? — Edu arregalou os olhos.

— Fiquei — respondi. — Algo sobre não quererem prejudicar o meio ambiente, né?

— É, foi o que eles disseram. — Edu deu de ombros. — Pelo menos o COB^[7] deu um jeito de arranjar uns climatizadores para a gente.

— Nossa, ainda bem!

— Pois é.

E o assunto morreu.

Mordi os lábios, tentando pensar em algo para dizer, e Carva colocou as mãos nos bolsos do moletom, parecendo travar a mesma luta que eu.

Por fim, quebrei o clima terrível resolvendo ir direto ao ponto do motivo de estarmos juntos ali:

— Podemos começar a filmagem, então?

— Claro. — Ele suspirou e seus ombros relaxaram. — Como você quer fazer?

Como amanhã teria jogo da Seleção Masculina de Vôlei, aproveitei para gravar hoje — porque o dia seguinte certamente seria corrido — uma entrevista com Edu.

Olhei mais uma vez pela janela.

— A vista daqui é incrível — falei —, se conseguirmos um bom enquadramento de você com esse panorama de Paris ao fundo daria um ótimo *frame*.

— Excelente, só mandar, que eu obedeço.

Sua disposição em cooperar me surpreendeu um pouco, mas guardei essa impressão para mim. Esse tipo de comentário renderia uma discussão, e não queria mais que seguissemos por esse caminho.

— Ok, vamos te colocar aqui, então...

Posicionei meu celular no tripé e, após umas três tentativas e vários ajustes, finalmente encontramos a posição perfeita.

— Posso começar a filmagem? — perguntei, quando estava tudo pronto.

— Claro, manda ver. — Ele abriu seu sorriso tão famoso.

Posicionei-me atrás da câmera e dei início à gravação.

— Vamos começar com perguntas mais simples — falei, olhando para o celular e não para ele. — Como foi seu dia hoje?

— Bom, mas puxado. Treinamos a manhã inteira e, à tarde, tivemos alguns exercícios de alongamento.

— Últimos preparativos para o jogo de amanhã?

— Isso. Precisamos aproveitar bem o tempo que temos.

— Já superaram o *jet lag*?

— Ah, sim, já estamos novos em folha. — Seu sorriso brilhou mais uma vez. — Prontos para mandar ver no nosso primeiro jogo.

Assenti atrás da câmera.

— Não duvido disso — falei —, a equipe de vôlei masculina deste ano está bem forte, contando com nomes de peso, como você, Caduzinho e Pereira. Com certeza os ânimos do time para os Jogos de Paris estão lá em cima, certo? Você poderia nos contar um pouco mais sobre isso?

A entrevista seguiu com tranquilidade.

Edu possuía um carisma natural, isso nem eu poderia negar, então as entrevistas com ele sempre ficavam ótimas

e rendiam muitas curtidas no Instagram — tanto no meu quanto no do clube.

Quando eu já tinha mais de dez minutos de filmagem, falei:

— Bom, acho que é isso por hoje.

— Já? — Edu ergueu as sobrancelhas.

Dei de ombros.

— Você sabe lidar bem com as câmeras, o que facilita em 50% meu serviço. — Abri um pequeno sorriso descontraído. — Além de que eu não queria tomar muito do seu tempo, você precisa descansar e se preparar para amanhã.

— Entendi. — Ele assentiu. — Perfeito, então.

Continuei guardando meu material de trabalho, que consistia apenas no meu celular, um tripé e o *ring light*.

— Precisa de ajuda? — Edu se ofereceu, é óbvio.

Sorri com educação, mas mantive meus olhos no que estava fazendo quando respondi:

— Não precisa, mas obrigada.

Pela visão periférica, percebi não apenas que Edu assentiu, mas que continuou me observando enquanto guardava minhas coisas. Fingi nem ter reparado em seu olhar me acompanhando e dediquei toda a minha atenção a desfazer o tripé até que ele ficasse pequeno o suficiente para caber em sua devida bolsa.

— Você já lanchou? — Carva me perguntou assim que todo meu material estava guardado.

Parei por um segundo, pega de surpresa.

Olhei para ele com cautela ao responder:

— Ainda não...

— E está com fome?

— Considerando que minha última refeição foi o almoço, estou faminta.

Ele riu.

— E aquele papo de aproveitar as comidas da França? Suspirei.

— Nem me fale, sou uma piada — falei em tom de brincadeira.

— Bom, ainda dá tempo de consertar isso. — Ele olhou em seu relógio de pulso. — O que acha de irmos lanchar?

CAPÍTULO 6

Tudo bem, eis aqui uma das situações mais inusitadas da minha vida.

Eu e Carva nunca tínhamos combinado nada apenas nós dois que não envolvesse nenhuma responsabilidade em comum.

— Tem certeza? — questionei, ainda processando os rumos da conversa. — Achei que você estivesse de dieta.

— E estou, mas posso comer pouquinho, igual naquele dia com a Rê.

— Mas você não precisa descansar?

Ele olhou o relógio mais uma vez, como se para conferir que havia visto o horário direito.

— Ainda não são nem sete da noite... — Ele deu de ombros. — Ainda está de boa.

Mordi os lábios, considerando.

O comentário de Rê — simples aos seus olhos — continuava ecoando na minha cabeça, aumentando em mim a urgência de consertar, de alguma forma, o relacionamento defeituoso que eu tinha com Carva desde que... Bem, desde que nos conhecíamos, acredito eu.

Sempre tivemos certa implicância um com o outro, que só foi se agravando com o passar dos anos. Nossa adolescência foi o auge da nossa competitividade. Aproveitávamos cada chance que tínhamos para corrigir um ao outro em público. “Ei, Carva, e se você esticasse um pouco mais a mão na hora de cortar?”, “Ei, Chatarina, e se você colocasse um pouco mais de força no seu saque?”,

coisas desse tipo, que só faziam com que a gente pegasse ainda mais ranço um do outro.

Um lanche a sós seria uma oportunidade perfeita para resolvermos nossos mal-entendidos, certo?

Assim, me vi respondendo:

— Bom, então, tudo bem.

Edu sorriu.

— Vindo para cá, vi que tem uma delicatessen aqui perto que parece ser muito boa, o que acha de irmos lá?

— Acho ótimo.

— Excelente, então. Dá até para a gente ir andando.

— Perfeito.

Todo o caminho do salão de reuniões, passando pelo elevador e pela recepção, até a tal delicatessen foi extremamente constrangedor. Eu e Edu permanecemos em um silêncio desconfortável durante todo o percurso.

O trajeto, que não deve ter durado nem cinco minutos direito, pareceu ter se estendido por uma eternidade.

Andávamos e andávamos, circundados apenas pelas ruas de pedra daquele local da cidade e nosso silêncio.

Mordi os lábios, lutando contra a ideia de inventar uma desculpa qualquer e dar o fora. Em vez disso, dediquei-me a observar os arredores. Apesar de já ter passado das sete da noite, ainda não estava escuro — nesta época do ano, o sol só se põe lá pelas dez horas. Os restaurantes abertos pela rua se encontravam cheios, convidativos e aconchegantes. Casais passeavam de mãos dadas, famílias se reuniam pelos arredores e era possível ouvir risadas e choros infantis.

— É aqui. — Edu falou após os cinco minutos mais longos da minha vida.

Estávamos diante de uma pequena delicatessen, cuja fachada era puxada para um tom rosé. Um toldo branco cobria a entrada, possibilitando que algumas mesas fossem dispostas do lado de fora.

Uma garçonete nos conduziu até uma mesa para duas pessoas mais para o centro da loja, que era toda trabalhada em tons rosé e branco, tal qual o lado exterior.

— Que lugar lindo — comentei, ainda observando a decoração.

As paredes eram de um tom delicado de rosa e os acabamentos possuíam um tom *off-white* e um aspecto espumoso, como se fosse chantilly. Os balcões eram de metal e, dentro de si, exibiam os mais deliciosos quitutes: *croissants* de aspecto macio, *macarons* coloridos e alguns salgados assados, cujos nomes eu desconhecia, mas que pareciam apetitosos. Salivei só de olhar.

— Na verdade — comentei —, eu me pergunto qual estabelecimento é feio aqui em Paris.

Eu me forcei a continuar falando sobre o que quer que fosse, determinada a não deixar o assunto morrer. Tudo que eu menos queria era voltar para aquele clima desconfortável.

— Realmente, tudo aqui é bem bonito — Edu falou —, só não dá para dizer que é perfeito por causa dos ratos.

Franzi o nariz.

— Nossa, nem me fale! — exclamei. — Ainda não me acostumei em ver essas coisinhas cinzas correndo no meio da rua!

Edu riu e, então, meu pior pesadelo aconteceu: caímos em mais um silêncio desagradável.

A garçonete apareceu para anotar nossos pedidos e suspirei, aliviada, pensando que ela havia amenizado o clima para nós. Mas não. Assim que ela saiu, voltamos ao nosso silêncio estranho.

Como Edu estava bem na minha frente, de tempos em tempos, meus olhos se voltavam para ele. Eu tentava olhar para outros lugares, para não parecer uma maluca, mas meus olhos eram teimosos e, quando eu menos percebia, já estava encarando o menino novamente, em busca de respostas. Tentando entender o que estava acontecendo,

por que estávamos aqui juntos e o que o havia motivado a me convidar para lanchar.

Será que tinha sido um breve momento de delírio e ele já havia se arrependido? Ou será que era algo que ele já vinha planejando, numa tentativa de querer saber mais da minha vida, para poder dar algum conselho que ele julgava magnífico e, assim, salvar mais uma pobre alma de suas aflições miseráveis, como era tão típico dele?

— O que foi? — Ele indagou, rompendo minha linha de raciocínio.

Arregalei os olhos, tendo sido pega no flagra, e logo encarei o cardápio, que continuava em minhas mãos, apesar de já termos feito o pedido.

— Nada. — Permanecemos mais alguns segundos em silêncio, mas resolvi ser sincera. Quem sabe assim a gente não conseguisse amenizar logo o clima, certo? — Só estou achando estranho...

— O quê? — Ele franziu o cenho.

— Você, todo gentil.

— Ué, não era você que me acusava de bancar o legalzão o tempo todo? — ele perguntou, mas seu tom era pacífico.

— É, mas dessa vez parece ser de verdade. Não sinto que você está fazendo isso por mera obrigação, entende?

— Acho que sim... — Foi a vez de Edu pensar por um instante antes de continuar: — Esse, na verdade, foi um dos motivos de eu ter te chamado para lanchar hoje, eu estava mesmo querendo falar com você sobre isso... Eu queria me esforçar mais para nos darmos bem, sabe?

Concordei com a cabeça.

— Sim, tenho pensado muito nisso nos últimos dias também.

— É mesmo? — Ele sorriu, seus ombros relaxando enquanto se reclinava sobre o encosto de sua cadeira. — Já faz um tempo que tenho orado sobre isso e Deus tem me revelado como nossa relação ruim tem afetado nosso

testemunho. — Edu pausou por um instante, observando o recipiente de guardanapo na mesa antes de continuar: — Fiquei muito pensativo com o que a Rê comentou aquele dia, que se esforçava para ficar o mínimo possível no mesmo ambiente em que nós dois estivéssemos...

— É, isso me incomodou bastante também.

Principalmente porque a Rê não era cristã e há anos eu me esforçava para compartilhar o evangelho com ela. Agora eu me perguntava quanto minha falta de amor pelo Carva interferiu no modo que ela recebia as verdades sobre Cristo. Em outras palavras: quanto minhas ações egoístas vinham afastando minha amiga de Jesus ao invés de aproximá-la dEle?

Parecendo seguir uma linha de raciocínio próxima à minha, Carva falou:

— Como pode a gente ficar falando do amor de Jesus, mas não agirmos como Ele um com o outro? Isso por si só já seria ruim o suficiente, mas só piora quando consideramos que *nós dois* somos crentes. Temos envergonhado o evangelho.

Mordi os lábios.

Ele tinha razão.

Se Jesus dizia que os cristãos seriam reconhecidos pelo amor que teriam uns pelos outros, então o que minhas constantes discussões bobas com Edu diziam sobre nossa fé? Sobre Jesus?

— Já pedi perdão a Deus por isso. — Edu prosseguiu, então hesitou um segundo antes de erguer o olhar para mim e falar no tom mais sincero que já o vi utilizar comigo: — E quero pedir perdão a você também. Tenho falhado como cristão, não tenho te amado como Cristo nos ensinou. Você disse agorinha que eu era gentil com você por obrigação, e meu primeiro impulso foi querer rebater, discutir contigo. Eu estava pronto para dizer que era mentira, que eu era gentil de coração, mas o Espírito me parou e me mostrou que, sim, infelizmente e, para a minha

vergonha, era verdade. E quero te pedir perdão por isso. Tenho orado em relação a isso, em relação ao modo como lidamos e agimos um com o outro e tenho pedido para Deus ter misericórdia de mim e amolecer meu coração de pedra, para eu te amar como devo, com o amor de Cristo.

Fiquei sem palavras por um instante.

Era surreal ver alguém colocando o que a Bíblia diz em prática.

A vulnerabilidade de Edu me encorajou a expor também a minha.

— Preciso te pedir perdão também. — Olhei para minhas mãos, conforme brincava com o cardápio entre meus dedos. — Sei que muitas vezes não sou uma pessoa fácil de conviver e, como você mesmo já me disse, não posso usar meu gênio forte como desculpa. — Soltei uma pequena risada, espiando-o por entre os cílios, e ele abriu um pequeno sorriso em resposta, encorajando-me a prosseguir: — Enfim. Tenho orado mais em relação a isso também, então me perdoe pela minha impaciência e arrogância. Deus ainda está trabalhando em mim.

— Em nós.

— Uma trégua, então?

— Uma reconciliação. — Ele abriu seu sorriso clássico para mim e estendeu a mão. — Irmãos em Cristo, certo?

— Certo. — Apertei sua mão.

— Mas agora vamos agir de acordo.

Ri.

— Sim, por favor.



O estádio ganhava cada vez mais vida conforme se aproximava o horário do jogo.

Em pouco tempo, o lado da arquibancada em que eu estava foi sendo tomado por verde e amarelo. Bandeiras do Brasil despontavam daqui e dali, meninas pegavam tinta de rosto e pintavam as faces umas das outras, pessoas tiravam fotos do estádio, da torcida...

Sorri.

Essa animação pré-jogo sempre me contagiou. Tanto como atleta como torcedora.

Eu amava ver tanta gente reunida com a mesma animação e compartilhando de um mesmo objetivo, ainda que apenas por algumas horas: ver seu time campeão.

Quando a competição era a nível internacional, então, a intimidade da torcida ficava ainda maior. Quando era Brasil contra qualquer outro país, não havia nada mais que importasse, éramos todos um só, uma só nação, uma só família — e, como toda boa família, não admitíamos que mais ninguém dissesse uma única coisa desfavorável sobre nós, mesmo conhecendo as inúmeras falhas que tínhamos como povo.

Ainda faltava uma hora para o início do jogo, mas a torcida já estava a todo vapor. Alguns grupos já começavam a entoar alguns gritos de guerra conhecidos, que se misturavam ao som alto tocando por todo o estádio e às muitas conversas ao redor de todo o recinto.

Fechei os olhos e desfrutei por um momento daqueles instantes repletos de expectativa. Todos ansiosos para a chegada dos atletas, para o apito do juiz dando início ao jogo, para o fim do último set, declarando nossa vitória e significando mais um passo rumo à medalha de ouro.

Um pequeno sorriso tomou meus lábios. Como era boa essa sensação. Como devia ser incrível estar *lá*, nos vestiários, ouvindo as arquibancadas se encherem, as pessoas gritarem seu nome, a adrenalina correndo pelas veias, a tensão tomando os ombros, o técnico dando as últimas instruções...

Se eu amava isso em um campeonato estadual, imagina como seria em um *mundial*!

Suspirei.

Eu só poderia imaginar como era. Eu só poderia sonhar com isso.

Mas eu nunca de fato estaria lá.

Eu poderia conhecer a sensação por meio dos outros, vivenciar por tabela a partir do relato dos atletas que estavam ali. Mas eu nunca de fato *viveria* essa experiência. Nunca seria de fato *eu* ali, prestes a entrar na quadra. Prestes a sacar a bola, e a cortar, e a defender.

Não, eu estaria para sempre condenada à plateia. Às arquibancadas.

Tudo porque eu quis demais. Se eu tivesse sabido esperar, ir com calma, seguir as orientações da minha treinadora, talvez eu estivesse ali também.

Talvez, uma parte mais cristã de mim me lembrou, se eu tivesse confiado mais em Deus ao invés de tentar tomar meu futuro em minhas próprias mãos, tudo teria sido diferente.

Suspirei.

Não adiantava mais remoer o passado. Não adiantava me perguntar o que teria sido diferente se eu tivesse agido diferente. As coisas eram como eram, e eu seria muito mais feliz se eu simplesmente aceitasse.

Os times entraram na quadra para começarem o aquecimento. A arquibancada urrou diante da visão de suas equipes.

Se antes os ânimos já estavam lá em cima, agora alcançaram alturas estratosféricas.

Os torcedores começaram a se manifestar, gritando incentivos, marcando presença, chamando por seus atletas preferidos...

Pela arquibancada brasileira, pude ouvir os cantos tradicionais dos principais jogadores.

Caduziiiiiii-nhoooo! Caduziiiiiii-nhoooo!

Ah! Igor Pereiraaaaa! Ah! Igor Pereiraaaaa!
Aôô! O Carva che-goooouuu! Aôô! O Carva che-
goooouuu!

A cacofonia típica de um bom estádio logo preencheu todo o ambiente, tornando quase impossível conversar.

Meus pais, que haviam chegado em Paris há alguns dias, para poderem assistir às apresentações das filhas, estavam perto de mim, sentados na primeira fileira depois da grade, onde eu me encontrava, a fim de poder gravar com mais qualidade alguns *takes* de Edu jogando.

Minhas irmãs não conseguiram vir, cada uma com sua respectiva equipe e treinos. Rê também estava ocupada, treinando para o próximo jogo.

Assim, éramos apenas meus pais, eu, meu celular e meu *gimbal*^[8]. Achei melhor trazê-lo do que o tripé, porque assim teria mais mobilidade e, ao mesmo tempo, as imagens não ficariam todas tremidas.

A movimentação na quadra indicando que o jogo começaria em breve me deixou atenta.

Os jogadores pararam de se aquecer e voltaram para seus respectivos bancos, enquanto os secadores de quadra se dedicavam a enxugar todo o chão com panos.

Os treinadores deram as últimas instruções e, então, os atletas titulares começaram a ser anunciados um por um pelos alto-falantes do estádio. Ao ouvirem seus nomes, os jogadores entravam em quadra e as torcidas aplaudiam.

O Brasil, como sempre, deu um show de animação. A cada atleta brasileiro anunciado, a torcida ia à loucura, dando um gás especial para as três estrelas do time.

Caduzinho foi o primeiro, entrando na quadra com toda a empolgação característica dele. Seu cabelo castanho claro estava todo despenteado e as faces claras já se encontravam rosadas, mesmo antes de o jogo começar. Ele entrou pulando e foi recebido pela ovação da torcida.

Depois foi o Carva. Deu uma pequena corrida para entrar na quadra, abrindo para todos seu sorriso charmoso. Era impressionante como os dentes claros sempre contrastavam com sua pele parda, quase castanha. O cabelo ondulado, cortado curto, no penteado típico meio para trás, terminava de ornar seu rosto, que, até eu precisava admitir, era belo. A torcida também aumentou os clamores quando seu nome foi anunciado.

E, por fim, o último dos jogadores de destaque do Brasil a entrar foi o Pereira. Pele e cabelos pretos, alto e forte, assim como quase todos seus colegas de time. Pereira entrou gritando, um braço erguido para cima, incitando ainda mais a multidão, que foi à loucura.

Após o time do Japão ter sido anunciado também e todos os jogadores terem se posicionado na quadra, o juiz apitou e teve início o jogo.

Precisei de toda a minha concentração para prestar atenção no meu trabalho, e não no jogo. Mas era tão difícil! Meu coração estava na quadra. Tudo de mim queria assistir cada saque, cada toque, cada segundo de cada *rally*^[9]. Mas eu não estava ali para isso. Eu estava ali para filmar o Carva em quadra.

Forcei-me a manter a câmera sempre nele, e não na bola, como eu tanto queria. Fazia notas mentais das jogadas boas das quais ele participou, para fazer pequenos cortes e utilizar essas imagens depois.

E, assim, assisti mais ao Carva do que ao jogo. O que, devo admitir, não foi tão completamente péssimo como eu imaginava. Isso porque o Edu era bom; muito, muito bom. Não era à toa que ele era uma das estrelas do time.

Conforme os sets se passavam, imergi tanto no jogo que, por alguns momentos, esquecia de filmar direito e, por completo, esqueci da minha rixa — recém-resolvida, é verdade — com Carva. Torcia por ele como se fôssemos

velhos amigos. Como se fosse a Rê ou uma das minhas irmãs ali na quadra.

— Deixa que eu seguro a câmera para você, querida.

— Minha mãe se voluntariou no último set.

O jogo estava empatado. Dois sets para cada time. O que significava que toda a minha sanidade havia desaparecido.

— Muito obrigada! — Foi tudo que consegui dizer, sem desgrudar os olhos da quadra, conforme minha mãe pegava o *gimbal* da minha mão e assumia as filmagens.

— Pega essa bola, Lucas!

Lucas era o líbero do Brasil e, provando ser um dos melhores em sua posição, pegou uma das bolas mais difíceis do jogo.

— AAÊÊÊ!!! — Berrei, segurando-me na grade. — Concentra nesse saque! Concentra nesse saque!

Eu gritava como se os jogadores pudessem me ouvir. Como se eu fosse a técnica. Como se eu estivesse também no jogo.

Era a vez de Caduzinho no saque.

Ele pegou a bola, quicou algumas vezes e rodou na mão enquanto respirava fundo. O juiz apitou, Caduzinho quicou a bola mais duas vezes, então a jogou o mais alto que pôde e fez um saque viagem tão bem-feito que eu jurava que o outro time não conseguiria pegar. Mas pegaram.

— Nãaoo!!! — Gritei, enquanto via o líbero japonês recepcionando a bola com um tanto de dificuldade. — Deixa cair! Deixa cair!

Outro jogador correu até o canto da quadra, para onde a bola havia ido, e conseguiu dar um toque, direcionando-a de volta para seu time, que não teve outra escolha a não ser passar a bola para o nosso lado, sem muita agressividade.

Conferi o placar.

13 x 11 para o Brasil.

— Só mais dois pontos, mãe! Só mais dois pontos! —
Agarrei o braço livre dela, que riu, concentrada em não me deixar atrapalhá-la na filmagem que *eu* deveria estar fazendo. — Bora, galera! Só mais dois, só mais dois!

Pereira recebeu a bola tranquila que o outro time havia passado e deu um toque para Chico, que estava na posição central e levantou a bola para Carva, que cortou com tudo para o time adversário, mirando bem no buraco^[10]. A bola foi direto ao chão, tocando-o antes que os jogadores japoneses conseguissem alcançá-la.

O juiz apitou.

— *MATCH POINT*^[11]! — Berrei, pulando na grade. —
MATCH POINT!

A torcida estava no auge de seu alvoroço.

Era o ponto final do último set.

O ponto decisivo.

Se o Brasil fizesse o próximo ponto, ganharíamos.

— Só não erra o saque! — Implorei.

Caduzinho se posicionou na zona de saque e recebeu a bola, rodando-a entre as mãos.

— É só passar para o outro lado... — murmurei, mal piscando os olhos. — Agora não é hora de errar!

O juiz apitou.

Caduzinho sacou a bola, que atravessou a quadra em alta velocidade.

O líbero japonês recepcionou a bola com perfeição, conseguindo passá-la para outro colega de time, que a levantou para o terceiro jogador, que atacou com tudo nosso campo. Mas nossos jogadores já estavam preparados e pularam ao mesmo tempo, fazendo um bloqueio lindo.

— Cai, cai! — Gritei para a bola, querendo que ela tocasse no chão.

Mas os jogadores do Japão foram mais rápidos e a interceptaram, passando de volta para o nosso campo no segundo toque.

Nosso líbero a recebeu e a passou para o Pereira, que estava na posição central, organizar a jogada. Ele, então, tocou a bola para Carva, que estava na saída da rede e, sendo sagaz mais uma vez, deu um toque não tão forte na bola para o outro lado, aproveitando-se da própria defesa do outro time para marcar nosso ponto final.

A bola bateu no bloqueio do Japão com a força certa para cair no próprio campo deles, garantindo o ponto para nós.

Gritei e pulei como se esse já fosse o último jogo, como se já tivéssemos ganhado a medalha de ouro.

Carva fez uma jogada arriscada, mas conquistou o jogo para a gente.

CAPÍTULO 7

— Carvaaa!!! — gritei quando ele se aproximou após o jogo.

Eu estava perto dos vestiários, tendo conseguido passagem para o espaço restrito por meio do meu crachá do Alcântara.

Minha mãe estava comigo. Ela havia insistido em permanecer na função de *cameraman*, porque, segundo ela: “Conheço bem a filha que eu tenho e sei que você não está em condições de filmar nada agora”.

Tentei protestar, mas não adiantou. Puxei minha obstinação de algum lugar, afinal.

Ao ouvir meu grito, Carva se virou em nossa direção e sorriu, aproximando-se.

— E aí, amiga nova! — Edu me cumprimentou, referindo-se à nossa reconciliação recente.

Franzi o cenho.

— O quê? — ele perguntou, vendo minha expressão.
— Forcei a barra?

— Talvez um pouquinho, mas hoje vou deixar passar, porque, cara...! Que jogo incrível!!! — Arregalei os olhos, quase quicando sobre meus próprios pés.

Ele riu.

— Você se importa se eu gravar um videozinho rápido agora? — perguntei. — Quero aproveitar que ainda estamos no calor do momento.

Como ele já havia seguido todo o protocolo de pós-jogo, inclusive dado as entrevistas oficiais, seria tranquilo

roubá-lo por um segundo.

— Claro, sem problemas. — Então, vendo minha mãe, a cumprimentou: — Oi, dona Amanda!

— Oi, querido. Parabéns pelo jogo.

— Muito obrigado.

— Podemos começar, então? — Cortei os dois sem nem perceber, ainda eufórica demais com a vitória.

Após as respostas positivas de ambos e minha mãe ligar a câmera, dei início:

— Primeiro de tudo, como você está conseguindo permanecer tão calmo agora? — Arregalei os olhos para Edu. — Eu estou literalmente *surtando* e nem estava na quadra!

Ele riu.

— E quem disse que eu estou calmo?

— Bom, você disfarça muito bem, então. — Limpei a garganta, tentando me recompor. — Mas me diga: como foi fazer aquela última jogada? Aquela que garantiu a vitória da equipe. O que se passou na sua cabeça quando você decidiu fazer um movimento tão ousado?

Ele ergueu um ombro.

— Eu precisava pensar rápido. Não vi nenhuma brecha no bloqueio para me aproveitar, mas vi que eu poderia tentar utilizá-lo a nosso favor, e foi o que eu fiz.

Virei para a câmera com um sorriso enorme.

— E é por isso, senhoras e senhores, que o Edu Carva aqui é conhecido por ser um jogador esperto.

Edu sorriu com certo acanhamento. Era até engraçado vê-lo assim, constrangido, principalmente se considerarmos que ele estava sempre se achando.

Ou talvez, sugeri uma vozinha dentro de mim, essa tenha sido sempre a sua percepção sobre ele.

Será?

Será que Carva nunca havia sido exibido e isso era só como eu interpretava as ações dele?

— Não acho que seja questão de ser esperto ou não — Edu interrompeu minha linha de raciocínio. —, é mais uma questão de atenção. Tenho certeza de que, se fosse qualquer outro colega do meu time no meu lugar, teria feito a mesma coisa.

— Bom, não sei se seria qualquer um que pensaria rápido assim — disse, só que, como não queria desvalorizar o resto da Seleção Brasileira, completei: —, mas, de fato, estamos com um time bem forte nessas Olimpíadas. O que me leva a outra pergunta... Quão altas você acha que são as chances de levarmos a medalha de ouro?

— Bem altas — ele respondeu de pronto. — Não quero que pareça que estou subestimando as demais equipes, porque tem muitas que estão no páreo, mas nosso time chegou bem forte, como você acabou de falar. Temos muitos atletas capazes, bem treinados, focados e com vontade de vencer. E, além disso, diria que a gente é bastante equilibrado. Onde é o ponto fraco de um, é o ponto forte de outro.

— É muito bom ouvir isso — falei — e, depois de ter visto esse jogo de hoje, não tem nem como questionar suas palavras. Mas vou te deixar descansar agora. Queremos você zerado para a próxima partida.

Ele sorriu.

— A meta é essa.

— Muito obrigada pelo seu tempo, Edu. — Estendi a mão, toda formal de repente, como se eu fosse mesmo uma repórter de uma grande emissora, e não apenas a *social media* de um clube de Campinas.

— Eu que agradeço. — Ele apertou minha mão.



— Nossa, mãe, muito obrigada por ter me dado aquela mãozinha, não, *mãozona* hoje lá no jogo — falei, deitando a cabeça em seu colo. — Me salvou demais.

Estávamos no quarto dela e do meu pai, que estavam hospedados no mesmo hotel que o meu, para onde voltamos depois da partida.

— Imagina, querida, precisando estamos aqui. — Ela acariciou meu cabelo.

— Mas aí é que tá... — Suspirei. — Não era para eu ter precisado. Fala sério, meu serviço hoje era simples para caramba, era só chegar lá, filmar o Edu e pronto, mas me distraí.

— O jogo hoje foi bom mesmo — meu pai comentou. — Intenso do começo ao fim.

— Né?! — Arregalei os olhos para ele. — Mas tudo bem. Vou me preparar melhor para a próxima partida. Não vou me deixar envolver tanto.

— *Ou...* — minha mãe disse — Você pode aproveitar que estamos aqui e usar nossa ajuda.

— Mas estou sendo paga para isso.

— Está escrito claramente no contrato que precisa ser *você* filmando — meu pai perguntou — ou eles querem apenas que você faça os vídeos?

Pensei por um instante.

— Querem apenas que eu faça os vídeos.

— Então, pronto, nada te impede de delegar a função de filmagem para outra pessoa — papai concluiu.

Mordi os lábios, encarando o teto por um instante. Por fim, falei:

— É, acho que o senhor está certo... E, no fim, assim tem chances até de ficar melhor, considerando que o *cameraman* não vai se distrair tanto. Além de que também me dá mais possibilidades, de tirar algumas fotos ao longo do jogo, por exemplo.

— Perfeito, então. — Mamãe deu dois tapinhas carinhosos na minha cabeça. — Me considere sua ajudante

daqui para frente.

Olhei para ela com emoção. Era bom saber que eu não estava sozinha.

— Muito obrigada, mãe.

Antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, meu celular vibrou no meu bolso.

Peguei-o e conferi a tela.

— São as meninas — avisei para eles e atendi. — Fala, irmãzinhas.

— Chegamos. — Yumi foi direto ao ponto.

— Estamos descendo, então — papai disse.

Eu e mamãe nos levantamos e nós três nos dirigimos até a recepção do hotel, onde encontramos as demais integrantes da família.

Aproveitaríamos que hoje tanto Pér quanto Yumi estavam com a agenda livre para sairmos em família.

— Quem diria que a gente precisaria vir para a *França* para conseguirmos juntar os cinco de novo, hein? — mamãe brincou.

— Aaah, que saudade que eu tava de vocês! — Yumi nos espremeu em um abraço.

A última vez em que estivemos todos juntos foi no Natal, há sete meses. Tempo mais que suficiente para estarmos morrendo de saudades.

Papai nos conduziu, então, para o restaurante onde ele tinha feito reserva.

A noite foi tranquila, com as meninas nos atualizando sobre os primeiros dias de competição e eu e meus pais nos dedicamos a acalmar os ânimos delas.

Conforme elas compartilhavam a correria de treinos, o alvoroço dos jogos e a tensão nas equipes ao longo daqueles dias, meu coração se comprimiu.

Eu queria *tanto* fazer parte disso tudo.

Mas não era hora para focar em mim. Era hora para focar nas minhas irmãs e nas necessidades e temores delas.

Eu queria viver aquilo junto delas e ajudá-las como eu pudesse.

Ó Senhor, me ajude a colocar a necessidade do outro antes da minha. Me ajude a cuidar das minhas irmãs, porque sei que, enquanto cuido do próximo e das coisas do Teu Reino, o Senhor cuida de mim.



Mais uma vez, eu estava na sala de reuniões do meu hotel com o Carva. Iríamos gravar mais uma entrevista, porque o pessoal do Alcântara Clube queria mais material sobre o último jogo, por causa daquela vitória linda do Brasil. Principalmente porque o ponto que definiu a partida foi marcado por um atleta do clube, que havia treinado ali desde criancinha.

— E aí, Catarina — Edu me cumprimentou, chegando na sala.

— E aí. — Sorri para ele.

Demos o típico abraço brasileiro e, então, nos preparamos para mais uma entrevista. Enquanto eu terminava de organizar os materiais, expliquei:

— Vou acabar repetindo algumas perguntas que já fiz depois do jogo, ok? É que a galera lá do Alcântara quer dar o máximo de destaque possível para o fato de que foi uma cria do clube que garantiu aquele jogo para nós.

Ele riu.

— Tudo bem, sei como é. Tem que aproveitar enquanto estamos em alta, né?

— Exatamente.

Coloquei o celular no tripé.

— Pronto para começarmos?

— Claro.

Pela próxima meia hora, fiz as perguntas conforme as orientações que havia recebido da própria diretoria do Alcântara, então a entrevista foi um pouco menos espontânea que o habitual.

Quando finalizamos, Edu perguntou:

— Você já comeu? — Ergui os olhos para ele, surpresa, apesar de não tanto quanto da primeira vez. Percebendo minha reação, ele acrescentou: — Porque eu ainda não, e estou morrendo de fome.

— E você está podendo comer fora?

— Depende do cardápio, mas qualquer coisa é melhor que nada no momento.

Dei risada.

— Se você diz.

Terminei de guardar meus materiais e, então, fomos para a saída do hotel.

— Você quer ir no mesmo lugar que da última vez? — perguntei.

— Você pensou em algo diferente?

Dei de ombros.

— Nada específico, mas é que, com tantas opções boas, acho um crime a gente ficar indo sempre no mesmo lugar.

— É um ótimo argumento para mim.

— Eu vi que tem uma *boulangerie* a algumas quadras daqui — comentei. — Acho que lá pode até ser que tenha mais opções para você comer.

— Por mim, está ótimo.

— Maravilha. Dá para ir andando também.

— Melhor ainda.

Saímos do hotel e fui guiando o caminho.

— Você já veio a Paris antes, né? — Edu perguntou.

— Já, algumas vezes.

— Por isso você é tão familiarizada com tudo. Parece até que é daqui.

Dei uma risada.

— Não é para tanto. Devo ter vindo no máximo umas 4 ou 5 vezes, não o suficiente para conhecer a cidade tão bem assim.

— Já é mais vezes do que eu, que nunca tinha vindo antes, e, de qualquer forma, você parece conseguir se localizar bem pela cidade, ainda estou tentando entender esse negócio todo de arronsin... Arrossan...

— *Arrondissements* — ajudei.

— Isso. Está vendo, não consigo nem falar o nome, quanto mais entender a lógica.

Ri.

— Não é tão difícil assim — falei. — É só o jeito que eles decidiram chamar os setores da cidade. Quando a gente chegar na *boulangerie*, abro um mapa de Paris no meu celular e te mostro como funciona.

E foi o que fiz.

Sentamos um do lado do outro em uma das mesas e, enquanto esperávamos nossa comida, encontrei uma imagem com o mapa de Paris e comecei a explicar.

— O primeiro *arrondissement* fica bem no centro da cidade. Quanto maior o número do *arrondissement*, mais longe ele fica do centro.

— Ok... — Edu encarava fixamente a tela do meu celular, tentando acompanhar minha explicação.

— Os principais pontos turísticos costumam ficar nos primeiros *arrondissements*. — Fui apontando conforme falava. — O Louvre, por exemplo, fica no primeiro; a Catedral de Notre-Dame, no quarto; a Torre Eiffel, no sétimo; e assim por diante. Você já visitou algum desses lugares, inclusive?

— Ainda não tive tempo.

— Ah, não! No dia que você estiver mais tranquilo, você *precisa* ir conhecer esses pontos turísticos! — Voltei a olhar para o mapa. — Você pode ir na Torre Eiffel em um dia que estiver menos corrido, mas, se tiver muito tempo, tipo um dia inteiro, pelo menos, vai para o Louvre. Lá é lindo

demais! Mas, se você não tiver tempo para entrar, vai lá pelo menos para ver por fora e tirar uma foto na frente.

— Por mim está combinado.

Arregalei os olhos para ele.

— O quê?

Será que ele estava pensando que eu queria ir junto nesses passeios? Não era bem essa a minha intenção. E nosso relacionamento estava tão bom que eu achava melhor nem forçar muito a barra. Temia quando chegaria o momento em que a gente explodiria um com o outro de novo.

— Você vai ser minha guia turística — Edu confirmou meus temores.

— Ah... — Tentei encontrar uma saída, mas nenhuma me pareceu educada e pacífica o suficiente, por isso disse apenas: — Ok, a gente marca, então.

— Olha que vou querer marcar mesmo. — Ele ergueu uma sobrancelha com certa diversão, certamente percebendo meu desconforto e minha tentativa de esquivar.

Seria muito educado da parte dele, tendo ciência da minha pouca disposição em acompanhá-lo, desconversar e dizer que havia mudado de ideia. Mas acho que, justamente naquele dia, Edu não estava muito no intuito de ser educado.

— Eu te mando uma mensagem avisando o dia que estiver mais tranquilo para mim, então. — Ele cimentou a cova que ele mesmo havia aberto.

— Aham. — Ergui os lábios em um sorriso inseguro, sem querer me comprometer.

Edu apenas riu.

Se o Carva já era intrometido como um mero conhecido, agora, que ele parecia achar que éramos amigos, ele estava se superando.

Mas tudo bem. Era só um passeio por Paris. Certamente poderia ser coisa pior.

CAPÍTULO 8

Uma notificação brilhou no meu celular. Ergui a tela para ver o que era e me deparei com a seguinte mensagem de Carva na barra de notificações:

Está livre amanhã a partir das 16h?

Abri a conversa e respondi:

**A principio sim
Pq?**

**Tava pensando de conhecer
paris**

**Uma pessoa me disse q eu
nao podia perder a
oportunidade**

**Mas ai queria ver se minha
guia turistica estaria
disponivel**

Kk entendi
Onde vc quer ir?

N sei, vc q me diz
O q vc acha q dá pra fazer
nesse horário?

Tem algum ponto turistico
especifico q vc tenha
mais vontade de conhecer?

N sei
Acho q a torre eiffel
q é a principal né?

Fechou então
Amanhã vamos pra Torre
Eiffel

show
onde nos encontramos?

No meu hotel mesmo, fica
mais fácil
Daqui a gente pega o
metrô

Combinado

E foi assim que, quando menos vi, eu estava passeando pelas ruas de Paris com Eduardo Carvalho.

Como o mundo dá voltas, não é mesmo?

Nunca na minha vida eu imaginaria que um dia eu sairia por aí com Carva por livre e espontânea vontade. Mas aqui estávamos.

Que Deus nos ajude e esse passeio não termine em briga. Amém.

— Acho que essa deve ser, sei lá, a terceira vez que ando de metrô — Carva disse enquanto pegávamos o vagão que nos conduziria para o sétimo *arrondissement*.

— O quê, sério? — Olhei para ele. — Você não vai muito em São Paulo?

— Até que vou, mas quase sempre de carro. — Ele deu de ombros. — Então se andei de metrô lá uma ou duas vezes foi muito. Além de que o daqui de Paris é muito mais elaborado.

Dei uma risada.

— Isso é verdade. Mas é bem simples até.

— Se a gente não se perder — ele brincou.

— Claro, um mero detalhe. — Sorri para ele.

Ficamos um momento em silêncio, observando a cidade pelas janelas do metrô.

— A gente poderia ter pegado algumas outras linhas para chegar até a Torre Eiffel — falei —, mas quis vir pela linha 6, porque os trilhos são acima do solo, então dá para aproveitar melhor a vista.

Ele olhou para mim de soslaio.

— E ainda vem me dizer que não conhece muito de Paris...

Dei uma risada.

— E não conheço mesmo. Só sei disso porque já fui na Torre antes.

— Se você diz... — ele brincou.

Sorrimos um para o outro e, então, voltamos nossa atenção para a vista. Seguimos em silêncio por alguns

metros, mas um silêncio confortável, completamente diferente do de quando fomos lanchar juntos pela primeira vez.

— Você estava certa — Edu comentou após alguns minutos.

— Você vai precisar ser mais específico — falei em um tom bem-humorado —, costumo estar certa sobre muitas coisas.

Ele balançou a cabeça em negativa, mas seus lábios se ergueram de leve.

— Sobre a vista, ô convencida.

Dei risada.

— Espera só até a gente se aproximar da Torre.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim, intrigado, mas logo voltou os olhos para as janelas.

Os prédios baixos, os estabelecimentos cheios de clientes, as ruas repletas de carros, pedestres e turistas passavam diante de nós em alta velocidade.

E, então, ela apareceu.

A Torre Eiffel em toda a sua glória.

Primeiro, levemente encoberta pelas árvores altas que se erguiam na pista, mas então o metrô passou por cima do rio Senna e pudemos ver a Torre sem quase nenhuma obstrução.

— É bem impressionante mesmo, né? — Edu comentou, os olhos fixos na vista incrível que se estendia diante de nós.

— Não é à toa que é um dos pontos turísticos mais visitados do mundo...

— Pois é. Eu já tinha visto fotos, claro, mas é muito diferente aqui, de perto.

— E você sem querer vir aqui visitar! — Provoquei com bom humor.

Ele fingiu estar ofendido quando olhou para mim.

— Eu nunca disse isso!

— Não, mas também não parecia estar fazendo planos nesse sentido.

Ele deu de ombros.

— Você tem um ponto.

Dei risada.

— De qualquer forma, foi bom termos vindo nesse horário, mais fim de tarde, porque vai dar para você ver a Torre tanto de dia quanto de noite.

— E tem muita diferença? — Ele olhou para mim mais uma vez.

— Nossa, demais! De dia, você consegue ver melhor os detalhes da construção, de noite, você aproveita melhor a vista.

— Como assim?

Ergui um ombro.

— Quando escurece, eles acendem a Torre inteira e fica a coisa mais linda. Dá um tom meio mágico, se é que isso não soa ridículo.

— Tudo bem, você conseguiu me deixar curioso.

— Calma, vamos ter tempo. — Olhei para ele, incerta.

— Quer dizer, vamos ter tempo, né?

— É, estou livre pelo resto do dia.

— Perfeito, então.

Descemos do trem e seguimos a pé até a Torre, uma vez que ficava perto da estação.

Quanto mais nos aproximávamos do nosso destino, mais cheio ficava o ambiente.

Demos uma volta ao redor da Torre, para Edu poder apreciar todos os ângulos.

Ele aproveitou para tirar algumas fotos — apenas da Torre, de si com a Torre no fundo e até mesmo conseguiu me arrastar para algumas selfies, ainda que meio a contragosto da minha parte.

— Você quer subir? — perguntei, quando a sessão de fotos parecia ter acabado.

— Não sei. — Ele deu uma olhada na fila, que estava quilométrica, claro. — Você acha que vale a pena?

— Você pretende voltar a Paris algum dia?

Ele olhou para mim.

— Não é como se fosse a coisa mais simples do mundo... E, mesmo se fosse, acho que eu priorizaria outros lugares.

— Isso é um não? — Ergui uma sobrancelha.

— É um “pouco provável”. — Ele sorriu. — Raramente visito o mesmo lugar duas vezes. Este mundo é grande demais para ficar repetindo os passeios.

— Bom, sendo assim, então suba na Torre Eiffel.

— Mesmo com essa fila enorme?

— Achei que você estivesse livre pelo resto da noite.

— *Eu*, sim. Tenho medo é de estar ocupando muito do seu tempo.

Abanei o ar com a mão.

— Não se preocupe com isso. Avisei pros meus pais que apresentaria um pouco da cidade para você hoje.

— Se é tranquilo para você, então vamos nessa.

O tamanho da fila era mesmo desencorajador, principalmente para mim, que já havia subido a Torre, mas não desistiria fácil assim. Era uma experiência única, ainda mais para quem não pretendia voltar aqui.

Entramos na fila, e Edu passou alguns instantes observando tudo à nossa volta. Fiz o mesmo.

Paris estava como eu me lembrava, exceto pelos enfeites.

Toda a decoração da cidade destacava o fato de que estávamos no meio de um dos maiores eventos esportivos do mundo.

Os turistas também exalavam o espírito das Olimpíadas. Muitos vestiam as camisas de seus países, vários carregavam vuvuzelas ou tinham seus rostos pintados e estavam munidos de outros objetos próprios para torcida.

E, mais uma vez, fui assaltada por um aperto no peito.
Fala sério, Catarina, briguei comigo mesma. A gente estava indo tão bem... Não me venha com drama agora.

Já fazia alguns dias que eu não tinha uma crise dessas. Eu estava conseguindo lidar até bem com o fato de que estava aqui apenas como espectadora. Mas sei lá... Às vezes a lembrança de tudo que não conquistei nem nunca conquistaria voltava e me atingia com tudo; e, nessas horas, era difícil resistir. Era difícil permanecer firme, indiferente.

— Está tudo bem? — A voz de Edu me arrancou de meus pensamentos.

Olhei para ele, sobressaltada.

— O quê?

— Está tudo bem?

— Claro, por que não estaria?

Edu não disse nada por um momento, apenas demos alguns passos para frente conforme a fila avançava.

— Sei que você me acha força-barra — Edu cortou o silêncio. —, e talvez eu seja mesmo um pouco, mas de verdade não é essa a minha intenção com a minha próxima pergunta. Ela é fruto de uma preocupação verdadeira, e eu a faço no temor do Senhor, com medo de que isso quebre nossa boa relação tão recente, mas ao mesmo tempo não consigo mais não a fazer.

Quase peguei o braço dele e sacudi.

— Ai, pergunta logo de uma vez, você está me deixando nervosa!

— Certo, foi mal. Bem, vamos lá, então... — Ele respirou fundo e desviou os olhos por um instante antes de reunir toda sua coragem e perguntar: — Você está bem?

Franzi o cenho.

Todo esse drama só para isso? Já estava esperando uma pergunta toda cabeluda, mas ele só queria saber se eu estava bem?!

E ele já não tinha acabado de me fazer essa mesma pergunta?!

— Estou...? — Minha afirmação acabou saindo como um questionamento. Ele havia sido tão enfático que fiquei até meio em dúvida quanto à resposta.

Quer dizer, não tinha como ele saber que eu estava beirando uma crise existencial há alguns segundos, tinha?

— Bem mesmo? — ele insistiu, mostrando que, aparentemente, sim, tinha como ele saber da minha quase crise. — É que tenho estado meio preocupado com você, desde o negócio todo do seu *story* falando do tempo *off*, para ser mais exato. — Ah, isso. — Tenho orado por você desde então, porque dava para perceber que algo não estava bem, mas aos poucos fui me dando conta de que eu não era a pessoa certa para perguntar, por causa de todo nosso histórico e tal.

Assenti, mostrando que acompanhava sua linha de raciocínio, então ele prosseguiu:

— Mas agora que combinamos que vamos tentar ter uma relação mais civilizada, ou melhor, mais *cristã*, não consegui mais me controlar. Eu realmente quero saber, mas não quero que você ache que estou sendo intrometido nem que estou querendo dar pitaco. Se você não quiser responder, tudo bem, de verdade. Eu só queria que você soubesse que me preocupo e estou orando por você.

Minha nossa, quanta informação! Eu precisaria de pelo menos mais dois anos para processar tudo.

— Certo... — consegui dizer. — Muito obrigada.

— Não por isso...

A fila avançou e demos mais alguns passos em silêncio. Quando paramos mais uma vez, ele espiou em minha direção e perguntou:

— Mas e então? Como você está?

— Tudo certo. — Forcei um sorriso, mas logo o Espírito me incomodou. Eu estava mentindo, afinal. — Não, isso não

é verdade. Perdão. — Suspirei. — Não estou tão bem assim, mas estou vivendo um dia de cada vez.

— Aconteceu alguma coisa?

— Acho que não exatamente.

— Você quer conversar sobre isso?

Desesperadamente, mas com quem?

Por que não com ele? Uma voz interior questionou.

E, talvez por estar tão desesperada, ou porque Edu tinha sido tão aberto, ou porque ele foi o único que me perguntou com tanta insistência — ou muito provavelmente tudo isso junto —, acabei confessando:

— É só que... é muito difícil para mim estar aqui.

— Em Paris?

Balancei a cabeça em negativa.

— Nas Olimpíadas.

Demos mais alguns passos em silêncio.

— Por quê? — ele indagou em um tom suave.

Lancei um olhar ferido em sua direção.

— Você quer mesmo saber? A resposta pode não ser muito bonita.

— Se é o que você está sentindo, então, sim, eu quero saber.

Respirei fundo e desviei os olhos, pensando no que falar. No *quanto* falar.

— Porque não estou vivendo meu sonho, mas todo mundo que eu conheço, sim. — Foi estranho dizer essas palavras em voz alta.

Parte de mim se sentia aliviada, mas a outra parte se sentia ainda mais um monstro.

A fim de manter a conversa fluindo e fazer com que minhas últimas palavras fossem esquecidas, continuei:

— Eu sinto como se estivesse em um jogo de vôlei, me esforçando ao máximo para jogar a bola no chão do outro campo, mas, toda vez que eu ataco, vem o bloqueio maldito do outro time e me impede de fazer ponto. E, pior, ainda pontua no *meu* campo!

— Não acho que seja maldito.

— O quê? — A resposta de Edu me pegou de surpresa e fiquei confusa por um segundo.

— O bloqueio — ele explicou. — Não acho que seja maldito. Acho que é o bloqueio perfeito.

Soltei uma risada que era um misto de mágoa e incredulidade.

— Não, sério — Edu continuou. — Ao meu ver, quem está no outro time, contra quem você está atacando, é Deus. É Ele quem está te bloqueando. Por isso é perfeito.

Fechei o rosto, sem resposta.

Ouvir aquilo doeu. Talvez porque fosse verdade.

Se era mesmo Deus no outro time, por que Ele continuava me bloqueando de forma incansável?

Você está fazendo a pergunta errada. Uma voz disse dentro de mim. O que você deveria estar se perguntando é: por que você está jogando contra Deus ao invés de estar no mesmo time dEle?

Edu, num esforço de diminuir a tensão que se abateu sobre nós, seguiu com a conversa:

— Foi por isso que você quis desistir do seu perfil no Instagram?

— E por que eu deveria continuar? — Ergui um ombro. — Qual é o sentido disso? O que eu ganhei de bom em todos esses anos sonhando com o vôlei? De que me adiantou dedicar tanto do meu tempo se no fim eu não alcancei meu objetivo?

— Você pode até não ter conseguido alcançar seu objetivo principal, mas com certeza alcançou muitas outras coisas.

Balancei a cabeça.

— Se você diz...

— Estou falando sério! — Edu olhou no fundo dos meus olhos. — E seu perfil no Instagram com milhares de seguidores? E todas as consultorias que você é convidada

para dar sobre vôlei? E suas turmas no clube que estão sempre no pódio das competições?

Dei de ombros.

— Sei que vou soar mal-agra-de-cida agora, mas isso tudo é meio que... *nada* para mim, sabe?

— Como isso tudo pode ser nada? Não é qualquer um que consegue conquistar tudo que você conquistou, Catarina!

Meus olhos marejaram.

— Eu sei, e sou grata por isso, de verdade, por mais que não pareça, mas é só que... É só que não era o que eu queria, entende? — Ergui as mãos. — Eu trocava isso tudo, sem nem pensar duas vezes, pela oportunidade de estar nas Olimpíadas como atleta. *Esse* era o meu maior sonho, entende? — Minha voz embargou com as lágrimas que começaram a cair, mas continuei: — Todo o resto para mim não era um alvo, as coisas foram... simplesmente acontecendo!

— Simplesmente acontecendo? Assim, por acaso? — Edu perguntou, mas percebi o ceticismo em sua voz.

Dei de ombros, incapaz de falar, tentando cessar meu choro.

— Não acho que tenha sido por acaso — Edu falou. — Você teve todo esse sucesso porque foi da vontade de Deus.

— Aqui vamos ter que discordar. — Enxuguei meu rosto. — Não foi você que acabou de falar sobre o bloqueio perfeito de Deus? Eu vejo tudo isso como Deus deixando bem claro que essa *não* era a vontade dEle para a minha vida.

— O que não era a vontade dEle?

— O vôlei.

— Só porque você não conseguiu o que queria, você concluiu que era Deus dizendo que o vôlei não era a vontade dEle para você?

Ergui as mãos.

— O que mais eu deveria entender, Eduardo?

— Que Ele tinha outros planos para o vôlei na sua vida.

Ergui uma sobrancelha com ironia.

— Tipo o quê?

— Tipo alcançar pessoas por meio do esporte.

Pela segunda vez, fiquei sem resposta na conversa. Vendo que havia me desarmado, Edu continuou:

— Como eu já te disse, minha irmã acompanha todas as suas lives e não perde *uma* das suas devocionais. Por meio de você, tenho conseguido voltar a conversar sobre Cristo com ela e as conversas têm se aprofundado, ela tem se mostrado mais interessada, mais aberta, entende? Você tem sido usada pelo Senhor para alcançar outras pessoas.

Meu lábio inferior tremeu, os olhos voltando a se encher de água.

— E tenho certeza de que não é só a minha irmã. — Edu continuou. — Ou estou errado?

Fiz que não com a cabeça.

— Já pensou que Deus te deu essa aptidão no vôlei para você usar para a glória dEle e não para a sua?

— Mas eu não poderia glorificá-LO e alcançar pessoas *sendo* uma atleta olímpica? — indaguei.

— Com certeza, mas Deus quis de outro jeito.

— Por quê? — Finalmente tive coragem de fazer a pergunta que vinha entalada na minha garganta há tanto tempo.

Por quê? *Por que* Deus tinha tirado de mim meu maior sonho?

Sempre fui fiel ao Senhor, e Ele sabe que parte do meu sonho era evangelizar outros atletas. Era poder dar a glória de cada vitória a Ele.

Então, *por que* Ele não me permitiu isso? Por que, ao invés de usar as asas que Ele mesmo me deu, Ele as cortou?

— Eu não sei. — Edu respondeu em um tom tão franco que me senti instigada a olhar para ele.

O que encontrei em seus olhos foi compaixão.

Não pena, não caridade, mas a dor dos que sofrem conosco. O sentimento profundo de chorar com os que choram.

O aperto em meu peito ao mesmo tempo se intensificou e se afrouxou. O choro, que eu vinha tentando reprimir, rompeu todas as minhas barreiras e, de repente, eu estava aos prantos.

Quando dei por mim, Edu havia me puxado para um abraço, acariciando suavemente minhas costas.

— Não sei por que Deus não quis te fazer atleta olímpica. — O tom de Edu era suave. — Não vou nem tentar adivinhar os motivos do Senhor. Ele não me disse, Ele não revelou em Sua Palavra, então não serei maluco de colocar palavras na boca dEle. Mas eu sei de algumas coisas.

Saí do abraço para observá-lo, engolindo cada uma de suas palavras.

— Eu sei — ele prosseguiu — que você tem todo o potencial para ser uma atleta olímpica. Se não fosse por seu ombro lesionado e o pino no seu cotovelo, tenho certeza de que você estaria aqui como atleta também.

Soltei um som sufocado pela garganta.

— Se você estava tentando ajudar — falei, e minha voz saiu miserável —, saiba que teve o efeito contrário.

— Eu sei... — Ele suspirou. — Não era minha intenção aumentar sua dor, e sim apenas constatar um fato. Mas essa não é a única coisa que eu sei. Eu sei também que nada foge do controle de Deus.

— Eu sei disso também. — Funguei, o peito doendo. — E acho que parte de mim se ressentia com Deus por isso.

Edu assentiu, sem se escandalizar com minha revelação pesada.

— É compreensível, mas você já disse isso para o Senhor?

Mordi os lábios e fiz que não com a cabeça.

— Pois, então, fale. — Edu me encorajou. — Se você for ler a Bíblia, em especial os Salmos, você vai encontrar os mais diversos sentimentos. Os salmistas são ótimos exemplos do que fazer com sentimentos controversos, em especial os que sentimos em relação a Deus. Quantas vezes um salmista não abriu o coração, perguntando se Deus estava cego, por não ver a maldade no mundo, por exemplo? Os salmistas derramavam o coração diante de Deus e é por isso que eles sempre eram curados de suas feridas na alma. Eles se abriam para Deus, que se derramava neles, e os respondia, e os consolava.

Assenti, enxugando o rosto.

— Então, fale com Deus, Cáti. — Edu disse em um tom amistoso. — Ele já sabe o que você está sentindo, mesmo quando você tenta fingir que está sentindo algo diferente. Deus conhece nosso coração, não adianta mentir para Ele e falar que está tudo bem quando não está. Então fale com Deus e deixe que Ele cuide do seu coração.

Meu lábio inferior tremeu.

— Tudo bem, vou fazer isso.

Edu sorriu para mim. Não o sorriso brilhante de sempre, mas um sorrisoagridoce, de quem se alegra em me ver lutando contra a minha tristeza.

CAPÍTULO 9

A primeira coisa que fiz ao retornar ao meu quarto no hotel foi me ajoelhar. Em qualquer canto.

Apenas caí de joelhos, bem na frente da porta logo após fechá-la, sem conseguir mais controlar o rio que fluía de dentro de mim.

Por que, Deus, o Senhor disse “não” àquilo que eu mais pedia? Por que o Senhor não quis me dar aquilo pelo que tanto me esforcei e me dediquei ao longo de tantos anos? Por que o Senhor disse “não” apenas para mim e disse “sim” a todas as outras pessoas?

Deus não me respondeu como eu esperava, como eu gostaria — com palavras claras e audíveis, com uma mensagem nova. Ao invés disso, o Espírito trouxe à minha mente a história de Jó. Em especial, quando ele fez basicamente as mesmas perguntas que eu fiz para Deus, querendo saber os motivos de o Senhor ter feito o que fez, e Deus respondeu não o que Jó tinha perguntado, mas o que ele precisava saber.

Não lembrava onde exatamente estava essa passagem, mas eu precisava lê-la. Então fui até a escrivaninha do hotel, onde eu havia deixado minha Bíblia, que sempre levava comigo em qualquer viagem, para me manter fazendo minhas devocionais diárias.

Com ela em mãos, abri em Jó, sabendo que a resposta de Deus estava registrada no final do livro.

No capítulo 38, encontrei o que eu procurava. E a resposta de Deus a Jó veio como se fosse Deus respondendo diretamente a mim:

“Então, do meio de um redemoinho, o Senhor respondeu a Jó: 'Quem é esse que questiona minha sabedoria com palavras tão ignorantes? Prepare-se como um guerreiro, pois lhe farei algumas perguntas, e você me responderá. Onde você estava quando eu lancei os alicerces do mundo? Diga-me, já que sabe tanto. Quem definiu suas dimensões e estendeu a linha de medir? Vamos, você deve saber.”^[12]

A resposta de Deus se estende pelo resto dos capítulos 38, 39 e início do 40, quando Deus dá um respiro para que Jó reconheça quão pequeno era diante do Senhor e que não fazia sentido questioná-LO. Mas, a partir do versículo 6 do capítulo 40, Deus falou mais uma vez e prosseguiu até o fim do 41.

Conforme eu lia esses versículos, meu coração se derramava diante do Senhor e eu chorava como uma criança pequena.

Deus não respondeu à pergunta de Jó. Deus não explicou por que havia deixado que Jó perdesse tudo — sua riqueza, sua saúde, seus filhos. Nós, que lemos o livro, sabemos o porquê — está explicado no primeiro capítulo que Deus permitiu todo esse mal, para mostrar ao diabo que Jó era um servo fiel e temente a Ele não por causa de todas as bênçãos que Ele havia lhe dado, mas por amá-LO de todo o coração.

Mas o Senhor não falou nada disso para Jó. Deus não explicou Seus motivos, Ele apenas mostrou quem Ele era.

Do mesmo jeito, Deus não me respondeu por que Ele permitiu que eu lesionasse o ombro e precisasse colocar um pino no cotovelo. Ele apenas se revelou a mim.

Deus é o Senhor, não eu. Deus é o Criador de todas as coisas, não eu. Deus é soberano, não eu.

Deus é eterno, eu sou apenas pó. Deus criou o mundo com sabedoria e sustenta todas as coisas com seu infinito poder; eu não consigo nem mesmo sustentar minha própria vida.

Por que eu, um mero ser humano, de apenas 24 anos de existência, que não sei absolutamente nada, estou querendo questionar as razões do Senhor, que existe desde sempre e para sempre e é infinito em sabedoria e em conhecimento?

Quem eu achava que era?

Essas verdades gritavam em meu interior conforme eu prosseguia com a leitura dos capítulos finais de Jó. E, quando cheguei ao capítulo 42, o último de todo o livro, a única coisa que eu podia fazer era falar como Jó:

“Então Jó respondeu ao Senhor: 'Sei que podes fazer todas as coisas, e ninguém pode frustrar teus planos. Perguntaste: 'Quem é esse que, com tanta ignorância, questiona minha sabedoria?'. Sou eu; falei de coisas de que eu não entendia, coisas maravilhosas demais que eu não conhecia. Disseste: 'Ouça, e eu falarei! Eu lhe farei algumas perguntas, e você responderá'. Antes, eu só te conhecia de ouvir falar; agora, eu te vi com meus próprios olhos. Retiro tudo que disse e me sento arrependido no pó e nas cinzas.”^[13]

Deixei a Bíblia de lado no mesmo instante e caí mais uma vez sobre meus joelhos.

Deus me disse “não”.

Foi um não bem claro, alto, brusco e quase seco. Foi um não bem doído.

E eu, como a boa filha madura e submissa que era, fiz birra.

Fiquei chateada, esperneeiei, chorei, briguei com Ele.

Eu me sentia como uma criança de 2 anos que, magoada com o pai, se aproxima raivosa e enche seu peito de pequenos socos e seus tornozelos, de pequenos chutes.

Uma agressão inofensiva em termos de prejuízo físico, mas tão rebelde quanto se pudesse de fato machucá-lo.

Com a mão no peito e as lágrimas ainda escorrendo por meu rosto, falei com o meu Pai.

Ó Senhor, a ferida ainda é muito recente, ainda está aberta e ainda dói. E eu sou um mero ser humano, eu sou fraca, teimosa e orgulhosa. Entendo que não sou nada diante de Ti, mas, ainda assim, é tão difícil apenas me curvar à Tua vontade e não questionar os Teus motivos...

Solucei, pressionando meu peito com força, como se assim eu pudesse aplacar a dor.

Eu sempre falei que queria viver debaixo da Tua vontade, mas, quando a Tua vontade para mim foi diferente da minha, me abalei, me revoltei, como uma criança que não aceita o “não” do pai. Ainda não entendo, Senhor, por que o Senhor me negou aquilo que eu tanto queria, e talvez eu não entenda nunca Seus motivos, mas hoje eu te peço ajuda para aceitar. Não porque o Senhor é um Deus tirano, que nos impõe Sua vontade sem se importar com a nossa, mas porque o Senhor é um bom Pai, que nos diz “não” para o nosso próprio bem.

Respirei fundo, sentindo o aperto no meu interior se aliviar um pouco. A dor ainda estava ali, mas não me sufocava mais.

Eu não vejo, Senhor, mas eu creio. Eu creio, com minha fé tão pequena e tão fraca. E, por isso, eu te peço: eu creio, mas me ajuda na minha falta de fé^[14]. Se revela a mim, para que eu te conheça de fato e possa falar como Jó, que antes eu te conhecia apenas de ouvir falar, mas agora meus olhos te veem^[15].

Depois disso, senti-me mais leve. Apesar de a ferida ainda não estar sarada, eu sentia a paz de Deus guardando meu coração e minha mente em Cristo Jesus, como a Palavra já dizia que aconteceria quando colocássemos nossas ansiedades diante de Deus^[16].

Como passava da meia-noite, resolvi ir dormir. O dia havia sido longo. Ainda que o tempo com Edu tenha sido agradável — apesar de, depois da nossa conversa, eu ter entrado em um estado tão reflexivo que me impediu de aproveitar por completo o passeio —, a descarga emocional havia sido grande demais e eu estava exausta.

Tudo que consegui fazer foi trocar de roupa e escovar os dentes antes de me jogar na cama e capotar.



Oi

Como vc ta?

To orando por vc

Qualquer barreira que eu ainda tivesse com Edu ruiu ao ler essas mensagens assim que peguei meu celular pela manhã.

Pela primeira vez, vi o que eu antes achava ser intromissão pelo que realmente era: cuidado.

Tudo bem, no afã de cuidar, Edu às vezes ultrapassava alguns limites e de fato se intrometia em certas questões. Mas eu precisava ser justa também e confessar que: 1) na maior parte do tempo era preocupação genuína dele; e 2) minhas reações também se excediam, e eu acabava apelando.

Assim, pela primeira vez, vi-me escrevendo uma resposta para Edu sem ser por mera obrigação:

**Estou bem
Melhorando
Obrigada por perguntar
E pelas orações**

Fico feliz em saber
E conte sempre com as
minhas orações

Obrigada

E vc conseguiu falar com
Deus sobre o q conversamos
ontem?

Consegui

E aí?

Ainda estou me
recuperando

Posso te ligar?

Hesitei por um segundo, os dedos pairando sobre o teclado do celular. Não porque eu não queria falar com ele, como de costume. Muito pelo contrário. Pela primeira vez, eu *queria* falar com ele. Muito. Afinal, ele havia sido usado por Deus para desencadear todos os acontecimentos de ontem.

Então respondi:

Claro

No mesmo instante meu celular começou a vibrar e atendi no primeiro toque.

— Oi... — falei.

— Oi. — O tom de Edu era cuidadoso. — Como você está?

Sorri, achando graça por ele perguntar de novo.

— Bem, na medida do possível.

— O que isso quer dizer?

Com um suspiro, acabei desabafando:

— Que eu sou uma criança de 2 anos fazendo birra e batendo no pai enquanto chora porque não conseguiu o que queria.

— Graças a Deus por Sua eterna bondade e misericórdia, que nos permitem agir como uma criança de 2 anos.

Soltei uma pequena risada.

— E é aí que está a parte mais maravilhosa disso tudo, Edu! Deus não apenas me *permitiu* ser a criança birrenta, como depois disso tudo me pegou no colo e me consolou. Eu estava ali, chorando e batendo nEle, reclamando por algo que Ele não me deu, e Ele, ao invés de me fulminar, como Ele poderia e seria justo se fizesse, me acolheu. Deus viu minha dor e não foi indiferente.

— Deus nunca é indiferente à nossa dor. A ordem de chorar com os que choram está na Bíblia porque isso é algo que o próprio Deus faz conosco.

Meus olhos marejaram ao ouvir isso.

— Ele é de fato Emanuel, né? — Suspirei. — Deus conosco.

— O que ficou ainda mais claro em Jesus, que foi a expressão máxima desse Deus que é tão conosco que se *tornou* um de nós, apesar da nossa rebeldia, apesar de O rejeitarmos... Que veio para tão junto de nós quanto

possível só para tomar nosso lugar na cruz e pagar por nossos pecados.

— Amo muito o nosso Deus, creio em Sua eterna bondade e fico maravilhada com a Sua misericórdia — falei em um tom quebrado. — Mas preciso confessar que ainda dói. O “não” que Ele me deu ainda me machuca.

— E tudo bem, contanto que você leve sua dor até Ele e O deixe cuidar de você.

— Estou fazendo isso.

— Então vai ficar tudo bem. Ainda que a dor nunca passe, vai ficar tudo bem, porque Deus estará com você.

— Pois é — Assenti, apesar de ele não poder ver. —, o Senhor me lembrou dessas verdades ontem.

— É mesmo...? — Edu incentivou com cautela, temendo atravessar algum limite.

Mas não me senti com minha privacidade invadida; muito pelo contrário: senti o interesse de um amigo, o cuidado de um irmão.

— É — desenvolvi melhor o assunto. — Ele me lembrou da verdade de Jó.

— E o que seria isso?

— Que Ele não me deve explicações. Ele é Deus, eu sou criatura, não o contrário. Eu devo apenas me submeter à vontade dEle, crendo que Ele é bom e cuida de mim.

— Amém. Fico feliz em ouvir isso.

— Obrigada.

Permanecemos sem falar nada por um instante.

— Se você precisar ou simplesmente *quiser* conversar sobre isso tudo com alguém — Edu quebrou o silêncio. —, estou aqui, ok?

— Ok, muito obrigada. — Pausei por um momento, antes de acrescentar: — E você também. Não sei se você tem passado por alguma situação difícil ultimamente, mas sinta-se à vontade para falar comigo se precisar também.

Ele levou um tempo antes de responder em um tom que me parecia um tanto surpreso:

— Certo, muito obrigado.

Afastei o celular da orelha por um instante, para conferir o horário e disse:

— Bom, preciso desligar. Hoje tem jogo da Rê e preciso sair daqui a pouco.

— Claro, sem problemas.

— Muito obrigada mais uma vez.

— Imagina. Irmãos em Cristo estão aqui para isso mesmo.

Sorri, apesar de ele não conseguir ver. Talvez justamente por isso.

— Estamos conseguindo desenvolver bem essa coisa toda de agirmos mais como irmãos e menos como antes, né?

— Graças a Deus. — Ele riu. — Só fico triste que a gente não tenha tomado juízo mais cedo.

— Pelo menos tomamos agora.

— Antes tarde do que nunca.

— É.

Caímos em outro silêncio, que eu quebrei desta vez:

— Mas eu preciso mesmo ir.

— Certo, vai lá.

— Nos vemos depois.

— Se você estiver livre à noite, a gente podia sair para tomar um café ou algo assim.

— Claro, seria ótimo. — Surpreendi-me ao dizer. Principalmente porque eu havia sido sincera.

— Combinado, então. Depois a gente acerta os detalhes por mensagem.

— Perfeito.

— Até mais, Cáti.

— Até.

Quase uma hora depois, quando eu já tinha chegado no estádio, eu ainda estava processando nossa conversa de hoje. Na verdade, eu ainda estava processando nossa nova dinâmica de relacionamento.

Foi uma mudança brusca demais em muito pouco tempo. Mas para melhor.

Depois de conhecer Edu por quase 15 anos, era como se eu o estivesse conhecendo de fato pela primeira vez. E, precisava confessar, estava sendo uma experiência um tanto interessante.

CAPÍTULO 10

— **O** lha só se não é a melhor jogadora desse Brasil, minha gente! — gritei enquanto corria para apertar Rê em um abraço. — Você mandou bem demais, garota!!!

Minha amiga acabava de sair dos vestiários, onde eu havia ficado esperando por ela.

Rê retribuiu o abraço.

— Mandei, não foi? — Ela arregalou os olhos, com um sorriso extasiado. — Cara, esse jogo foi *tão* bom!

— E eu não sei? Só achei muito rápido.

— Nem ouse reclamar. — Ela ergueu o indicador na minha direção. — Melhor 3 sets a 1 do que elas virarem. Credo!

— Realmente, mas vocês conseguiram sustentar bem a partida.

Ela riu.

— Mas vem — Enlacei meu braço no seu, conduzindo-a para fora do estádio. —, temos uma entrevista para fazer.

Ela revirou os olhos.

— Aff, tem mesmo que ser agora? Eu estou, tipo, *esgotada* depois desse jogo.

— Imagino, mas vai ser rápido, juro.

Ela suspirou.

— Tudo bem, mas só porque eu te amo, viu?

— Também te amo, amiga. — Soltei com uma risada.



— E aí, onde você estava pensando de ir hoje? — perguntei.

Edu abriu um sorriso de canto.

— Confesso que eu meio que estava contando que a minha guia fosse sugerir algum lugar.

Revirei os olhos, mas meus lábios se ergueram de leve.

— Já falei que não sou expert em Paris, mas... — Comprimi a boca por um instante, sabendo que o que eu estava prestes a falar arruinaria meu argumento. — Por um acaso eu conheço um café muito bom que não fica tão longe daqui.

Edu ergueu as sobrancelhas para mim, bem-humorado, mas, para seu mérito próprio, não disse nada além de:

— Bem, vamos lá, então.

— E o jogo de hoje das meninas, hein? — Edu perguntou enquanto ocupávamos uma mesa de um pequeno café a algumas quadras de distância de meu hotel.

— Nossa, você assistiu também? — Arregalei os olhos para ele.

— Não vi tudo, porque estava no treino, mas assisti aos melhores momentos em um canal do YouTube que eu acompanho.

— Ah, então não é a mesma coisa. — Ajeitei-me no assento, para olhar melhor para ele. — Sério, foi tudo muito intenso!

— Mas elas não ganharam o primeiro set?

— É, mas foi ponto a ponto! — Minha voz subiu alguns tons. — O Brasil começou com a bola, mas quem fez o

primeiro ponto foi a Itália. Quando estava em 7 a 6, a gente marcou 2 pontos seguidos e viramos. Depois disso, meu filho, a cada ponto que a gente marcava, elas marcavam um também, e foi isso *por dois sets!*

Os olhos de Edu brilhavam conforme ouvia minha narração.

— A gente ganhou os dois primeiros, né? — ele perguntou, envolto pela história.

— Foi, mas desse jeito sofrido! Aí, quando chegamos no terceiro set, seguimos nesse mesmo ritmo de jogo, confiantes de que íamos ganhar de novo, mas nos últimos pontos as italianas simplesmente *viraram*, e não tinha quem conseguisse pará-las! Sério!

— Puts, perder depois de dois sets dá uma desanimada braba. Elas aguentaram bem?

— Ô! — exclamei — Mas o quarto set foi essa mesma agonia. — Balancei a cabeça, lembrando. — Estava todo mundo naquela tensão, com medo de que as italianas ganhassem esse set, e a gente tivesse que ir pro *tiebreak*^[17]! Mas aí, quando foi a vez da Rê no saque, ela meteu logo um *ace*^[18], que desmoralizou as italianas, coitadas! Depois disso deu só Brasil no jogo.

— Pois é, eu vi esse saque da Rê mesmo. Ela mandou bem demais!

— Né? — Meu sorriso se ampliou. — Já estou até vendo que a qualquer momento a galera lá do Alcântara vai me ligar, querendo uma entrevista na mesma *vibe* que aquela sua que a gente fez logo depois do seu primeiro jogo.

— Aquela que foi supernatural? — Ele ironizou.
Revirei os olhos.

— Ei, a culpa não foi minha, tá? Eles me deram um script, eu só segui.

— Prefiro quando você conduz do seu jeito — ele disse. — Você tem talento para isso.

Meu coração errou uma batida.

— SÉRIO?

Esperei com expectativa por sua resposta, pela primeira vez me importando com o que ele tinha para dizer.

— SÉRIO. É o que eu estou tentando te falar há um tempão.

Sorri de lado, voltando minha atenção para o cardápio em cima da mesa.

— Sei lá, é só que é difícil de acreditar às vezes.

— E por quê? — Ele cruzou os braços, recostando-se na cadeira. — A quantidade absurda de seguidores que você tem já deveria ter te dito alguma coisa.

Balancei a cabeça.

— Você sabe que isso não significa muito. Tem uma galera cheia de seguidores por motivo nenhum.

— Para de desmerecer seu trabalho. — Ele pegou um cardápio para si também. — Você é boa. Ponto.

Mordi os lábios, segurando um sorriso.

— Inclusive — ele falou —, você não vai acreditar na mensagem que eu recebi da minha irmã hoje.

Ergui os olhos para ele na hora.

Edu pegou o celular do bolso de seu moletom e, após abrir na conversa em questão, o estendeu para mim.

oi maninho

como vc ta?

**como estao as coisas por
ai?**

ja estamos com sdds!

mas me diz uma coisa

Entre essa mensagem e a próxima, ela levou mais de cinco minutos para enviar.

eu tava vendo os stories da
cati hoje
e ela compartilhou uma
reflexão de um texto da
Bíblia que ela leu que
dizia que a gente não é
salvo pelo que faz
mas pela fé
e aí ela explicou que não
tem nada que a gente possa
fazer para ser salvo
é só crer em Jesus
é isso mesmo?
me pareceu sei lá... tão
simples
nunca tinha ouvido algo
assim antes

Oi maninha!
Tudo bem por aqui, graças
a Deus
Sdds de todos aí tbm
Manda um beijo pra Mari!
Sobre os stories, posso
te ligar? Acho que vai
ser mais fácil te
explicar por ligação do
que por mensagem

Depois disso, havia um registro de chamada de voz.
Ergui os olhos para Edu, afoita por mais informações.
— E aí?! — perguntei. — Como foi a conversa?

Edu abriu um sorriso. Um genuíno, daqueles que fariam todas as meninas do clube suspirarem ao mesmo tempo — e agora eu começava a entender o porquê. Havia mesmo algo atraente na forma espontânea com que Edu compartilhava seus sorrisos, ainda mais quando era um tão repleto de felicidade como o que ele exibia no momento.

— Foi excelente, Cáti! — Ele apoiou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou para mais perto de mim conforme falava. — A gente passou quase duas horas conversando. Tentei explicar o melhor que eu pude a doutrina da graça, o presente que recebemos de Deus sem merecer: a salvação em Cristo Jesus. Ela achou muito difícil entender que a gente não precisa fazer realmente *nada* para ser salvo, apenas nos arrepender e crer no evangelho.

Assenti.

— Sei como é — falei. — Quase todo dia eu recebo mensagens de pessoas chocadas com isso também. A gente está tão acostumado a ter que fazer por merecer as coisas que, quando ouvimos sobre um Deus bom e misericordioso, que se alegra em dar e compartilhar de Si mesmo com os outros sem esperar nada em troca, a gente fica sem acreditar. É maravilhoso demais! Eu mesma, mesmo tendo crescido na igreja, às vezes fico boba quando paro para pensar nessas verdades com mais calma.

— A gente é privilegiado demais por ser cristão. — O sorriso de Edu se abriu ainda mais.

— Nossa, sim. — Sorri também. — Mas e o que sua irmã fez? Ela conseguiu entender o conceito de graça?

— Acho que ela está no processo. — Ele se recostou de volta na cadeira. — Agora é orar.

— Quem convence é o Espírito Santo, né? Sua parte você já fez. — Ele assentiu. — Vou estar orando por isso também.

— Muito obrigado, Cáti. — Ele falou num tom sério. — Não só pelas orações, mas por não ter desistido do Instagram. Por ter continuado com as lives e compartilhado

suas devocionais. Por estar obedecendo o Ide^[19] de Jesus e por se permitir ser usada pelo Espírito para alcançar outras pessoas.

Meu peito se aqueceu com essas palavras.

— Isso tudo é graça de Deus na minha vida — falei com sinceridade. — Como já dizia Paulo: não eu, mas Cristo em mim.

— Amém.

— Espero que sua irmã seja alcançada por Cristo e que essa seja apenas a primeira de muitas vidas salvas na sua família.

— Amém. — Ele sorriu mais uma vez, parecendo emocionado.

Uma sensação boa me envolvia. Acho que a verdade é que fazia tempo que eu não me sentia tão bem. Talvez um ambiente agradável com uma conversa tranquila relembrando-me das verdades de Cristo fosse tudo de que minha alma cansada e ferida precisasse.

“Um ambiente agradável com uma conversa tranquila”? Eu me dei conta dos meus pensamentos um segundo após tê-los. E me surpreendi com o rumo deles.

Quando, em sã consciência, eu imaginaria que um dia poderia me referir a um momento com Edu como agradável e tranquilo? Deus realmente estava fazendo Sua obra.

— E como você está? — Edu perguntou.

Eu sabia que não era uma pergunta casual; ele realmente queria saber.

— Bem melhor, de verdade.

— Graças a Deus.

— Sim. — Ergui um ombro. — Ainda não estou 100%, às vezes ainda tenho vontade de chorar e o aperto em meu peito continua quando penso muito no assunto, mas... Acho que estou mais conformada, de certa forma? — Meu tom saiu como uma pergunta, porque essa não me parecia a palavra certa. — Não, conformada, não. Consolada.

Edu sorriu.

— Fico muito feliz em saber. E creio que será cada dia mais fácil.

— Amém.

— Sigo em oração por você.

Sorri, um quentinho gostoso no peito.

— E eu, por você.

Como era bom ter amizades cristãs.

Qualquer amizade era um presente de Deus, mas ser amigo de um irmão na fé, de alguém que compartilha da mesma visão de mundo e vivencia as mesmas lutas, não tem preço. É realmente uma dádiva do Senhor. E eu não quero mais deixar de aproveitar da comunhão dos santos, conquistada para nós por Cristo, apenas por meus preconceitos e indisposições. Quero me dispor a amar o meu próximo, mesmo que eu o ache intrometido, porque, afinal, o que me garante que o problema não sou eu?

No momento em que eu e Edu decidimos negar a nós mesmos e obedecer a Jesus, fomos presenteados com uma amizade inesperada, mas tão importante para nós. Ele, ajudando-me a lidar com minhas dores; eu, ajudando-o a levar o evangelho para a sua família.

Que vivamos sempre mais de Cristo e menos de nós mesmos.



Nem podia acreditar que aquela já seria a final das Olimpíadas.

O último jogo da Seleção Brasileira de Vôlei Masculino, em uma partida que definiria quem levaria o ouro para casa.

Eu cheguei ao estádio horas antes do jogo, como de praxe, mas quanto mais o horário se aproximava, mais eu me tremia toda.

O time feminino havia ganhado a última partida e, assim, ficamos com bronze. Não era ouro, mas tudo bem, pelo menos havíamos conseguido uma medalha.

O ponto é que o fato de o Brasil ter ficado em terceiro no pódio do feminino aumentava a pressão em cima do nosso time masculino. Principalmente porque a possibilidade do ouro estava tão próxima de nós.

Quando começaram a anunciar os jogadores escalados para o dia e eles foram entrando na quadra, minhas mãos balançavam tanto que toda foto que eu tentava tirar saía tremida.

— Tudo bem, me dá isso aqui — meu pai disse, pegando a câmera semiprofissional da minha mão.

Minha mãe seguia firme e forte nas filmagens, como havia prometido, mas eu insistia em tentar tirar uma foto ou outra. Confesso que, em jogos mais intensos, eu não conseguia fazer quase nada além de assistir e torcer como se minha vida dependesse disso.

Hoje, então, eu já estava até vendo que eu seria completamente inútil nesse sentido.

— Obrigada — disse ao meu pai, enquanto ele se posicionava ao meu lado.

— O que eu devo fazer?

— Nada muito específico. — Dei de ombros, sem tirar os olhos da quadra, conforme o time brasileiro começava a ser anunciado. — O foco é no Carva, claro, então tente tirar umas fotos legais dele, sei lá. Se não der também, tudo bem, o importante é a filmagem que a mamãe está fazendo.

— Certo.

— Número 5 — A voz do locutor ecoou pelo estádio. —
Eduardo Carvalho.

— Aaaah! — O grito passou pela minha garganta sem que eu sequer pensasse sobre o assunto.

Pulei alto, como se eu fosse fazer um bloqueio, e agarrei o braço do meu pai.

— Sim, querida, também estamos animados que o Edu entrou na quadra, mas se você continuar me sacudindo assim não vou conseguir fazer meu serviço.

— Foi mal, foi mal — falei, prestando atenção apenas parcialmente na nossa conversa.

Meus olhos estavam vidrados na quadra.

— Vai, Carvaaaa!!! — gritei a plenos pulmões.

Eu sabia que ele não poderia me ouvir, mas não era esse o ponto.

O ponto é que esses dias na França haviam revolucionado nosso relacionamento de tal forma que agora eu o via como um amigo. Um dos meus amigos mais próximos — se é que era possível e por mais que, na minha cabeça, não fizesse sentido.

E isso tudo só tornava o jogo de hoje ainda mais enlouquecedor.

Era quase como se *eu* estivesse em quadra.

Algo que nunca aconteceria nas Olimpíadas, mas tudo bem.

Aos poucos eu vinha aprendendo a me alegrar com meus amigos que haviam sido escalados. Ou, pelo menos, esse era meu esforço e minha oração.

Os nomes terminaram de ser anunciados, e os jogadores continuavam saltando na quadra e correndo de um lado para o outro sem sair das linhas que demarcavam o campo.

Apertei com firmeza a barra da grade que me separava do espaço onde estava a quadra, ansiando por poder estar mais perto.

O juiz apitou.

Início de jogo.

Acompanhei cada segundo, engolindo cada toque, cada saque, cada bloqueio.

— FOI INVASÃO, JUIZ! INVASÃO! — berrei quando o número 7 da Sérvia claramente encostou na bola, *dentro do campo do Brasil*, enquanto o Caduzinho ia tocar para o Chico.

Mas o juiz parecia pensar diferente, uma vez que o jogo seguiu normalmente.

— Ah, fala sério! Pede desafio, Pereira! — gritei para o capitão do time brasileiro, mas é claro que ele não me ouviu.

O primeiro set seguiu nessa tensão.

A Sérvia liderou a partida desde o começo e, como esperado, acabou levando o set.

Enquanto os times saíam de quadra e iam tomar um pouco de água e ouvir as instruções dos técnicos, gritei:

— Tudo bem, foi só o primeiro set! Ainda dá para virar!

Voltando-me para o meu pai, falei:

— A gente jogou bem, é só concentrar! — Meu pai assentiu. Ele não entendia tanto de vôlei, então não era capaz de desenvolver a conversa, mas não era um problema para mim, que estava com a língua solta no momento: — O Kevin tem que ficar mais ligado! Ele deixou passar duas bolas, pai, *duas*! E o Paulinho não pode perder outro saque daquele jeito, não! — Balancei a cabeça, ainda indignada que ele tivesse jogado a bola *direto na rede*. — Fala sério! Isso é muito coisa de amador!

O bichinho verde que ainda habitava em mim começou a falar: *se fosse eu em campo, jamais teria feito uma atrocidade dessas*.

Mas esse era o ponto. Eu não tinha como saber disso. A gente nunca tinha como saber. Infelizmente, esse tipo de coisa acontecia, por mais ridículo que fosse.

Os jogadores voltaram para a quadra e se posicionaram. O juiz apitou.

O segundo set seguiu na mesma tensão que o primeiro. Espiei o placar: 23 x 19 para a Sérvia.

— Bora, gente! — Bati duas palmas. — Não desanima, não! Ainda dá para virar! Só não pode deixar eles fazerem mais nenhum ponto!

Se a Sérvia marcasse mais dois pontos, eles levariam o set. E essa não era uma opção. Simplesmente não era.

Mas aparentemente era, sim. Considerando que, apesar de o Brasil ter conseguido fazer três pontos, os sérvios logo marcaram o set point.

— Não!!!

Agachei-me, agarrando o cabelo com as mãos.

Fiquei assim por um instante, tentando me recuperar, mas logo me levantei, já aos gritos:

— Não desanima, galera, não desanima! Ainda temos mais três sets! É só vocês vencerem os próximos três sets!

Seria algo difícil, mas não impossível.

Quantas vezes eu já não havia assistido a um time que perdeu os dois primeiros sets ganhar os outros três e levar o jogo?

— Bora virar isso aí, time! Boraaaa!!!

As equipes voltaram para a quadra.

Os sérvios já pareciam cantar vitória, mas os brasileiros estavam mais focados que nunca.

— O negócio agora é não desanimar — gritei para a minha mãe. — Se eles chegarem achando que já perderam, aí é que eles vão perder mesmo.

— Você tem razão, querida. — Ela sorriu para mim, mas não desenvolveu o assunto, concentrada na filmagem que eu deveria estar fazendo.

O juiz apitou e me calei no mesmo instante.

Meus olhos vidrados na quadra, as mãos agarrando a grade diante de mim, o coração palpitando.

— Bora, Edu!!! — gritei quando foi a vez dele no saque.

Carva pegou a bola, rodou-a nas mãos e respirou fundo. Então a quicou três vezes no chão, com força; a expressão fechada, concentrado.

Ele ergueu o olhar para a quadra e esticou bem o braço esquerdo diante de si, a mira no campo adversário. Jogou a bola para cima, deu um pulo que deve ter atingido quase três metros e sacou.

O tapa espalmado que ele desferiu na bola foi tão forte que ela parecia que iria perfurar o outro time. Sua mira foi tão certa e sua estratégia tão apurada que ele conseguiu fazer a bola atravessar direto para o campo adversário.

A bola indo de encontro ao chão foi uma das cenas mais lindas que eu já tinha visto.

— UM ACE! — Berrei. — ELE MARCOU UM ACE!!!

Gritei até parecer que minhas cordas vocais explodiriam.

E, então, a bola retornou de novo para Edu.

— Mais um ace, Carva! Faz mais um ace! — Eu pulava, agarrada na grade.

Ele não fez um ace.

O líbero sérvio conseguiu receber a bola com certa dificuldade e a passou para o número 14 do seu time, que a jogou para o nosso campo. Mas nossa equipe estava preparada, pois os três jogadores na rede pularam ao mesmo tempo, formando um belo bloqueio que levou a bola ao chão sérvio.

Ponto do Brasil.

Berrei mais um pouco.

— Bora, time! Boraaaaa!!!

Esse início de set estava espetacular. O empurrão que o Brasil precisava. A renovada nos ânimos, o reforço do espírito.

E isso se refletiu pelo resto do set.

A Sérvia tentava virar, mas não conseguia, e assim levamos o set.

Eu gritei como se já tivéssemos ganhado. Porque, fala sério! Eu já sentia o cheiro da vitória.

— Só mais dois sets, galera! Mais dois sets e o ouro é nosso!

Após perder um set, a Sérvia se mostrou um pouco abalada, o que o Brasil soube explorar muito bem no quarto set, que também conseguimos levar.

— Aaaahhhh!!! — Eu gritava, e pulava, e rodava. — Eu sabia!!! Eu sempre acreditei!!! Vem, ouroooo!!!

Agora era o *tiebreak*, um set mais curto, de desempate. Agora, ao invés de 25 pontos, bastava que o Brasil fizesse 15, estando 2 pontos a frente da Sérvia, e o ouro seria nosso!

— Só mais quinze pontos, galera!!! Foca, agora! Bora, bora!

O juiz apitou e teve início o *tiebreak*.

O Brasil começou sacando. Apesar de não ter sido *ace*, depois de um *rally* intenso, acabamos conseguindo o primeiro ponto.

Gritei tanto que arranhei minha garganta.

O segundo ponto foi da Sérvia. O terceiro, nosso; e assim foi, ponto a ponto, até o placar estar em 14 x 13 para o Brasil, e a Sérvia marcar mais um ponto, empatando de novo e logo depois passando na nossa frente, ficando 15 x 14 para eles.

— Por tudo que é mais sagrado! — Agarrei meus cabelos, os olhos sem desgrudarem da quadra por um segundo sequer. — Meu coração não aguenta, não!

O jogador sérvio na posição de saque pegou a bola e se posicionou.

Meu coração parecia bater, ao mesmo tempo, mais rápido e mais devagar.

Era o *match point*. O ponto que definiria a partida. O ponto que diria quem levaria o ouro para a casa.

— Concentra, galera! Concentra — sussurrei.

Todo o estádio permanecia em silêncio.

Os jogadores brasileiros estavam em posição, atentos.

O sérvio respirou fundo, esticou o braço, então jogou a bola para cima, saltou e fez o saque.

Lucas, nosso líbero, adiantou-se até a bola, assim como os jogadores que estavam perto da região em que ela caía.

Com bastante dificuldade, Lucas conseguiu receber a bola e tocá-la para Edu, que a levantou para Pereira, que a jogou do outro lado. Mas os sérvios estavam preparados e dois deles pularam ao mesmo tempo, fazendo um belo bloqueio que trouxe a bola de volta ao nosso campo com tudo. Ela teria tocado no chão, se não fosse por Caduzinho, que a recepcionou e tocou para Paulinho, que por sua vez passou para Edu, que jogou no outro campo. O líbero sérvio recebeu a bola e a tocou para o número 14, que já a jogou direto no nosso campo. Lucas recepcionou a bola mais uma vez, Edu a levantou e Pereira a sacou com força. O bloqueio sérvio mais uma vez entrou em ação, dessa vez de forma fatal.

Ponto da Sérvia.

Fim de jogo.

CAPÍTULO 11

Permaneci encarando o campo, estática, por alguns instantes.

Eu não conseguia acreditar que aquilo havia acontecido.

Eu simplesmente não conseguia *aceitar*.

Estávamos tão, tão perto...

A gente virou o jogo!

A gente virou o jogo, apenas para perder! E numa final!

Por mais controverso que seja, na minha opinião, a medalha de prata era a pior. Pior até que não ganhar nenhuma — desconsiderando completamente a pontuação final de cada país em uma Olimpíada, feita pela soma de medalhas totais, é claro.

Isso porque a medalha de prata parece sempre ter um certo sabor de derrota. É um lembrete constante do que você quase conseguiu.

A vitória esteve bem ali, na palma das suas mãos, mas você a deixou escapar por entre os dedos.

Permaneci nesse estado catatônico enquanto o estádio esvaziava. Ainda meio letárgica, guardei o celular que minha mãe usou para a filmagem e o tripé. E, então, nos arrastamos em direção à saída.

Meu desejo era simplesmente ir embora.

Eu estava desolada demais para encontrar Edu naquele momento — que, eu imaginava, estaria ainda pior que eu.

O que eualaria para ele? Uma entrevista agora também não me parecia o melhor momento, por mais que eu provavelmente fosse levar uma bronca da galera do Alcântara depois, mas paciência.

Só que eu não poderia *não* ir falar com Edu. Nós éramos amigos agora; e amigos precisavam estar juntos em situações como essa.

Eu já havia ganhado medalha de prata em alguns torneios — uns grandes, outros nem tanto. Se havia dóido para mim, eu nem podia imaginar como era a sensação a nível mundial. A nível *olímpico*.

Assim, fui até perto dos vestiários, até onde permitiam que nós, cidadãos comuns, ficássemos, e esperei.

Demorou bastante, como sempre, considerando que Edu ainda deveria dar algumas entrevistas oficiais, depois provavelmente teria alguma reunião breve do time com o técnico e, por fim, ele poderia tomar um banho e trocar de roupa.

Mas tudo bem, eu não tinha pressa. Estava desolada demais para qualquer coisa no momento.

E, então, eu o vi.

Saindo dos vestiários, em direção à porta restrita dos atletas.

— Edu! — gritei, antes que o perdesse de vista. — Edu!

Ele virou em minha direção. Ao me reconhecer, seus lábios se ergueram, mas eu não tinha coragem de chamar aquilo de sorriso. Ainda mais conhecendo um de seus verdadeiros.

Não era um dos seus sorrisos clássicos. Era um cabisbaixo. Conformado. Sem brilho.

Ver esse sorriso em seu rosto apertou meu peito de uma forma surpreendente.

Pensei em várias coisas para dizer enquanto esperava que ele me alcançasse. “Sinto muito”, “Nas próximas Olimpíadas a gente tenta de novo”, “Você jogou bem”... Mas

nada disso me parecia certo. Nenhuma dessas opções me pareceu boa o suficiente.

Não havia muito o que dizer em uma situação como essa, para ser sincera. Por isso, apenas o envolvi em um abraço.

Ele hesitou por um instante, como se não esperasse por isso, mas então retribuiu.

Seus braços envolveram meus ombros, enquanto os meus envolviam sua cintura e deitei a cabeça em seu peito largo.

Minha língua ainda coçava para dizer algo. Então, deixei que saíssem por minha boca as únicas palavras que me pareceram úteis naquele momento:

— Como você está?

Ele se afastou, encerrando nosso abraço, e me observou por um instante. Pensando.

Por fim, deu de ombros.

— Triste. Frustrado. Desapontado.

Assenti.

Conhecia bem esse sentimento.

— Você jogou bem. — Vi-me falando, apesar de ter combinado comigo mesma que não diria nada. — Você sabe, né?

Ele deu de ombros mais uma vez.

— No momento não sei de nada.

— O Brasil só conseguiu dois sets porque você que puxou o time, Edu, você que deu o gás que a gente precisava.

Ele assentiu, tentando manter uma expressão positiva no rosto. Mas seus olhos estavam apagados. Seus ombros, mais baixos que o costume.

Suspirei.

Agora não era a hora de tentar consolá-lo. Pelo menos, não desse jeito, falando do que ele fez de bom ou de ruim na partida.

— Bom... — Ergui um ombro. — Vou te deixar descansar, então. Só queria te ver antes de ir embora.

— Obrigado. — Ele sorriu.

Aquele sorriso triste novamente, que me fez querer fazer de tudo para tirá-lo dali e colocar o radiante típico no lugar. Eu só não sabia como.

— Obrigado por ter ficado. Obrigado por ter torcido.

Sorri de lado. Provavelmente em uma expressão bastante similar à sua, por mais que eu estivesse tentando parecer mais otimista, animada.

— Ei, somos amigos agora. Amigos estão aqui para isso.

— Somos amigos, é? — Ele ergueu as sobrancelhas, uma centelha de humor iluminando seus olhos. — Queria que alguém tivesse te filmado falando isso, para eu poder usar quando você vier jogar para cima de mim que a gente não é amigo ou qualquer besteira do tipo.

Revirei os olhos.

— Não seja ridículo, já passamos dessa fase faz tempo.

— É mesmo?

— Fala sério, Edu, você está voltando a fazer perguntas idiotas, o que dificulta muito todo o nosso esquema de tentar ser educado um com o outro ao invés de ficar discutindo.

Ele soltou uma risada. Uma gargalhada sincera, ainda que pequena.

O sorriso em meu rosto foi inevitável. Era isso que eu queria. Um Edu sorridente, não apenas porque era o que ele achava que deveria mostrar para os outros, mas como um reflexo do que havia em seu interior, sempre tão luminoso.



— Por favor, me diga que você visitou outros pontos turísticos de Paris. — Fiz uma expressão exagerada de desespero, levando Edu a rir.

Estávamos no Alcântara Clube, nossa segunda casa. Mais uma vez, esperávamos Rê aparecer para tirarmos mais fotos e fazermos algumas entrevistas para propaganda do clube, dessa vez com os campeões olímpicos — e eu.

Ainda doía ser a única que não era uma atleta olímpica. Mas não tanto quanto antes.

A cada dia se tornava mais fácil aceitar que essa era a vontade de Deus para mim. E ela era sempre boa, agradável e perfeita — ainda que eu nem sempre a entendesse.

— Como, se minha guia turística era muito atarefada? — Edu brincou.

— Eu?! — Arregalei os olhos para ele. — Você que nunca tinha um tempo livre com aquela agenda maluca de treinos, alongamentos, fisioterapia e sei lá mais o quê!

— Como se você estivesse mais livre que eu, né? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Tenho certeza de que não era fácil ter que acompanhar as rotinas de dois atletas ao mesmo tempo.

Abanei o ar com a mão.

— Foi de boa. E não desvie do assunto, porque você fica jogando a culpa em mim, sendo que você disse que você me mandaria mensagem avisando quando estivesse livre.

— Achei que eu tivesse que mandar mensagem só da primeira vez. — Edu cruzou os braços. — Depois, estávamos os dois livres para fazer o convite.

Franzi o cenho.

— Mas que desculpinha mais esfarrapada, hein, Carva.

Ele gargalhou.

— O que você está querendo dizer com isso, Cháti? — Fazia tempo que ele não usava essa sua paródia de apelido,

mas dessa vez nem me ofendi. — Que era só eu convidar que você diria sim?

Balancei a cabeça, agindo como se meu coração não tivesse acelerado do nada, e falei:

— Como se eu não tivesse aceitado todas as vezes que você me chamou para ir com você fazer alguma coisa lá na França.

Edu se inclinou em minha direção, fazendo meu batimento cardíaco aumentar ainda mais.

— Quero ver se a gente mantém essa tradição aqui no Brasil, então. Eu convido e você aceita.

— Se o convite envolver comidas gostosas ou lugares bonitos, conte comigo.

Ele fez uma cara de desapontamento e questionou num tom implicante:

— Esses eram os únicos motivos para você aceitar meus convites?

— Que outro motivo eu teria?

Sustentei seu olhar de desafio, e permanecemos nos encarando assim por um tempo, para ver quem cederia primeiro. Edu perdeu, apesar dos meus batimentos cardíacos acelerados. Desviando os olhos, ele seguiu com o assunto como se nada tivesse acontecido:

— E você acha que eu te chamaria para algum lugar feio ou com comida ruim?

Dei de ombros.

— Não é como se eu já tivesse saído muito com você antes das Olimpíadas.

— Precisamos corrigir isso urgentemente.

— Atendendo meus critérios, não precisa temer minha recusa.

— Fácil assim? — Ele ergueu as sobrancelhas, um sorriso provocador nos lábios.

— Não fique se achando. — Empurrei de leve seu ombro.

— Ora, ora, ora, o que é isso que estou vendo com os meus olhinhos? — Rê se aproximou de onde eu e Carva estávamos sentados. — Será uma miragem? Será um delírio? Cáti e Edu estão mesmo se dando bem?

— Não seja tão dramática. — Revirei os olhos. — E você está atrasada de novo.

— Pois é, e vejo que sem motivos. — Rê ergueu as sobrancelhas. — Se vocês continuarem se comportando como duas pessoas civilizadas, vou até poder voltar a chegar nos locais no horário certo, olha só!

Balancei a cabeça e Edu soltou uma risada.

— Você é terrível, Renata Oliveira — ele disse.

Meu celular vibrou com uma notificação. Peguei para ver do que se tratava. Eram mensagens de Pér:

Vai demorar aqui

Vc quer me esperar ou volta pra casa sozinha?

Antes de respondê-la, perguntei para Edu:

— Carva, você vai voltar para casa depois daqui?

— Vou, por quê?

— Rola uma carona? Emprestei meu carro para a Pér ir no hipódromo, mas ela disse que não tem hora para acabar lá.

— Claro, sem problemas. — Edu me ofereceu um de seus sorrisos calorosos, daqueles que fazem nosso pulso acelerar e o ar se perder do pulmão.

Rê, que acompanhava nosso diálogo como se assistisse a uma partida de vôlei, virando o rosto de mim para Edu consecutivamente, levantou uma mão e perguntou:

— Tudo bem, o que está acontecendo aqui? — Ela ergueu tanto as sobrancelhas que pensei que saíam de seu rosto. — Eu achei que era só uma pequena trégua, mas você está até pedindo *carona* para ele? O que eu perdi?

— Não exagera, Rê. — Revirei os olhos, como se tudo isso fosse besteira. — A gente só fez as pazes.

— Simples assim?

— É. — Edu respondeu. — A gente viu que nossas brigas constantes e sem motivo não estavam sendo muito cristãs da nossa parte.

Rê assoviou.

— Uau. Vamos ver quanto tempo isso vai durar, então.

— Não seja tão cética. — Empurrei seu ombro com o meu. — Além de que, depois que a gente conhece melhor o Edu, ele não é tão metido.

— Metido? — Ele se virou para mim, fingindo-se de ofendido. — Eu achei que você me achasse *intrometido*.

— Isso também. — Soltei uma risada.

— Pois fique sabendo que você não é tão chata quanto gosta de fazer parecer também.

Ergui as sobrancelhas.

— Quanto eu gosto de fazer parecer? O que você quer dizer com isso, senhor Eduardo?

Ele ergueu as mãos, um sorrisinho divertido nos lábios.

— Nada, nada. — Ele abriu a boca, como se fosse falar mais, mas, bem nessa hora, a voz de Márcia ecoou pelo ambiente:

— Ótimo, estão todos aqui! Vamos começar, então.

Estreitei os olhos para Edu e sussurrei:

— Você não me escapa, mocinho. — Ergui o dedo para ele. — Quero saber que história é essa de eu ser chata.

Ele riu.

— Só se você me contar mais sobre esse papo de eu ser metido.

— Por mim, tudo bem.

Ele me encarava, então eu sustentei seu olhar. Numa guerra de olhares semelhante à que tivemos mais cedo, só que dessa vez Edu carregava um meio-sorriso divertido e provocador.

— Combinado, então, Chatarina.

Pela primeira vez, esse apelido ridículo teve o efeito contrário. Ao invés de me irritar, como de costume, senti um frio envolver minha barriga.

Balancei a cabeça para Edu, fingindo uma expressão chateada que só fez com que seu sorriso se ampliasse mais.

— Odeio interromper esse momento completamente atípico de vocês — Rê falou. — Mas temos fotos para tirar...

Pela primeira vez em um longo momento, consegui arrancar meu olhar do de Edu, virando-me para uma Renata de cenho franzido para mim.

— O quê? — perguntei.

— Tem algo muito estranho nessa história — ela sussurrou para mim enquanto Edu se dirigia para onde os fotógrafos orientaram. — Vou querer ouvir tudo depois.

— Não tem nada de estranho — cochichei de volta. — A gente só conversou e entendeu que não dava mais para ficar brigando por besteira. Fim.

Ela estreitou os olhos para mim, não muito convencida, mas não insistiu mais.



Olha só quem viralizou de novo

A mensagem de Edu piscou na minha tela.

Abri nossa conversa, onde ele mandou um *print* de um *reel* que eu postei logo após voltar das Olimpíadas com os melhores momentos lá.

Já tinha passado das milhares de curtidas e compartilhamentos. Os comentários não paravam de pipocar há mais de duas semanas, que é o tempo que faz desde que postei.

Se fosse dois meses atrás, eu teria respondido para Edu algo como “me diga algo que eu não sei”, uma vez que eu vinha acompanhando a repercussão do *reel*, obviamente.

Mas sou uma pessoa diferente da de dois meses atrás. E nossa relação também não é mais a mesma.

Por isso, respondi:

Loucura né???

**Nem um pouco
O vídeo ficou ótimo**

**Você viu quantos
seguidores novos eu
ganhei?**

**Vou olhar agora
Caramba!!!
100 mil seguidores???
Nossa!!!**

**Sim
Ganhei pelo menos 40 mil
desde as Olimpíadas
E não para de chegar
gente nova**

Falei que vc tinha talento
pra isso

Mas pra mim o mais
chocante é q eu continuo
produzindo o mesmo
conteudo

Continuo com minhas
devocionais... e o numero
continua crescendo

Eu jurava q quando eles
vissem q eu sou crente os
numeros diminuiriam

Ué pq?

Os crentes nao estao
muito em alta hj em dia
kk

Mas eu falei q vc leva
jeito pra isso
Alem de q é o Senhor q dá o
crescimento
Eu creio que cada seguidor
novo q vc ganha foi levado
até seu perfil diretamente
por Deus

Amém
Eu creio nisso tbm

**Que vc continue
testemunhando do amor de
Jesus
E que muitas vidas sejam
salvas por meio do seu
ministério**

Ministério.

Está aí. Nunca tinha pensado no meu Instagram desse jeito antes. Mas é isso. Era um ministério, uma oportunidade magnífica que Deus havia colocado em minhas mãos. Onde mais eu conseguiria reunir 100 mil pessoas dispostas a ouvir o que tenho a dizer?

Queria aproveitar o máximo que eu pudesse essa oportunidade para fazer o nome do Senhor conhecido.

Será que, se eu fosse atleta olímpica, eu teria esse mesmo foco em evangelizar?

Será que, se eu tivesse realizado meu sonho, eu conseguiria alcançar tantas vidas quanto Deus tem me permitido fazer agora?

Não sei. Talvez eu nunca soubesse.

Mas o ponto é que foi assim que Deus quis que eu exercesse o chamado cristão de ir e pregar o evangelho a toda criatura.

E era assim que eu queria servi-LO. Sempre debaixo da Sua vontade, até que ela se tornasse também a minha.

CAPÍTULO 12

— **B**om dia, Cáti. — A figura sorridente de Edu me recebeu assim que passei pela porta.

Meu sorriso se abriu com facilidade e meu peito acelerou antes mesmo de iniciarmos a corrida, como vinha acontecendo nos últimos dias.

Há um mês, desde que voltáramos das Olimpíadas, eu e Edu começamos a correr juntos. Foi tudo bastante natural. A gente já se via de vez em quando nas corridas matinais, mas isso foi ficando cada vez mais frequente.

“Não tem por que eu continuar acordando tão cedo agora que as Olimpíadas passaram.” Edu disse quando comentei que parecia que estávamos nos encontrando mais do que antes. “Então estou aproveitando para dormir um pouquinho mais, o que está fazendo nossos horários coincidirem.”

E, assim, a corrida se tornou algo nosso. Não sei exatamente em qual momento dos últimos trinta dias, mas Edu passou a me esperar na porta da minha casa para iniciarmos as corridas juntos.

Não era nada combinado, não era nada oficial. Era apenas algo que gostávamos de fazer juntos. E que acontecia todo dia.

— E aí — cumprimentei meu parceiro de corrida. — Pronto para perder hoje de novo?

Ele revirou os olhos, mas não deixei de ver o bom humor por trás de sua resposta:

— Não é uma competição, Cáti.

— Aff. Muito mais sem graça — brinquei.

— Você diz isso agora, mas tenho certeza de que ia reclamar se a gente fosse mesmo competir.

Seu tom provocante me fez virar para ele com uma expressão igual de desafio.

— Ah, é? E por quê?

— Sei lá, acho que você ia cansar de perder todo dia.

Um som indignado escapou por minha garganta, fazendo Edu soltar uma risada.

— Tudo bem, é isso. — Esfreguei minhas mãos. — Hoje vamos apostar corrida.

Ele suspirou, fingindo estar entediado.

— Tudo bem, Cháti, já que você quer tanto perder, vou te dar esse gostinho hoje...

— Fala isso depois que tiver comido poeira, Eduardo.

Ele riu.

Iniciar a manhã dando de cara com Edu teria me tirado do sério há alguns meses, mas hoje... Hoje não consigo pensar em nada melhor. E isso me assustava um pouco.

Eu temia os rumos que meus sentimentos pareciam estar tomando.

Não sei exatamente quando meu coração começou a acelerar ao ver Edu. Nem quando seus sorrisos se tornaram tão atraentes. Nem quando passei a ansiar por receber alguma mensagem sua, ou por conversar alguma coisa — qualquer coisa — por telefone.

Mas aconteceu. E isso me preocupava, porque eu tinha quase 100% de certeza de que era um sentimento unilateral.

Edu era sempre muito educado com todo mundo, então sua constante gentileza comigo não era um indicativo de que ele pudesse estar interessado em mim também.

Mas a quantidade de atenção que ele dedicava para mim — nas trocas de mensagens, nas ligações, nas corridas matinais, no tempo que passávamos conversando no

Alcântara, nos convites para lanchar que não pararam desde a França... —, isso tudo parecia me indicar que talvez, só talvez, ele sentisse o mesmo que eu.

Mas não queria me agarrar a isso.

Não queria semear um novo sonho apenas para vê-lo despedaçado diante de mim mais uma vez.

Assim, enquanto seguia confusa, eu fazia o melhor que eu podia: orava. Colocava todos os meus sentimentos e teorias diante de Deus e pedia para que Ele esclarecesse tudo. Para que Ele cuidasse do meu coração, a fim de que ele não se espatifasse de novo. Para que eu sonhasse os Seus sonhos, para assim não ter mais medo de sonhar.

— Cáti? — Edu me chamou.

Olhei para ele, retornando ao presente.

A essa altura, havíamos chegado à quadra de esportes do condomínio.

— Oi. — Sorri.

Edu estreitou os olhos.

— Onde você estava?

— Ué, como assim?

— Você ficou calada demais desde que deixamos sua casa.

— Ah. — Desviei os olhos. — Só estava pensando.

— Posso perguntar no quê?

— Poder pode, só não sei se vou responder. — Soltei uma risada nervosa.

Ele ergueu as mãos.

— Tudo bem, tudo bem, já entendi — ele brincou, mas tinha um quê de verdade. — Não vou invadir seu espaço. Que tal a gente correr, ao invés disso?

Ele fez menção de ir se posicionar para iniciarmos nosso exercício físico, mas segurei seu pulso antes que ele se afastasse.

— Não é isso. — Revirei os olhos. — Já somos amigos o suficiente para você saber que pode me perguntar o que quiser, é só que...

Edu permaneceu olhando para mim, na expectativa que eu finalizasse a frase, mas eu não sabia como completá-la.

— É só que...? — Ele apertou minha mão, que envolvera na sua e ainda não havia soltado, após alguns segundos de espera.

Suspirei.

— Sei lá. Acho que não estou pronta para falar sobre... isso ainda.

— Mas está tudo bem, né? — Ele analisou meu rosto com atenção.

— Sim, sim, só... Quero organizar melhor meus pensamentos e meus sentimentos antes de conversar sobre tudo, entende?

Seus olhos se prenderam nos meus por um instante.

— Mais do que você imagina — ele disse, por fim.

Com um último aperto, ele soltou minha mão e abriu um de seus sorrisos animados.

— Vamos correr, então?

A estática que parecia vir preenchendo o ar entre nós ao longo da conversa se desfez.

Fingi não perceber. Ao invés disso, sorri de canto em resposta.

— Agora já está pronto para perder?

Ele balançou a cabeça.

— Cháti, Cháti... Sempre tão competitiva...

— E você sempre tão irritante...

— Ah, é? — Suas sobrancelhas se ergueram. — Então, agora que você vai perder mesmo, para aprender a ser mais humilde.

Revirei os olhos.

— Fale menos, corra mais.

— Como quiser, mandona.

Mostrei a língua para ele.

— No “já”. — Falei, com um sorriso travesso. — Um, dois...

Saí correndo.

— Trapaceando fica fácil ganhar mesmo! — Ele protestou, porém me alcançou sem muita dificuldade.

Gargalhei, mas mantive o ritmo.

Em segundos, não havia mais espaço para risadas. Nem para provocações ou conversas de qualquer tipo.

Dei tudo de mim e, por boa parte do trecho do início da quadra até o meio, mantive uma dianteira boa. Do meio para o final, contudo, Edu pegou velocidade de um jeito que me ultrapassou e não consegui mais alcançá-lo, ainda que eu estivesse apenas dois passos atrás.

Edu chegou a toda velocidade e foi freado pela grade, virando-se logo em seguida para me ver chegar. Só que, nisso, ele acabou ficando bem na minha frente, e meu freio, ao invés da grade, foi Edu.

— Ai! — ele resmungou quando foi esmagado por mim.

Mesmo assim, me segurou firme para que eu não caísse.

— Foi mal, foi mal! — Segurei-me em seus ombros, para manter o equilíbrio. Observei-o de cima a baixo como pude, em busca de algum sinal de dor ou ferimento. — Machucou muito?

— Não, foi de boa.

Ele deu dois tapinhas em meus braços, ao ver que eu já estava firme sobre meus pés. Percebendo que estávamos abraçados um no outro, dei logo um passo para trás.

— Foi mal — falei de novo, dessa vez referindo-me ao abraço que compartilhamos sem eu nem perceber, mas acho que Edu não entendeu.

— Tudo bem, Cáti, não me machuquei, sério.

— Tem certeza? — Cruzei os braços e o encarei. — Você fez um barulho de dor quando trombei em você.

— Acho que foi mais pelo impacto, mas está tudo bem, de verdade.

— Então, tá.

— E eu que peço desculpas.

Franzi o cenho.

— Ué, pelo quê?

— Por ter entrado na sua frente.

— Você não tinha como saber que eu estava logo atrás.

— Realmente... O que me leva à questão: — Um sorriso impicante surgiu no canto de seus lábios. — Você *per-deu!*

Sim, ele cantarolou isso.

Revirei os olhos e dei um empurrãozinho de leve no seu ombro.

— Não enche.

— Vou encher, sim! Depois de todo o seu papinho de que ia me fazer comer poeira e sei lá mais o quê...

— E fiz mesmo. — Cruzei os braços e o encarei com o nariz empinado. — Eu passei a primeira parte toda da corrida na dianteira.

— É, mas depois quem comeu poeira foi você.

Balancei a cabeça.

— O que eu posso fazer se suas pernas são longas para caramba?

— Nem vem. — Ele colocou as mãos na cintura. — Você já sabia das minhas pernas longas antes de ter me desafiado.

— Larga de ser metido.

Ele abriu a boca.

— Não sou metido, estou apenas constatando fatos.

— Você sabe que, na maior parte das vezes, isso não faz tanta diferença, né?

Ele riu, então balançou a cabeça e ficou em silêncio. Encarando-me.

Sustentei seu olhar por um momento. Mas ele não falava nada, apenas continuava observando-me com uma expressão ao mesmo tempo intensa e distante.

Aos poucos, seu silêncio foi me deixando desconfortável. E curiosa.

O que estava se passando na cabeça dele?

— Edu?

Ele piscou com força, como se saísse de um transe.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Está, por quê?

— Você que ficou calado demais agora...

— Eu só... — Ele balançou a cabeça. — Você acha que seria estranho?

— O quê?

— Eu te falar que gosto de você.

Meu coração errou uma batida.

Permaneci imóvel, como um animal na estrada prestes a colidir com um carro em alta velocidade, encarando os faróis aproximando-se cada vez mais.

Nesse caso, os faróis eram os olhos de Edu, que permaneceram fixos nos meus, que provavelmente carregavam uma expressão igual à de uma capivara prestes a ser atropelada.

“Que eu gosto de você”, “que eu gosto de você”, “que eu gosto de você”... Isso era tudo que parecia ecoar dentro de meu cérebro subitamente oco.

— Hã... — murmurei, tentando descobrir o que responder.

Ele disse que *gostava* de mim, não que estava *apaixonado*. E isso fazia uma diferença muito grande, certo? Porque “gostar” a gente gosta de qualquer um. Eu gosto muito dos meus pais, das minhas irmãs, da Rê e das minhas alunas, por exemplo.

Se ele estivesse *apaixonado* por mim, ele teria dito, certo? Ainda mais considerando que, há apenas dois meses, a gente mal se suportava. Então, provavelmente, ele estava apenas se referindo a essa mudança brusca no nosso relacionamento. Só podia ser isso, era o mais lógico.

— Não, não seria estranho. — Dei uma risada que, definitivamente, saiu estranha na tentativa de parecer casual. — Quer dizer, amigos gostam um do outro, né?

Ele estreitou os olhos e pressionou um lábio no outro, como se alguma linha de pensamento demandasse muito de seu esforço naquele instante.

— Amigos? — ele perguntou, por fim, mas parecia querer saber algo a mais.

Por não fazer ideia de qual seria a resposta certa, disse apenas:

— É?

Edu lambeu os lábios, que pareceram secos de repente.

— Bem, sim, imagino que amigos gostem um do outro. Esse é o esperado... — Ele respirou fundo. — Mas eu não estava falando disso...

— Não? — Meu coração retumbou em minhas caixas torácicas.

— Não. Eu quis dizer que eu gosto de você, Catarina, no sentido de que acho que me apaixonei por você.

De tudo o que ele disse, o que mais me prendeu foi:

— Você *acha*?

Ele soltou uma risada.

— Não, eu tenho certeza, mas não queria te assustar.

— Me assustar... — repeti como um papagaio. Definitivamente assustada, eu diria.

— É. Você acha que foi muito rápido? Eu devia ter guardado essa informação para outro momento?

Neguei com a cabeça enfaticamente no mesmo instante.

— Não, não. O momento foi perfeito. Eu só... Eu só não esperava. O que... — Sacudi a cabeça, tentando organizar os pensamentos. — Quando isso aconteceu?

— Não sei ao certo. — Ele ergueu um ombro. — Eu sempre admirei você, de certa forma, por mais que te achasse chata. Sempre admirei seu esforço, sua dedicação,

seu talento no vôlei, sua fé... E, claro, sempre te achei bonita, mas confesso que essa era uma característica secundária, considerando que a gente mal conseguia ter uma conversa decente sem brigar.

Dei uma risada, sem saber ao certo o que sentir.

— Nossa, que... lindo.

Ele balançou a cabeça.

— Cara, essa deve ser a pior declaração do mundo, né? — Ele coçou a nuca. — Mas o ponto é que eu acho que meus sentimentos por você começaram a mudar quando entendi que eu precisava orar mais por você, depois daquele seu *story* falando do tempo *off*. Depois disso, comecei a prestar mais atenção em você, mas ainda não era um sentimento romântico, era preocupação genuína, entende? — Assenti, minhas cordas vocais completamente inúteis na minha garganta. — Mas depois, quando comecei a orar para Deus me ajudar a te amar... — Ele pausou para rir. — Caramba, nunca imaginei que Ele responderia desse jeito! Deus definitivamente tem senso de humor.

Soltei uma risada nervosa.

— Realmente.

Edu continuou me encarando com expectativa, mas meu cérebro parecia completamente vazio.

— “Realmente”? — Ele me lançou um olhar sofrido. — Depois de tudo que eu acabei de falar, você não tem mais nada para me dizer?

Estava tão fora de mim que perguntei:

— Tipo o quê?

Ele riu.

— Tipo se você gosta de mim também, por exemplo.

— Ah.

— É. Ah.

Desviei os olhos e senti meu rosto aquecendo.

Que lindo, Catarina, um charme, parabéns.

— Bom, sim. — Voltei a olhar em seus olhos, o frio na minha barriga congelando a essa altura. — Eu também

gosto de você. Muito. E isso às vezes me assusta.

Ele riu de novo, agora parecendo aliviado. Pegou minhas mãos na suas e depositou um beijo nas dobras dos dedos de cada uma.

— Te assusta por quê?

— Não sei, eu não ia com a sua cara até, sei lá, uns dois meses atrás.

— E a recíproca era verdadeira.

— Eu sei. Você deixou isso bem claro agora há pouco.

— Provoquei, e ele fez uma careta constrangida adorável. — É esse o meu ponto.

Ele riu mais um pouco. Parecia que estava com o riso frouxo.

— Mas tudo mudou, né? — comentei.

— Ô. — Um sorriso cálido tomou seu rosto. — Mas e você?

— Eu o quê?

— Quando começou a gostar de mim?

— Ah... — Franzi o cenho, tentando encontrar uma resposta. — Essa é uma ótima pergunta, na verdade. Eu também te achava bonitinho, mas meio que me recusava a aceitar isso, sabe? — Tive coragem de confessar pela primeira vez. — Você já era exibido demais, não precisava de mais uma fã.

— O que é isso, Catarina? Ciúmes?

Revirei os olhos.

— Está vendo? Convencido demais.

Ele riu.

— Mas acho que meus sentimentos por você só foram mudar na França, talvez? Depois que você me ajudou com toda a questão de eu não ser uma atleta olímpica e tal...

— Mentira! Sério? — Sua boca se abriu. — Eu já estava a fim de você lá em Paris, mas, como eu vi que você não estava bem, me esforcei ao máximo para não demonstrar nada.

— E teve muito sucesso nisso, parabéns.

Ele riu.

— Naquele momento você não precisava de um cara investindo em você de forma romântica. — Edu ergueu um ombro. — Você precisava de um amigo para te ouvir, de um irmão para orar por você...

Meu peito se aqueceu.

Fiquei nas pontas dos pés e deposei um beijo suave em sua bochecha. O sorriso de Edu se abriu na hora.

— Muito obrigada por isso. Foi importante demais ter você comigo lá nas Olimpíadas, me ajudou a passar por tudo, sabe?

— E esse era mais um motivo para eu me segurar. — Edu acariciou de leve minha bochecha. — Você estava sentimentalmente vulnerável, querendo ou não. Não queria me aproveitar desse momento para chegar até seu coração, eu sabia que devia esperar. Então segui orando.

Foi minha vez de pegar suas mãos e depositar um beijo na dobra de seus dedos.

— Muito obrigada, de verdade. Por ter cuidado de mim, por ter esperado por mim, por não ter se aproveitado de um momento difícil.

— De jeito nenhum! Que Deus não me permita jamais algo do tipo.

Sorri para ele, que retribuiu. E permanecemos assim por um bom tempo, apenas um olhando para o outro.

— Seria muito estranho? — Edu perguntou de novo, um sorrisinho no canto dos lábios.

Soltei uma risada, já me perguntando o que viria agora.

— O quê?

Ele apertou um pouco mais minha mão na sua e se aproximou um passo.

— Já que você está apaixonada por mim e eu, por você — Edu começou, seus olhos sempre nos meus —, e somos ambos cristãos, e crescemos juntos, e conhecemos a

família um do outro, e temos uma teologia parecida, e somos maiores de idade... que tal se a gente se casasse?

— É o que, Eduardo? — Arregalei os olhos.

Ele ergueu as mãos, desfazendo o contato entre nossos dedos. Seria muito emocionado de minha parte dizer que senti falta assim que nossas mãos se afastaram?

— Não precisa ser agora! — Edu disse. — É só que... Quero estar com você, e dividir a vida com você. Quero ser seu marido.

— Uau.

— *Agora* eu fui rápido demais, né?

— Não, de jeito nenhum. Também penso que o casamento deve ser o objetivo do namoro, lembra? — Eu me referi a uma conversa longa que tivemos sobre relacionamentos há algumas semanas.

— Claro que eu lembro. — Edu riu. — Você acha que esse assunto surgiu casualmente entre a gente? Não mesmo, eu queria saber o que você pensava sobre namoro, noivado, casamento, criação de filhos, finanças... Enfim, tudo que é importante de fato em um relacionamento.

Ergui as sobrancelhas. Edu havia mesmo dado um jeito de inserir todos esses tópicos nas nossas conversas das últimas semanas.

— Nossa, mas como você é... — procurei a palavra certa.

— Preparado? — Ele sugeriu. — Consciente? Responsável?

— Pode ser, um pouco de cada, mas muito, muito convencido.

Ele gargalhou.

— Mas agora sério, desculpa se eu te assustei já trazendo à tona o assunto de casamento.

— Não, não — Balancei a cabeça. —, você está certíssimo! Temos que falar disso mesmo. Você só me pegou de surpresa, mas a gente ia chegar nesse assunto mais cedo ou mais tarde.

— Mais cedo, com certeza — Edu falou. — Eu definitivamente ia querer conversar sobre casamento com você o quanto antes.

— E agradeço muito. E na verdade nem sei se eu aceitaria começar um relacionamento sem ter certeza de que estávamos alinhados nesse pensamento de que o namoro foi feito para acabar. Não quero ficar namorando muito tempo, não.

Edu abriu um sorriso largo e ergueu os olhos aos céus.

— Ah, Senhor, muito obrigado por essa mulher!

Soltei uma risada.

— Como você é besta.

— Besta, não. Apenas emocionado.

Gargalhei dessa vez.

— Bom — Edu falou —, agora que estamos alinhados, temos que oficializar. Quando a gente voltar para a sua casa, seus pais já vão estar acordados?

— Acredito que sim. Eles costumam acordar por volta desse horário mesmo.

— Perfeito. Quero falar com eles logo. Acertar tudo entre a gente o quanto antes... Quer dizer, se você quiser também, claro. Você não chegou a dizer com todas as letras que você queria também.

Revirei os olhos.

— Não seja ridículo, Edu, é claro que eu quero.

— Um amor de pessoa até nesses momentos, como pode?

Dei risada e um empurrão nele.

— Como você é chato.

— Não, não. — Ele entrelaçou seus dedos nos meus.

— Esse posto é todo seu.

— Não sou egoísta a esse ponto. — Puxei sua mão, fazendo-nos voltar a andar na direção da minha casa. — Convenhamos que tem espaço para nós dois nessa categoria.

— De jeito nenhum! Sou um dos caras mais gente boa que eu conheço.

Balancei a cabeça.

— Céus, eu realmente aceitei entrar num relacionamento com um convencido?

— E pretendo continuar te mostrando todas as minhas qualidades enquanto nós vivermos.

Ele abriu um sorriso amplo e inocente para mim. Foi impossível não retribuir, mas falei:

— Que Deus me ajude.

EPÍLOGO

A sensação de estar em um estádio em si já era boa. Sendo em uma final, então, ainda mais. E, sendo uma final das Olimpíadas, não tinha nem comparação.

Eu apertava minhas mãos uma na outra com força no meu colo, a fim de evitar roer as unhas. Nunca tive esse hábito, mas a tensão para esse jogo estava tão grande que, pela primeira vez, fiquei tentada a cortar minhas próprias unhas com os dentes.

Se eu estava assim, só podia imaginar o estado de nervos de Edu.

Como se soubesse que eu pensava nele, meu marido se virou para mim no breve intervalo entre o fim de um *rally* e um saque.

Sorri para encorajá-lo. Ele sorriu de volta. Seu sorriso brilhante de sempre, apesar do nervosismo visível — ao menos para mim — em seus olhos.

Ergui os dois polegares, mas queria mesmo era dizer: “Vai dar tudo certo”.

Eu estava otimista para esse jogo.

Diferentemente da final de quatro anos atrás, dessa vez o Brasil já havia chegado forte desde o primeiro set.

Garantimos o primeiro e o terceiro e agora estávamos a poucos pontos de levarmos o quarto — e, portanto, último — também.

Espiei o placar.

24 x 21 para o Brasil.

Match point.

Aquele jogo já era nosso.

Ó Senhor, acalma o meu marido para que ele finalize bem esse jogo, independentemente de qual vá ser o resultado. Mas, se possível, faça a gente ganhar. Sei que é um pedido fútil, Senhor, mas sei também que o Senhor nos permite pedir esse tipo de coisa. Então, por favor, nos dê a vitória nesse jogo... Deixe o Brasil levar o ouro para casa. Mas que não seja como queremos, e sim como o Senhor quer. E que seja sempre para a Sua glória.

Enquanto eu ainda orava, o juiz apitou.

Caduzinho, que estava no saque, quicou a bola algumas vezes, respirou fundo, jogou-a para cima e deu um belo tapa que a fez voar com tudo até o outro lado do campo.

O líbero do Canadá a recepcionou, tocou para seu colega de equipe, que repassou para um terceiro, que pulou e a jogou com força de volta no campo do Brasil. Mas nossos meninos estavam preparados.

Edu e Pereira pularam ao mesmo tempo, fazendo um belo bloqueio que levou a bola direto para o chão canadense.

Ponto nosso.

Fim de jogo.

Eu não devia, mas não me aguentei. Levantei de um pulo na mesma hora e gritei como havia tempos eu não fazia.

Agarrei minha mãe em um abraço e a rodopiei enquanto pulava e gritava ao seu redor.

— Se acalme, menina! — ela ralhou comigo. — Você não está podendo fazer essas estripulias, não.

— Eles ganharam, mãe! É ouro pro Brasil! — Estava tão fora de mim que nem consegui respondê-la, mas parei de pular e me aquietei no meu lugar, para acalmá-la.

Lá do campo, Edu me mandou um beijo.

“Eu te amo!” Seus lábios formaram, e pude entender mesmo à distância.

Meu peito se aqueceu e, com um sorriso bobo, mandei outro beijo para ele e disse também:

“Te amo, meu lindo.”

Permaneci observando Edu e o resto do time cumprimentarem os jogadores canadenses e, depois, todos os protocolos de fim de jogo.

Quando estava oficialmente encerrado, alguns jogadores ficaram na quadra, perto das grades, tirando fotos com fãs.

Fechei os olhos, aproveitando o som da vitória.

Os cantos de guerra persistiam, as vuvuzelas ainda soavam, crianças soltavam gritos eufóricos erguidas nos ombros dos pais. A música alta estourava as caixas de som do estádio, acrescentando ainda mais alegria a toda a festa.

Abri os olhos, em busca de uma pessoa bastante específica.

Quando nossos olhares se cruzaram, sorrimos ao mesmo tempo.

Edu recebia vários olhares, principalmente femininos.

Mas como julgá-las? Edu era mesmo lindo, alto, forte e talentoso. Ele brilhou por toda a partida, então é claro que teria gente olhando. Mas eu nem me preocupava, porque meu jogador preferido, e o mais convencido que eu conhecia, só tinha olhos para uma pessoa.

Sorri para ele conforme suas íris me seguiam enquanto eu descia devagar as escadas da arquibancada.

Sua atenção sobre mim era tão intensa que logo diversas cabeças começaram a se virar em minha direção, tentando encontrar o alvo do foco de Edu.

Conforme me identificavam, algumas pessoas fechavam a cara, entendendo que Edu era comprometido. Mas a grande maioria sorria. Expressões bobas apaixonadas tomavam seus rostos conforme eu passava, e eu via

algumas pessoas sussurrando entre si. Apontando de mim para Edu e vice-versa.

Também não as julgava por isso.

Talvez eu caia no mal de pagar minha língua ao soar tão convencida quanto acusava o meu marido de ser, mas eu também nos achava um casal muito lindo. Eu também suspiraria se nos visse na rua.

Finalmente alcancei a grade.

— Entra aqui! — Edu falou, aproximando-se de onde eu estava. — Vem me dar um abraço aqui na quadra.

Ele me acompanhou todo o trajeto até o portão de acesso, que o guarda liberou para mim a pedido dele.

Assim que pisei na quadra, fui envolvida em um abraço suado e estranho devido às circunstâncias.

— Parabéns, meu lindo! — Beijei seus lábios. — Estou tão feliz por você!

Ele me beijou de volta.

— Realizamos nosso sonho — falei.

— Um deles apenas — ele disse. — E esse nem era o maior.

Então sorriu e se inclinou para depositar um beijo na minha barriga.

— É isso mesmo, Desireé — falei com o bebê em meu ventre. — O papai é campeão olímpico.

— Mas meu maior legado é você — ele disse para nossa filha.

E, claro, meus olhos se encheram de lágrimas.

Porque era lindo ver o coração de Edu no lugar certo.

Era lindo ver o *meu* coração no lugar certo.

Estar nestas Olimpíadas não doeu nem de perto como da última vez. Claro que ainda sentia uma fisgada ou outra no peito, um lembrete de algo que eu nunca viveria, mas sinceramente? Há muito mais na vida.

Há muita coisa boa, muita coisa melhor.

No fim, era apenas um sonho. Um sonho meu.

E, por experiência própria, eu podia afirmar de todo o coração: não há nada melhor do que viver os sonhos do próprio Deus.

FIM

NOTA DA AUTORA

Este livro tomou forma a partir da minha pior dor.

Quando Deus despedaçou um dos meus maiores sonhos.

Em junho de 2023, eu engravidei do meu primeiro filho. Mas aprouve a Deus que aquele bebêzinho vivesse apenas por algumas semanas.

Briguei feio com Deus. Minha única oração naquele momento era para que Ele me segurasse bem firme e não permitisse que eu me desviasse.

Deus, em sua eterna bondade e misericórdia, respondeu a essa minha oração e me abraçou bem forte, não me deixou ir.

Deus me deu a ferida, mas Ele também cuidou dela. A ferida ainda não está 100% sarada, e me pergunto se um dia estará aqui nesta terra — porque sei que no Céu não haverá mais luto, nem pranto, nem dor.

Este livro, portanto, de certa forma é um memorial. Agora, todos vocês que leram até aqui sabem do meu filho. Tivemos pouco tempo com o Bebê 1, é verdade, tão pouco tempo que não pudemos nem mesmo conhecê-lo. Não sabemos se era menino ou menina, nem mesmo conseguimos lhe dar um nome. Mas nem por isso ele deixou de ser amado, nem por mim nem por meu marido. Sou grata a Deus pelo tempo que Ele nos deu com esse bebê, mesmo que tenha sido tão curto. Sou grata a Deus pela pequena vida que Ele gerou em meu ventre, mesmo que tenha durado tão pouco.

Se Deus também te disse não, um não bem forte, alto e claro, cortante, que te feriu, minha mensagem para você é: se agarre ao Senhor.

Tenha plena certeza de que Ele não é mau nem sádico. Deus não nos fere porque tem prazer no nosso sofrimento. Não, Ele é um bom Pai, que ama seus filhos e, por isso, os disciplina quando necessário.

A vontade do Senhor é boa, agradável e perfeita. Ele faz tudo cooperar para o bem daqueles que O amam. Por isso, eu afirmo com convicção que, quando Ele permite que soframos, é para nos moldar e nos tornar mais parecidos com Cristo.

Que o Espírito Santo, nosso Consolador, esteja com todos vocês que tiveram seus sonhos despedaçados.

Porque Deus é mais valioso do que qualquer outra coisa com que possamos sonhar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus. Pelo dom da vida, pela inspiração para esta história e pela capacidade para escrevê-la. Muito obrigada, Senhor, por ser meu bom Pai que aguenta minhas birras. Obrigada por dar a ferida, mas sará-la. Obrigada por me carregar no colo nos meus momentos de maior sofrimento e não me deixar ir. Obrigada porque a Sua bondade e misericórdia têm me seguido todos os dias da minha vida.

Weber, muito obrigada pelo título! Quem acompanhou a divulgação deste livro no meu Instagram viu as outras ideias que tive para o título e sabe como era uma pior que a outra kk. Se não fosse meu marido, teríamos um livro com algum nome como “Rede de Sonhos” kk. Muito obrigada, meu benzinho, por também sempre me apoiar, ouvir minhas histórias quando ainda nem estão no papel e ser meu primeiro incentivador nessa carreira de escritora. Te amo.

Minhas betas queridas, muito obrigada por toparem mais essa jornada comigo! Vocês têm a vida supercorrida e, mesmo assim, sempre se esforçam para arranjar um tempinho para mim e minhas histórias. OBP não seria o que é sem vocês!

F***** R****[20] e esposa (ou noiva? Ou namorada? Não sei), muito obrigada por me permitirem presenciar o epílogo desta história. Vocês não fazem ideia da minha existência e provavelmente nunca ouvirão falar deste livro, mas saibam que vê-la gravidíssima descendo a arquibancada no pós-jogo para ir falar com a estrela do time

em novembro de 2022 em Campinas foi o pontapé inicial para esta história. Oro para que vocês dois e seu bebêzinho estejam bem.

Aos meus leitores: muito, *muito* obrigada por toda a empolgação! Muito obrigada por abraçarem esta história mesmo antes de conhecê-la! E muito obrigada a todos que leram e chegaram até aqui! Amo compartilhar com vocês um pouco do que crio.

Até o próximo livro!

[1] Clube fictício.

[2] Banda fictícia do livro “Gramma de Vidro”.

[3] Êxodo 20:8-10 NVT.

[4] Efésios 4.26.

[5] Banda fictícia do livro “Gramma de Vidro”.

[6] “Boa noite a todos!” em francês.

[7] Comitê Olímpico do Brasil.

[8] Estabilizador de tela que é segurado como um pau de selfie.

[9] Tudo que acontece desde o saque até o momento em que uma das equipes marca um ponto.

[10] Espaço sem ninguém na quadra.

[11] Ponto final do último set, que determina quem ganhará o jogo.

[12] Jó 38.1-5 (NVT).

[13] Jó 42.1-6 (NVT).

[14] Marcos 9.24.

[15] Jó 42.5 (ARA).

[16] Filipenses 4.6-7.

[17] *Tiebreak*, ou set de desempate, é o quinto set em uma partida de vôlei. Diferente dos primeiros quatro sets, no tiebreak o time precisa apenas de 15 pontos, tendo 2 pontos de vantagem, para vencer.

[18] Saque em que a bola aterrissa direto no campo do adversário sem ser tocada por ninguém.

[19] Mateus 28.18-20.

[20] Não vou citar nomes, porque não sei se posso haha. Mas que fique registrado que o epílogo deste livro foi inspirado em um dos principais jogadores

do Clube Renata de Campinas (e sim, o nome da Renata, a melhor amiga da Cádi, foi em homenagem a esse clube!)

ABOUT THE AUTHOR

Débora Ciampi Eller



Débora é leitora sem querer e escritora por acaso. Quando criança, não tinha paciência para livros. "Para que ler se posso ver os filmes?", era o que ela costumava pensar - até que leu Crepúsculo e Percy Jackson e, quando viu, se tornou, sem querer, uma leitora assídua. Sua vida com a escrita também não foi intencional. Um dia, aos 12 anos, na hora de dormir, uma frase ficou ecoando em sua cabeça, até que ela precisou levantar e colocá-la no papel. E, assim, por acaso, se tornou escritora. Hoje, lê porque quer e escreve porque gosta. Cria as histórias que leria (como qualquer autor) e constrói lugares em que pode descansar e se divertir.

Acompanhe a autora pelo Instagram:
[@debora_entreaslinhas](#)

BOOKS BY THIS AUTHOR

Grama De Vidro

E SE CANTAR NO CHUVEIRO MUDASSE SUA VIDA?

Madu se considera uma jovem de espírito idoso. Apesar de seus vinte anos, ela não gosta de lugares lotados, nem de muito barulho, nem de euforia demais em um único ambiente.

Por isso, não foi surpresa alguma Madu não ter ficado animada quando Carol, sua melhor amiga e a maior fã de Grass of Glass que ela conhece, a chamou para ir a um show de sua banda preferida.

A surpresa foi Madu cantar no chuveiro e alguém ouvi-la.

A surpresa foi encontrar um dos integrantes da Grass of Glass no elevador.

A surpresa foi Madu se deparar com um dilema entre um amigo inusitado e um cantor famoso.

Em meio a opções inesperadas, oportunidades irrecusáveis e muita música, amizades são forjadas e um sentimento suave encontra espaço nos corações que parecem ser mais

frios e fechados.

“Grama de Vidro” é um romance de ficção cristã leve e apaixonante, mas não apenas isso. Por meio de músicas, conversas e reflexões, essa história nos lembra de verdades eternas e nos conduz ao verdadeiro lugar de paz.

Voz De Âmbar

Uma das cenas preferidas dos leitores, agora por outro ponto de vista!

“Voz de Âmbar” é um spin-off de “Grama de Vidro” e contém MUITOS spoilers, por isso é altamente recomendada a leitura do livro antes do conto.

Apenas Mais Um Conto

QUAL É O PREÇO DE UM SEGREDO?

A vida de Isabela Castelli parece muito com as histórias das Princesas da Disney que ela assistia quando criança. Órfã aos dez anos, ela foi acolhida pela família dos amigos mais próximos de seus falecidos pais, mas o que parecia um recomeço acabou se tornando um enredo digno de um clássico conto de fadas.

Sentindo-se aprisionada na mansão dos Bastos, Isabela cresceu à mercê das manipulações e vontades de sua tutora e de seus três filhos. Mimados, eles nunca viram a menina como mais do que uma gata borralheira. Agora, aos 16 anos, tudo que Isabela mais deseja é encontrar um escape de sua realidade nada encantada.

Quando sua escola promove um Baile de Máscaras, Isabela se vê em sua noite de princesa, finalmente longe de seus afazeres e obrigações. E é com o Menino da Máscara Preta que ela se sente mais à vontade para se abrir e se sentir novamente como ela mesma.

Mas e se o príncipe se mostrar não tão encantado assim? Isabela terá coragem de se revelar depois de perder um objeto tão importante com ele? Valerá a pena arriscar relações para se manter anônima? Por quanto tempo ela tentará fugir?

Isabela terá que ser corajosa e encarar a verdade. Afinal, a verdade sempre permanecerá.

Apenas Mais Outro Conto

Nada se resolve da noite para o dia. Isabela Castelli aprendeu essa lição do jeito mais difícil, com toda a confusão do Baile de Máscaras.

Quase dois anos após ter se mudado da casa dos Bastos, Isabela ainda precisa encarar seu passado e lidar com as consequências de tudo que aconteceu.

Agora, começando a faculdade e sobrevivendo à correria da vida adulta, Isabela reencontra o maior dilema de sua adolescência: Benjamim.

Será que, depois de tanto tempo sem mal trocarem uma palavra com o outro, eles já se perdoaram de verdade? Será que Ben ainda tem interesse em voltar a ser seu amigo? Ou pior: será que Isabela ainda corre o risco de sentir todas aquelas borboletas no estômago?

Apesar de todas as dúvidas, uma coisa é certa: o passado precisa ser resolvido.

"Apenas Mais Outro Conto" é o desfecho da Duologia Apenas Mais Um Conto, então é altamente recomendado que se leia o primeiro livro antes de ler o segundo.